REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 9
2023
Anual

Goiânia-GO
Kelps, 2023

Copyright © 2023 by Academia Morrinhense de Letras

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 – St. Marechal Rondon
CEP 74.560 – 460 – Goiânia-GO
Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

ACA Academia Morrinhense de Letras.
rev Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 9, Volume 9 – Goiânia : Kelps, 2023.

194 p.

ISSN: 2447-1437

1. Academia Morrinhense de Letras – Revista. 2. Literatura – Prosa e Poesia. Morrinhos (GO). I. Titulo

CDU: 050(817.3)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2023

ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

É uma Sociedade Civil, sem Fins Lucrativos
Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Rua Dom Pedro II, nº 709, Centro – 1º Andar
CEP: 75650-000 – Morrinhos – GO
Entidade de Utilidade Pública – Lei Municipal nº 2.223 de 23 de fevereiro de 2006.
Entidade de Utilidade Pública – Lei Estadual nº 21.321 de 04 de maio de 2022.

DIRETORIA DA AML

Presidente: Wander Oliveira Melo
Vice-Presidente: Júlio Cesar Meira
1º Secretário: João Orlando Luiz de Oliveira
2º Secretário: Tênio do Prado
Tesoureiro: Paulo Tárcio Martins
Bibliotecária: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo
Secretário Adjunto de Divulgação: Kleuber Eterno Alves de Oliveira
Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Produtor Editorial: Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: Kleuber Eterno Alves de Oliveira

HISTÓRICO DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

José Afonso Barbosa.

Na véspera do Natal de 2000, tive um encontro com o Eurico Barbosa num jantar promovido pela UBE, União Brasileira de Escritores, no Restaurante Lancaster Grill, em Goiânia, onde pude conversar com ele sobre o desejo de criar em Morrinhos uma academia, nos moldes da Academia Goiana de Letras e o assunto o deixou eufórico. Ali mesmo já tratamos de alguns nomes de futuros acadêmicos, porém, o assunto foi levado em banho-maria, raramente ventilado. Em março de 2004, foi feita a primeira reunião para tratar da fundação da Academia Morrinhense de Letras. Essa reunião se deu nas dependências do então prédio da Superintendência Municipal de Cultura, ao lado da Biblioteca Pública Municipal Prof. José Cândido. Nessa primeira reunião, estava presente grande parte dos Acadêmicos fundadores e outras pessoas generosas que muito ajudaram no início da criação da Academia. Inúmeras reuniões se seguiram, até que se chegasse a um acordo quanto ao estatuto, aos patronos e aos acadêmicos que comporiam a Academia. No dia 11 de dezembro de 2004, nascia este Sodalício. No dia da inauguração oficial da Academia Morrinhense de Letras, ainda sem lugar próprio para funcionamento, utilizamos a sede social do Rotary Club de Morrinhos para a festividade, que contou com a presença de grande parte da comunidade local e o pronunciamento de várias autoridades do município e também de acadêmicos deste sodalício. Seu presidente, José Afonso Barbosa, fez o discurso de encerramento.

Nos primeiros anos da Academia, desenvolvemos vários projetos relevantes à cultura de nossa terra. Dentre eles, uma série de palestras em homenagem aos patronos de cada acadêmico.

Desejosa de mostrar a riqueza histórica de nossa gente e contando com a colaboração da comunidade de Morrinhos a Academia Morrinhense de Letras desenvolveu o projeto "MEMÓRIA VIVA", em atividade até hoje, cujo objetivo é resgatar um pouco de nosso glorioso passado, trabalhando com a cultura imaterial, através da história oral, uma vez que esta é responsável por manter viva a nossa história política e social, geralmente deixada nos subterrâneos do esquecimento. Algumas famílias privilegiadas de experiências, vão passando esse rico legado às gerações que vão surgindo, mantendo vivo este grande manancial histórico, deixado por nossos pioneiros, que construíram e nos deixaram de herança este imenso patrimônio cultural.

Outro projeto muito relevante da Academia, é o Concurso "Arara Canindé", o qual envolve a classe estudantil, como mesmo um exercício de extensão em parceria com a educação. Esse projeto foi implantado na gestão em que a Carmen Lúcia Freitas de Mendonça era presidente e já obtivemos excelentes resultados em todas suas edições.

Outro projeto interessante é a participação da Academia na Noite Cultural, quando da Festa da ExpoMorrinhos e que já passa de uma década em que pessoas ilustres são homenageadas naquele evento tão participativo pela comunidade morrinhense e circunvizinha.

Ao longo dos anos, temos nos esforçado para cumprir a tarefa que nos cabe, qual seja, honrar e defender o nosso Sodalício em todo tempo e lugar, lutar pela nossa cultura, nosso patrimônio histórico, saindo também em defesa da língua pátria, suas cores e símbolos nacionais. Além de cumprir fielmente o seu estatuto, certidão de batismo de nossa academia, que nos guia e orienta no dever de bem cumprir os seus desígnios.

No ano em que a Academia completou 13 anos de fundação, houve uma grande renovação nos quadros de nossa Arcádia. Vieram pessoas jovens, cheias de ideais, de energia e dispostas ao trabalho. Nossa Academia vislumbra um grande crescimento, um belo e glorioso futuro.

A Academia segue seus passos. O Acadêmico passa. Ela fica. Ela é a guardiã de nossas letras, nossa cultura, nosso patrimônio histórico. O Acadêmico escreve sua história. A Academia é a sua história. Acadêmico e Academia formam uma junção. Um não vive sem o outro. A renovação é constante. E, os dois juntos, acadêmico e academia, representam a sua comunidade, o seu Município, o seu Estado, o seu País.

APRESENTAÇÃO

Caríssimos(as) leitores(as),

É com grande apreço que apresentamos a vocês a nona edição da revista anual Academia Morrinhense de Letras. É indubitavelmente um marco muito importante para os acadêmicos e escritores morrinhenses, pois, possibilita a identificação e a publicação de inúmeros valores literários, históricos e poéticos.

Desde a primeira edição, esta revista tem como propósito, difundir e incentivar a capacidade da escrita nas suas mais diversas formas.

A cada ano que passa, a revista busca inovar, sempre com o intuito de registrar em suas páginas, trabalhos literários e culturais como: a prosa poética em forma de contos, poemas, poesias, artigos da história local, crônicas contemporâneas, além de ponderações de escritores que relatam os acontecimentos da vida e do cotidiano morrinhense.

Por fim, esta publicação torna-se especial e tangível, ao preencher as lacunas da literatura com as produções artísticas e culturais dos acadêmicos e dos escritores morrinhenses que se dedicam ao ofício da escrita; esse dom, desperta um gosto literário especial, idealizando e concretizando com palavras os pensamentos e sonhos da vida, revelando todas as manifestações artísticas, abrangentes e construtivas de quem modela as palavras na arte de escrever.

Wander Oliveira Melo
Presidente

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: ACADÊMICOS

Mensagens literárias de Portugal em haicais 19
Gratidão 25
Pétalas 26
Primaveras lisboense 27

Passos 29

Reflexão: Vida 30
Na minha janela 31
Voz do silêncio 32
Pensar 33

Breve histórico do surgimento da Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos 34

As descrições e reflexões sobre as Folias em geral 40
Uma semente na guerra 48
O amor venceu 50
Sangue e alma 52
Tristeza em amizade 55

Entre o silêncio e o diálogo 57
Luar 60
Santa Ceia 60
Sentimento coletivo 61
Poema Cantares 61
Toy 62

Ferrovias, os primórdios do rodoviarismo em Goiás e a chegada do primeiro automóvel em Morrinhos-GO 63

IX Noite Cultural – Uma promoção do Sindicato Rural de Morrinhos e da Academia Morrinhense de Letras – 2017 70
Salve Nossa Senhora do Carmo 73

A parábola das dez virgens 75
O Conto, o Cravo e o Franjinhas..... 78
O sonho da partida 79

Às margens do Rio Araguaia uma mulher reflete sobre o Feminino-Mulher..... 82

Discurso de recepção e posse do acadêmico Benedito Alves Moreira 88

Saudosa maloca..... 95
Uma noite, grilos e uma cama 98

Editados..... 99

A hora, o segundo, o piano e o prato..... 116
Gramática do amor 119
De qualquer jeito..... 120
Big Bang digital 122
Amor estranho amor 124
A mentira da verdade 125

Cantinho da cultura 126
Valores da cultura tradicional em Morrinhos 129
A exploração social..... 131
Como caminha a humanidade..... 133
Crítica construtiva 135
Respingos históricos 137

Conversão 139
Jeromão 142
Tempos de estudante 144
Amigo e político..... 147
Casamento 150

Discurso de posse na Academia Morrinhense de Letras 153
Loló – o morrinhense que jogou no Corinthians – SP 156

Êta vida 158
Decepção 159
Arrependimento 160

Louvores a Morrinhos..... 161
Antítese..... 164
O gênio 167
Saudades de Mosqueiro..... 170
Sábado 171

SEGUNDA PARTE: ESCRITORES MORRINHENSES

Como te adorar 175
Texto dramático – Entrevista com Eva 177

Mostra de desenhos de João Gabriel Leonel de Sousa 181

Aspectos gerais da Segunda Guerra Mundial e as principais armas utilizadas durante o conflito 182

Ricco, o Supermenino 190

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 9 – 2023 – Anual

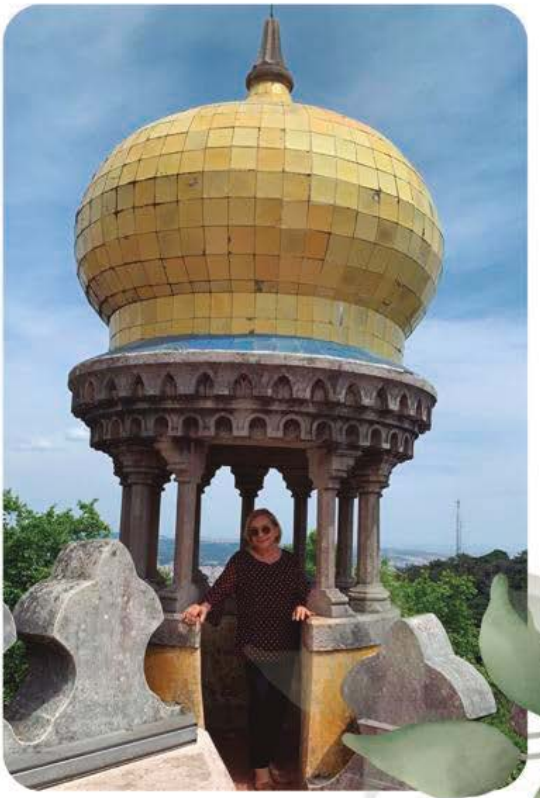
PRIMEIRA PARTE

ACADÊMICOS

Mensagens Literárias de Portugal em Haicais

1- Um felino gigante, em arte, minunciosa compostação, reflete talento, geniosidade e aptidão.

2-Castelo Pena, em Sintra,
o último da dinastia Bragança,
traz expressões do Romantismo
e históricas lembranças.



3-O poeta Fernando Pessoa, em Lisboa, estende sua mão com expressão feliz, no Brasil, no Rio de Janeiro, sentado na orla, está Machado de Assis.

4-Há um santuário muito visitado, em Fátima, onde peregrinos, diante da Imagem, ajoelham-se em procissão, é uma demonstração de Fé e Devoção.

5-Numa feita tradicional
Portuguesas se vestem a caráter
oferecem docinhos, biscoitos,
geleia e simpáticos sorrisos.

Gratidão

Após a tormenta;
Vitórias, alegrias, esperanças e fé que aquecem almas, renovam forças, cultivam gratidão.
Gratidão nobre sentimento que multiplica o que é bom, sublime e verdadeiro.
Gratidão dá sentido e grandiosidade à existência.
Gratidão faz aflorar poesia.
Gratidão é música suave.
Gratidão é como o desabrochar das flores.
Gratidão é glória da vida.
Gratidão é luz e florescência.
Gratidão desconstrói o mal.
Gratidão é o pulsar de um coração.

Pétalas

Uma flor,
aroma no ar.
Na aurora amanhece
orvalhada.
Viva resplandece, sobressai
como estrela no céu.
Seu fragor delicado
vai aos poucos esvaindo.
As pétalas se desprendem,
vagarosamente.
Assim, vai desvanecendo,
a Rosa.

Primavera Lisboense

Uma bela e antiga cidade, Lisboa, com seu manto primaveril, recebe turistas de todas as partes do mundo, mas a maioria do Brasil.

Nas praças, os canteiros, artisticamente planejados saúdam a estação, esbanjando elegância nas flores multicores, que movimentam suas hastes, com beleza, incentivadas pelo toque sereno da brisa matinal.

Ah, Lisboa! Que sorri sempre airosa...

Os turistas se revezam nos passeios em caminhadas, nos Tuk-Tuks, esses carrinhos indianos que fazem proezas e encantam a todos. É uma opção poética, que desperta a criança que se esconde na alma dos adultos felizes; então, aproveitam os anseios da infância e do incondicional desejo de voltar a ser pequenino por alguns momentos. Não indo muito longe, no centro histórico da capital portuguesa, na praça do Chiado, está Fernando Pessoa, sentado em um banco, uma estátua perfeita com uma expressão reflexiva.

O que estaria passando na mente desse grandioso poeta? A construção de um poema? “Tudo vale a pena se a alma não é pequena” ... Seus versos versam sobre a vida, o amor, a natureza e outros temas não menos agradáveis de se ler.

Outro poeta épico lisboense recebeu homenagem na belíssima Praça Luís de Camões. Ele escreveu, Os Lusíadas, o livro mais famoso da literatura portuguesa, que narra as conquistas dos bravos navegadores lusitanos. Com esta obra Camões homenageou o seu rei D. Sebastião.

Portugal é cultura, prazer e laser. É compensador chegarmos às nossas raízes e vibrarmos com a história onde começou o Brasil.

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça.

– PASSOS –

Cleusa Marina Freitas.

No experimento de dores e perspectivas
Entre querer e sem querer
Tranço vivo e semivivo
Transcendência de anos infinitamente longos na chama,
Fugazmente breves no prazer.

Sou ínfimo andante
Na multifacetada barca do viver,
A esperança é raio lânguido de luz
Num cotidiano entediante e imparável
Luta desigual entre ser, sem ser.

Olho oblíquo para a gênese do existir
Vejo a intenção límpida do chamado a ser pessoa
Carnal, espiritual, sem maldade, sem orgulho, sem juízo
Sem pretérito, nulo o presente, nem o há-de-vir,
Apenas encontro da essência do que sou.

Óleo sobre tela de Ellen Carneiro Vale

Reflexão: VIDA

Ellen Carneiro Vale.

Do imaginário viemos,
Ao imaginário ascendemos...
Pegadas no chão, ficaram!!!

NA MINHA JANELA

Ellen Carneiro Vale.

Minha "janela" se abre todos os dias para o espaço.
O meu próprio espaço, que tento decifrar.
Horas, dias, anos se passam e, eu, na
"janela" vendo tudo se descortinar; passar...
Eterno descortinar, indo e vindo.
O que vai, também volta, assim como as
Aves migratórias, a percorrer
Estações: hora marcada e em tempo
Determinado, voltam de suas jornadas,
Trazendo mensagens.
E eu, mística, fico aqui, a decifrar
Enigmas!
Além de mim!
"NA MINHA JANELA".

Óleo sobre tela de Ellen Carneiro Vale

VOZ DO SILÊNCIO

Ellen Carneiro Vale.

Na minha casa tem um único quarto: o
Meu.
Os outros, são invisíveis.
Pessoas há, invisíveis.
Vozes ouço, quando se calam.
Sons, só no silêncio.
Ellen Carneiro Vale.

PENSAR

Ellen Carneiro Vale.

Pensamento vai, pensamento vem.
Teimoso, uma confusão.
Incrível o pensar. Leva a gente aonde quer.
E nos outros vamos com ele, fazendo descobertas.
Vai e volta, indo e vindo, como o mundo em expansão.
Coordenação motora do consciente e inconsciente.
Só Deus sabe o mistério do porquê do pensar.
Deus é a poesia da natureza em evolução...
Nós e todos os seres, desde o micro até ao macro,
Temos gravado na consciência de tudo,
A nossa mais profunda essência.
Sabemos quem SOMOS... É no
Inconsciente que a VERDADE nos aponta
Todas as verdades: sabemos quem
SOMOS...

BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA COOPERATIVA MISTA DOS PRODUTORES DE LEITE DE MORRINHOS

Wander Oliveira Melo.

Em 1978, houve um encontro informal de produtores de leite, no parque de Exposição Agropecuária do município de Morrinhos, que contou com as presenças dos senhores Sebastião Rodrigues de Godoy, Epitácio de Freitas, Jorivê Alves da Silva, Dr. Jerônimo Maia de Mendonça, Sebastião Eduardo de Barros e Jorgiano Alves de Oliveira. O tema que se tratava nessa reunião era a venda de leite para a empresa Leco, que recebia leite dos produtores de Morrinhos, e pagava por meio de nota promissória rural, com prazo de três meses, situação que deixava os produtores indignados.

Nessa reunião, surgiu a hipótese de que a Cooperativa Central do Estado de São Paulo – CCLESP, também conhecida como Leite Paulista, estava especulando vir para Morrinhos; essa informação despertou o interesse de João Rosa Campos e, junto com ele, outros produtores de leite também ficaram interessados.

De acordo com o diretor fundador da Complem, Dr. Jerônimo Maia de Mendonça, eles, do Sindicato Rural, foram atrás de mais informações a fim de apurar os fatos; nesta ocasião, o Diretor da Leite Paulista veio a Morrinhos e se reuniu com esse grupo de produtores; dessa reunião ouve um entrosamento, onde ambas as partes foram favorecidas.

Naquela época, em Morrinhos existia a Cooperativa Agropecuária do Sul de Goiás – Capsul, localizada à Rua Rio Grande do Sul, nº 578, com loja e escritório administrativo próprios, tendo ambos cessado suas atividades. A Capsul também contava com um grande armazém que abrigava máquinas de arroz e um depósito de grãos para milho, soja e feijão localizado onde hoje fica o Supermercado Complem.

Pouco tempo depois do encontro com o Diretor da Leite Paulista, aquele grupo de produtores se organizou e criou uma cooperativa, conforme nota-se na figura 1 abaixo e todos que faziam parte da Capsul se interessaram e foram associar-se à nova cooperativa.

Figura 1 – Assinando a Ata de Criação da Cooperativa – Grupo Fundador da Cooperativa

Fonte: https://complem.com.br/conheca-a-complem/

Os líderes da recém-criada cooperativa conversaram com a Leite Paulista, que veio a Morrinhos e comprou o prédio do armazém da Capsul, localizado na Avenida Prof. José do Nascimento nº 285-A, onde construiu uma plataforma de recepção de leite, a qual foi cedida para a Complem instalar a primeira sede da cooperativa. Quando foram para lá, encontraram a construção toda pronta para a recepção do leite; a Leite Paulista havia deixado tudo organizado para eles começarem as suas atividades.

Com o prédio escriturado em nome da Paulista, a cooperativa começou suas atividades na recepção de leite e, após um período de conversas e negociações, foram feitas as primeiras reuniões e, no dia 15 de junho de 1979, a cooperativa que funcionava com o nome Capsul, deu baixa na firma, ato devidamente registrado em ata e, nesse mesmo dia, passou-se a chamar Complem, apresentando à mesa a seguinte chapa para a diretoria: Sebastião Rodrigues de Godoy, Epitácio de Freitas e Dr. Jerônimo Maia de Mendonça; após a votação foi lavrada e registrada a Ata.

Com os trâmites legais resolvidos, a Complem iniciou suas atividades. No posto de resfriamento de leite de propriedade da Leite Paulista, promovendo algumas reformas no imóvel, construindo ao lado da plataforma três salas no piso superior, onde foi montada a sala da diretoria da Complem. Na parte inferior desse prédio, havia uma sala que dava para a rua Felício Chaves com duas portas comerciais que foram usadas para instalar um pequeno comércio para atender aos cooperados.

Figura 2 – Plataforma de Recebimento de Leite da Complem

Fonte: Revista do Sesquicentenário de Morrinhos

Segundo Dr. Jerônimo Maia de Mendonça, o leite era recebido em nome da Complem, contudo a escritura do imóvel ainda estava em nome da Leite Paulista. Diante dessa situação, Sebastião Godoy, então presidente, reuniu-se com sua diretoria que estava num mandato de quatro anos, para analisar a possibilidade de comprar o imóvel para a cooperativa. Com todos de acordo, começou a negociar essa compra, que foi realizada com a Leite Paulista, que passou para a Complem a escritura pública do imóvel. Nessa negociação, Sebastião Godoy foi quem assinou a escritura de compra do referido imóvel, pagando a compra pela Complem.

Assim, nasceu a Complem, fruto do trabalho e da dedicação desse grupo de cooperados que queriam ter um órgão que representasse verdadeiramente a classe da pecuária leiteira morrinhene. Como foi mencionado anteriormente, esse trabalho teve início em 15 de junho de 1979, quando foi eleita sua primeira diretoria composta por Sebastião Rodrigues de Godoy, Epitácio de Freitas e Dr. Jerônimo Maia de Mendonça, sendo suplentes Adomervil Fernandes de Paula e Dr. Antônio Júlio Gentil de Melo; o Conselho Fiscal composto por Jorivê Alves da Silva, Jorgiano Alves de Oliveira e Abel Gonçalves de Lima, sendo suplentes Valdomiro Avelino Vieira, Sebastião Cardoso e Francisco Alves Canedo.

Desde o início, aplicou a esse trabalho bem-sucedido uma dinâmica de gestão constituída pelos princípios de uma nova e verdadeira filosofia nunca experimentada em Morrinhos, dando lugar a uma gestão empresarial, que pudesse elevar o cooperativismo sem se afastar das diretrizes doutrinárias da atividade cooperativista.

Foi um caminho cheio de dificuldades e contratempos, aparentemente intermináveis, mas, aos poucos, os problemas foram resolvidos e conseguiram criar a ordem necessária para o desenvolvimento do projeto, que gradativamente foi ampliado e rememorado por outros cooperados, que entenderam que essa filosofia de trabalho era necessária para a ampliação do empreendimento.

Para esse êxito destaca-se o estímulo que a Complem recebeu da Leite Paulista durante todos esses anos, apoiada por outras 36 cooperativas filiadas ao Leite Paulista que, no mesmo sistema reuniram mais de 25 mil cooperados, operando o mais puro cooperativismo no Brasil.

Dessa forma, a Complem foi progredindo e chegou ao ponto de ampliar suas instalações. Como não era possível fazer isso dentro da cidade, foi adquirido uma propriedade às margens da BR-153, na Área do Distrito Agroindustrial de Morrinhos (DAIMO), onde foi construída uma nova fábrica de laticínios e de rações, conforme nota-se na figura 3 abaixo.

Figura 3 – Complexo Industrial da Complem – DAIMO

Fonte: https://complem.com.br/cooperativas-que-alimentam-o-agro/

Por meio da captação e processamento do leite, a Complem realiza a industrialização e beneficiamento dessa matéria-prima, produzindo queijo tipo parmesão, montanhês e mussarela, manteiga, creme de leite pasteurizado, requeijões, bebida láctea, doce de leite, leite

pasteurizado tanto em embalagens de caixa, quanto em sacos plásticos. Atuando também em outros segmentos como: produção de rações balanceadas, suplementos minerais, suplemento proteico e energético, fornecimento de mercadorias insumos/consumo, fornecimento de combustíveis, armazenagem e comercialização de grãos, além de prestação de serviços de assistência técnica e social aos cooperados.

Suas unidades no município de Morrinhos abrangem: Matriz, Supermercado, Loja Agropecuária, Posto de Combustíveis e o Complexo Industrial – Laticínio, Fábricas de Rações e Suplementos Minerais, Armazém Graneleiro e Fazenda Modelo /CTC – Centro Tecnológico da Complem, onde acontece a Agrotecnoleite.

Diante deste crescimento, a Complem criou filiais em 13 municípios estratégicos: Água Limpa, Buriti Alegre, Pontalina, Corumbaíba, Edeia, Aloândia, Goiatuba, Caldas Novas, Itumbiara, Rio Quente, Edealina, Aparecida de Goiânia e, agora, Ipameri. Além de possuir dois Centros de Distribuição em Aparecida de Goiânia e Brasília.

Para dar oportunidades aos pequenos produtores de leite, a Complem elaborou a Feira da Agricultura Familiar, com a presença de 50 famílias que negociam seus produtos com a comunidade local.

Por meio dessa estrutura, a cooperativa produz muitos benefícios não só para os cooperados, mas também para os municípios onde estão instaladas suas filiais, que, além de estimularem a economia, geram empregos direta e indiretamente.

Referência Bibliográfica:

Entrevista realizada com o Diretor Fundador – Dr. Jerônimo Maia de Mendonça, no dia 11/09/2023.

Jornal da Complem. Ano 1 nº 01 junho de 1985.

Revista do Sesquicentenário de Morrinhos 1995.

https://complem.com.br/

AS DESCRIÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS FOLIAS EM GERAL

José Henrique Rodrigues Machado.

Ao pesquisar os arquivos públicos do Vaticano, em sua página www.vatican.va, notamos que inexistem registros de Folias na Santa Sé, por certeiro a tratar-se de uma forma não oficial de Catolicismo. Fatídico é que tal prática inspira-se nas escrituras bíblicas do cristianismo, tendo seu teatro, rito, liturgia e práticas extraídas segundo o livro do evangelista Mateus, que no capítulo 2[1], também podendo ser visto no evangelho segundo Lucas, narra a saga de Três Reis Magos, em visita ao Messias recém-nascido, em Belém. Frisamos a efígie bíblica[2] presente nas Folias, como inspiração de suas ações.

1 Depois que Jesus nasceu em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: "Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". Quando o rei Herodes ouviu isso, ficou perturbado, e com ele toda a Jerusalém. Tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei, perguntou-lhes onde deveria nascer o Cristo. E eles responderam: "Em Belém da Judeia; pois assim escreveu o profeta:
'Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és a menor entre as principais cidades de Judá; pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo' ".Então Herodes chamou os magos secretamente e informou-se com eles a respeito do tempo exato em que a estrela tinha aparecido. Enviou-os a Belém e disse: "Vão informar-se com exatidão sobre o menino. Logo que o encontrarem, avisem-me, para que eu também vá adorá-lo". Depois de ouvirem o rei, eles seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no Oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino. Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo. Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ouro, incenso e mirra. Mateus 2:1-11 (BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. Evangelho segundo Mateus).

2 No Brasil, a catequização promovida por Anchieta utilizava-se das artes, especialmente canto e dança, inserindo-os nas manifestações religiosas oficiais. No século XVI, as festas populares foram condenadas pelos Bispos e, somente depois do Concílio Vaticano II (momento de abertura da Igreja frente as demandas de um mundo assombrado pela globalização) a Igreja católica abriu-se para aceitar a força das manifestações populares. Antes da década de 60, com a não tolerância das manifestações populares, a Folia vai para ruas e zonas rurais periféricas. Desse modo, desenvolveram bastante seu caráter popular, entremeando elementos da vida no campo com acontecimentos bíblicos.

Na tradição oral, condicionado ao que ajuizou em seus estudos, Pessoa (2005) classifica os reis como magos astrônomos e astrólogos, exímios estudantes de corpos celestes, reconhecidos pelos nomes de Gaspar, Baltazar e Belchior (Melchior), inclusive replicados na "Bíblia de Jerusalém", cópia considerada pelo catolicismo a mais fidedigna dos escritos originais. O primeiro, egresso da Ásia, teria partido para a peregrinação levando consigo incenso para proteger o Menino Deus de insetos, além de ser o incenso símbolo de fé e espiritualidade. Baltazar teria saído da África carregando o óleo da mirra (ou resina, de difícil precisão) extraída de uma planta de mesmo nome, perfumada, simbolizando imortalidade. E, por último, Belchior ou Melchior originário da Europa que teria levado ouro como presente, ilustrando a presença da riqueza e realeza do Menino Jesus.

Outra narrativa possível, para esses reis magos, é a de serem eles magos sacerdotes. Nessa perspectiva, Elíade (2010) nos faz olhar para o Oriente, para a Cítia, região dos antigos praticantes do zoroastrismo, os quais, muitas vezes, eram considerados como feiticeiros necromantes ou aborígenes. Estes são caracterizados magos pelo mundo ocidental, devido aos rituais. A presença e o contato com os hebreus estão expostos na tradição bíblica, no livro de Ezequiel, cap. 38, recebendo o nome hebraico de Mogogue (ELIADE, 2010).

Independentemente das origens dos Reis Magos, essa crença foi transportada do Oriente para a Europa, onde pode ser encontrada uma festa lusitana antiga, com aspiração religiosa, e inspiração nos mesmos. A festa de São Baltazar, dia 06 de janeiro, que comemora a festividade do santo de origem da Frigia, Ásia, com o acréscimo das chamadas "relíquias sagradas"[3] (PESSOA, 2005). Ainda em Pessoa

3 Conforme Cymbalista (2006, p.35): "*As relíquias sagradas*, restos físicos dos santos, principalmente seus ossos, mas também outros artefatos com os quais os santos tiveram contato. Os atributos simultâneos de sacralidade e mobilidade da maior parte das relíquias, sua condição de repositório portátil da história e da memória católicas, deram a esses artefatos uma posição altamente privilegiada como agentes da duplicação do território cristão na América. Mas as relíquias sagradas na época colonial informam ainda mais do que isso: evidenciam aspectos do conflito religioso entre católicos e protestantes, que também aconteceu na América, e, sobretudo, constituíram objetos em torno dos quais missionários e índios estabeleceram um campo de traduções e interlocuções, levando adiante, nas vertentes católica e ameríndia, o difícil trabalho de reconhecimento e apropriação do outro".

(2005, p. 65) podemos frisar dados interessantes das pesquisas sobre os Reis Magos,

> [...] como a cruz, um pano do tipo balandrau, partes de relíquias católicas, muito usuais no século XII, como forma, inclusive, da legitimação do catolicismo. Frederico Barbaroxa quando de sua invasão a Milão, em 1162, encontrou os restos mortais dos Reis Magos, as relíquias, e os únicos documentos que contavam suas histórias e datavam e tempo de vida dos magos: Melchior (Belchior) morreu com 116 anos, em 1 de janeiro. Gaspar, com 109 anos e Baltazar, com 112 anos, os dois últimos falecidos em 6 de janeiro. E, a partir desta data especula-se a tradição do dia à devoção aos santos devocionais do catolicismo.

A partir dessa narrativa, uma série de tradições miméticas, tais como "Janeiras, Companhia de Reis, Festejos de Santos Reis, Terno de Santos Reis, Folias de Reis, Reisadas/Reisados ou ainda Caravana de São Francisco de Assis" (PESSOA, 2005, p. 35) seguiram fortemente na Europa, conservada esta tradição até os dias atuais[4].

Ao pesquisar o fato histórico do qual se envolve as festividades dos Reis Magos, vemos em Tremura (2009) que na França e em Portugal a tradição é muito semelhante, pois, há o culto ao menino Jesus, espelhado na visitação primeira, como numa peregrinação, com cânticos e procissões pelas ruas das cidades e lugarejos, recontando versos com o fato da visitação dos reis ao recém-nascido, podendo-se, inclusive, ousar dizer que há um processo de aglutinação da narrativa bíblica com o feito dos foliões e folias.

Como parte importante dos festejos, é feito um bolo que traz uma fava seca dentro, e quem a encontra no *Galette des Rois*, no francês, Bolo dos Reis, em português, será o responsável pela organização

4 A peregrinação foi chamada em alguns lugares, principalmente na Itália, de Caravana de São Francisco de Assis em alusão ao criador do primeiro presépio montado, em argila, em 1223, para festejar a noite de Natal, não mais na Igreja, como de hábito, mas sim na floresta, desta feita na Floresta do Greccio. Francisco de Assis (1182 – 1226) foi o precursor da montagem do presépio.

do rito festivo do próximo ano. Ficando responsável pelo 'giro[5]', ponto primordial da representação, que perfaz o trajeto, com o devido cuidado. No giro não se admite que se volte para trás, tampouco que se façam movimentações de cruzamentos dos lugares antes visitados. Este período, na França e em todo o mundo católico, é chamado de Épiphanie, traduzimos como Epifania do Senhor, data entre o Natal e dia 06 de janeiro, em que a Igreja comemora o dia de Santos Reis, conforme elucida Assouline (2020, p.02). Em igual prática, a tradição desta movimentação que remontara à visitação ao Menino Deus fez-se tradicional na França e em Portugal, com ações de peregrinação, que julgamos ser, semelhantes às folias.

Citamos ainda a referida tradição, com alterações, a Espanha, país cujo costume é de que,

> [...] principalmente as crianças, escrevam cartas, coloquem cenouras e capim nos sapatos para alimentar os camelos dos Reis Magos. Nesta tradição é feita o *Roscón de Reis*, o Bolo de Reis, e sobre a quitanda é colocada uma coroa, repetindo a ideia da fava seca, e o contemplado é chamado de o Rei, leva a coroa, se torna o festeiro, e ficará responsável pelos festejos no ano seguinte.

Já na Itália, a Festa Della Befana, assevera Assouline (2020, p. 17) que na primeira semana de janeiro utiliza-se música, doces e comidas para festejar o Menino Jesus. A Alemanha repete o mesmo hábito incrementando os cânticos, em ritmo de lamúria, com cinco vozes de cantos, com enlevo ao canto gregoriano, chamado por muitos, o Cântico dos Céus.

Para além da cantoria e da peregrinação, chamada de giro nas folias, que ora nos debruçaremos sobre este conceito, é outro ato que ganha a cena neste tipo de tradição. A gastronomia é um fator que congrega e merece destaque, dada a sua importância, inclusive no rito,

5 Giro é o nome que se dá ao trajeto, casa a casa, dos foliões e acompanhantes, desde a saída até a chegada. (LARAIA, 1986, p. 34)

com a comida benzida e oferecida, rezada, que iremos tratar posteriormente. E, mesmo com o decorrer de tantos anos, a prática dialoga entre estas tradições de folia. Não rara, tal prática é notada em quase todas as celebrações religiosas que se tem conhecimento, o que dialoga com a importância dessas realizações religiosas.

O Centro-Oeste exibe a força desta tradição em território central do Brasil. Tendo representação em todos os estados desta região federativa com sua maior parte constituída de cultura e tradições tipicamente rurais, especificamente por sua tendência econômica galgada na agricultura e com hábitos campesinos, ganhou importante força no Centro-Oeste brasileiro a tradição das Folias, cuja manifestação é evidente.

E aqui sugerimos que tal tradição passou a ser incorporada ao fazer coletivo das comunidades, propondo-lhes agenda anual, ganhando destaque como uma forma de catolicismo, que, inclusive, manteve-se forte também nos centros urbanos. E é no campo que a tradição das folias desenvolve ainda mais seu caráter popular, entremeando elementos da vida no campo com acontecimentos bíblicos.

> O que conduzia a identidade da religião rústica dos moradores caipiras era a formação e a reprodução de uma ordem religiosa derivada, mas ativamente tornada própria e comunitária através da garantia de um distanciamento frente ao controle da Igreja Católica (BRANDÃO, 1985, p. 45).

Vemos, no que anteriormente citamos, a enorme força das práticas das Folias espalhadas pelo Brasil, ressignificadas, concordamos, com particularidades em cada região ou estado, carregando consigo enorme carga de sentido, representação e extrema simbologia do que até aqui nos propusemos a observar. Citar uma única forma de representação das Folias nos distanciaria sobremaneira de nosso efetivo pensamento.

Na tentativa de lançar um olhar amplo, trazendo para si o uso da ciência, buscamos compreender as folias através de uma pesquisa bibliométrica, cujo objetivo se deu por mostrar nos sítios de pesquisas acadêmicas, a representatividade e aparição do verbete de busca "Folia", em suas mais diversas variações de nomenclatura, inclusive, mostrando a diversidade pelas regiões do país, como já elencamos anteriormente.

Nota-se pouco interesse, ou quase nenhum, pela tradição, em algumas regiões do país, pela pesquisa científica dessa tradição popular. Os festejos das folias são muito explorados, neste contexto, por sociólogos e cientistas da religião, que, em grande parte, querem permear o mundo destas tradições do catolicismo. O estudo bibliométrico abaixo coaduna com a ideia de que algumas regiões do país apresentam mais fortemente a tradição que outras.

As Folias têm sido passadas de geração a geração, e notamos que, sem o devido cuidado de sistematizar suas práticas. Assim, entendemos ser de essencial relevância a construção de um entendimento sobre as Folias, com olhar focal em sua linguagem, sua formação, dizeres, saberes populares e sua sustentação e resistência na sociedade.

Antes de nos aprofundarmos mais nas folias de Morrinhos, cabe destacar a presença dessa manifestação cultural popular no Estado de Goiás, e incidir foco para entender esta tradição. Goiás, estado tipicamente rural por sua formação econômica[6], com cidades pequenas, é local importante das folias. Nas cidades há a extensão desta cultura tradicional do campo. Levantamos que, há a presença de folias em aproximadamente 120 municípios goianos, conforme dados informados pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Goiás.

6 A transição da sociedade mineradora à sociedade agropastoril aconteceu em Goiás em 1809, quando D. Francisco de Assis Mascarenhas vislumbrou outras possibilidades que não às de economia do ouro, que com sua decadência afetou a sociedade goiana, sobretudo na forma de ruralização e regressão a uma economia de subsistência. [...] com a decadência ou desaparecimento do ouro, o governo português precisava canalizar mão-de-obra, foi uma espécie de colapso de atividade econômica. PALACIN (1989, P.14)

Pontuamos que nos dez maiores municípios apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do censo 2010, está presente a tradição das folias, promovendo-nos a reflexão de que mesmo com o processo de êxodo rural, as folias, tipicamente do campo, permeiam os grandes centros urbanos a exemplo, em Goiás, de Goiânia (capital), Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Luziânia, Águas Lindas, Valparaíso, Trindade, Formosa, e Novo Gama. Porém, em cidades como Itapuranga, Itapirapuã, Inhumas, Anicuns, Cidade de Goiás, Itaguari, Nova Veneza, Pirenópolis, Quirinópolis e Morrinhos é que figuram a lista de cidades com grande número de companhias de folias em todo o estado, conforme Anuário de Cultura de 2006, produzido pela AGEPEL, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira.

No Brasil, cabe relembrar que as festas populares, inclusive as do catolicismo do povo, foram condenadas pelos Bispos desde o final do século XIX, e somente após a lavratura do Concílio do Vaticano II[7], em seu Decreto *Ad Gentes*, de 07 de dezembro de 1965, que tratava da ação evangelizadora da Igreja e somente depois de sua ordem de cumprimento é que houve uma abertura para que ações populares passassem a ser de forma mais vagarosa, aceitas ou admitidas. Na década de

7 Concílio do Vaticano II http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19651207_ad-gentes_po.html

1960, esses tipos de manifestações de catolicismo popular ganharam mais notoriedade e ocuparam de fato o coletivo na zona rural com maior efervescência.

Logo, implica-nos dizer que a partir dessa discussão, a cultura popular exige para si uma categorização da própria reação e dominação social, sob o cuidado de que em cujas metodologias de padronização, interferir diretamente para que não haja ideias relativistas e que a legitimidade cultural das tradições seja resguardada. A exemplo de uma fundamentação proposta por Jean Claude Passeron (1991, p.22) como existindo "cultura popular e cultura letrada, cabem, de forma superficial, o que queremos e pretendemos nesta pesquisa, mostrar, o desejo da cultura erudita de dominar a conduta da cultura popular"[8].

8 Tradução feita pelo pesquisador.

UMA SEMENTE NA GUERRA

José Henrique Rodrigues Machado

Em tempos de guerra, quando o mundo parecia despedaçado e as nações se enfrentavam em conflito, uma família de estrangeiros encontrou amor no meio da destruição.

No cenário de uma guerra civil, Katherine e Joseph eram dois jovens que viviam em lados opostos do conflito. Katherine, com seus cabelos negros como a noite e olhos profundos como o oceano, pertencia a uma família de estrangeiros em uma vila devastada pela guerra. Joseph, com sua coragem inabalável e um senso inabalável de dever, era um soldado do exército rival.

A guerra havia tirado tudo de Katherine - sua casa, sua família e, finalmente, sua esperança. Ela passava os dias ajudando os feridos em um improvisado hospital de campanha. Entre os gritos de dor e os horrores da guerra, ela encontrou forças para cuidar dos necessitados. Seu coração generoso e sua compaixão inabalável eram sua única luz na escuridão.

Joseph, por outro lado, lutava pelo que acreditava ser seu dever. Ele tinha visto amigos caírem ao seu lado, testemunhado a destruição de cidades inteiras e conhecido o peso da responsabilidade. Mas em seu coração, ele sabia que aquela guerra estava causando mais mal do que bem.

Em um dia ensolarado, quando os tiros e explosões haviam temporariamente cessado, Joseph foi enviado para a vila onde Katherine estava. Ele a encontrou em um campo, cuidando de crianças órfãs que tinham perdido tudo na guerra. Seus olhares se cruzaram, e algo dentro deles mudou naquele momento.

Joseph, vendo a beleza e a bondade de Katherine, começou a questionar sua própria missão. Ele passava cada vez mais tempo na

vila, ajudando Katherine a cuidar das crianças e dos doentes. Juntos, eles encontraram consolo um no outro, em um mundo despedaçado.

À medida que o amor entre Katherine e Joseph florescia, a guerra continuava. Mas eles tinham algo que muitos naquele momento de caos haviam perdido: esperança. Eles acreditavam que, com amor e compaixão, poderiam fazer a diferença, não importando o lado da guerra em que estivessem.

Os dias e as noites eram difíceis, e eles enfrentaram inúmeras adversidades. Mas, com a força do amor que compartilhavam, continuaram a lutar juntos por um futuro melhor, onde a paz substituísse a guerra e a compaixão triunfasse sobre o ódio.

A guerra civil, eventualmente, chegou ao seu fim. E embora as cicatrizes da batalha permanecessem visíveis na terra e nas almas das pessoas, Katherine e Joseph eram um símbolo de que o amor podia nascer nos lugares mais sombrios e florescer mesmo nas condições mais difíceis.

Eles se casaram na vila que havia visto tanto sofrimento, transformando-a em um lugar de amor e esperança. Juntos, continuaram a ajudar aqueles que precisavam, lembrando a todos que mesmo em tempos de guerra o amor era uma força poderosa capaz de unir corações e curar feridas.

Infelizmente, todos os membros da família foram vítimas da guerra cruel. Sobreviveu apenas o filho do casal apaixonado: Pedro. Pedro cresceu ouvindo as histórias heroicas dos pais contadas pelos moradores da vila. Ele se tornou o símbolo vivo do amor dos pais e da esperança por dias melhores.

O AMOR VENCEU

José Henrique Rodrigues Machado

Em tempos de guerra, quando o mundo parecia despedaçado e as nações se enfrentavam em conflito, duas almas perdidas encontraram amor no meio da destruição.

No cenário de uma guerra civil, Maria e João eram dois jovens que viviam em lados opostos do conflito. Maria, com seus cabelos negros como a noite e olhos profundos como o oceano, pertencia a uma família de camponeses em uma vila devastada pela guerra. João, com sua coragem inabalável e um senso inabalável de dever, era um soldado do exército rival.

A guerra havia tirado tudo de Maria - sua casa, sua família e, finalmente, sua esperança. Ela passava os dias ajudando os feridos em um improvisado hospital de campanha. Entre os gritos de dor e os horrores da guerra, ela encontrou forças para cuidar dos necessitados. Seu coração generoso e sua compaixão inabalável eram sua única luz na escuridão.

João, por outro lado, lutava pelo que acreditava ser seu dever. Ele tinha visto amigos caírem ao seu lado, testemunhado a destruição de cidades inteiras e conhecido o peso da responsabilidade. Mas em seu coração, ele sabia que aquela guerra estava causando mais mal do que bem.

Em um dia ensolarado, quando os tiros e explosões haviam temporariamente cessado, João foi enviado para a vila onde Maria estava. Ele a encontrou em um campo, cuidando de crianças órfãs que tinham perdido tudo na guerra. Seus olhares se cruzaram, e algo dentro deles mudou naquele momento.

João, vendo a beleza e a bondade de Maria, começou a questionar sua própria missão. Ele passava cada vez mais tempo na vila,

ajudando Maria a cuidar das crianças e dos doentes. Juntos, eles encontraram consolo um no outro, em um mundo despedaçado.

À medida que o amor entre Maria e João florescia, a guerra continuava. Mas eles tinham algo que muitos naquele momento de caos haviam perdido: esperança. Eles acreditavam que, com amor e compaixão, poderiam fazer a diferença, não importando o lado da guerra em que estivessem.

Os dias e as noites eram difíceis, e eles enfrentaram inúmeras adversidades. Mas, com a força do amor que compartilhavam, continuaram a lutar juntos por um futuro melhor, onde a paz substituísse a guerra e a compaixão triunfasse sobre o ódio.

A guerra civil, eventualmente, chegou ao seu fim. E, embora as cicatrizes da batalha permanecessem visíveis na terra e nas almas das pessoas, Maria e João eram um símbolo de que o amor podia nascer nos lugares mais sombrios e florescer mesmo nas condições mais difíceis.

Eles se casaram na vila que havia visto tanto sofrimento, transformando-a em um lugar de amor e esperança. Juntos, continuaram a ajudar aqueles que precisavam, lembrando a todos que, mesmo em tempos de guerra, o amor era uma força poderosa capaz de unir corações e curar feridas.

SANGUE E ALMA

José Henrique Rodrigues Machado

Há muito tempo, em um pequeno vilarejo no coração de uma densa floresta, viviam duas crianças, Ana e Pedro. Órfãs e abandonadas desde tenra idade, suas vidas eram marcadas por uma solidão imensa e uma necessidade constante de sobreviver. Sem pais ou família para cuidar deles, os dois irmãos se apoiavam um no outro para enfrentar os desafios da vida.

Ana, com seus cabelos negros como a noite e olhos brilhantes como estrelas, era a irmã mais velha, com seus 10 anos. Desde que seus pais haviam partido, ela assumiu o papel de protetora e guia de Pedro, que tinha apenas 7 anos. Apesar de sua pouca idade, Ana era a única âncora na vida incerta de Pedro, e ele a via como um raio de esperança em seus dias sombrios.

A sobrevivência deles dependia da generosidade ocasional dos aldeões do vilarejo. De tempos em tempos, algumas pessoas deixavam comida na soleira de suas portas, um gesto de compaixão que os ajudava a passar por mais um dia. Com pouco mais do que suas roupas surradas e a determinação incansável de sobreviver, Ana e Pedro enfrentavam cada desafio com coragem.

Um dia, enquanto Ana e Pedro exploravam a floresta em busca de frutas e raízes para sua próxima refeição, eles ouviram um som estranho e desconhecido ecoando pelas árvores. Curiosos, seguiram o som até chegarem a uma pequena cabana no meio da floresta.

Na varanda da cabana, viram um casal de idosos. Maria, de cabelos brancos como a neve e olhos gentis como o céu, sorriu ao vê-los. José, com sua barba grisalha e mãos calejadas pelo trabalho árduo, estendeu a mão em um gesto acolhedor. Os olhos das crianças se encontraram com os olhos bondosos dos idosos, e uma conexão mágica pareceu surgir naquele instante.

As crianças, tímidas e desconfiadas, contaram sua história a Maria e José. Como haviam sido abandonadas, como lutaram para sobreviver, e como sempre mantiveram a esperança de encontrar um lugar onde pudessem ser amadas e cuidadas. Maria e José ouviram cada palavra com empatia e compreensão, sentindo uma profunda simpatia pelas crianças.

Maria e José, que nunca tiveram a bênção de ter filhos, viram em Ana e Pedro a família que sempre desejaram. Sem hesitar, ofereceram-lhes um lar, amor e carinho. As crianças, depois de muita relutância e desconfiança inicial, aceitaram a oferta, sentindo uma corrente de esperança invadir seus corações.

A pequena cabana na floresta se tornou o lar das crianças, e Maria e José se transformaram em avós amorosos. Eles cuidaram das crianças como se fossem seus próprios filhos, preenchendo cada dia com amor, segurança e ensinamentos sobre a vida na floresta. Maria e José compartilharam histórias sobre o mundo exterior, criando uma sensação de pertencimento e esperança nas crianças.

À medida que o tempo passava, Ana e Pedro cresceram rodeados de amor e apoio. Maria e José encontraram a alegria e o propósito que tanto desejavam em suas vidas, cuidando das crianças que trouxeram alegria à cabana solitária. A felicidade florescia naquele lugar outrora tranquilo e silencioso.

Enquanto o vento sussurrava histórias nas árvores da floresta e os pássaros cantavam suas canções melodiosas, Ana e Pedro souberam que a família não era apenas sobre sangue, mas sobre as pessoas que escolhemos para amar e cuidar. No abraço caloroso de Maria e José, encontraram o que haviam perdido há tanto tempo: um lar onde eram amados e protegidos.

Com o tempo, a cabana na floresta se encheu de risos, brincadeiras e lições de vida valiosas. Ana e Pedro cresceram para se tornar jovens corajosos e generosos, honrando o amor inabalável de Maria e José.

A pequena cabana na floresta, outrora solitária e esquecida, agora irradiava calor e amor. E, à medida que as estações mudavam e as flores desabrochavam, as vidas de Ana e Pedro foram transformadas para sempre, provando que, às vezes, o destino nos reserva um presente inesperado, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. E naquele lar na floresta, onde a família foi formada pelo amor e pela escolha, todos encontraram um lugar para pertencer e serem amados, como uma verdadeira família.

TRISTEZA EM AMIZADE

José Henrique Rodrigues Machado

Cena 1: O início da paixão

Naquela pequena cidade às margens do rio Sereno, o destino começou a tecer uma história intricada de amor e tragédia que envolveria três almas. Maria, com seus cabelos dourados e olhos brilhantes, era o centro das atenções. Todos a cortejavam, mas seu coração pertencia a Miguel, um músico ardente e talentoso. Miguel, por sua vez, dedicava suas canções apaixonadas a Maria, sua musa.

Laura, a melhor amiga de Maria, mantinha seus sentimentos por Miguel em segredo. Ela via o amor entre Maria e Miguel crescer com uma dor silenciosa no coração, temendo que a confissão pudesse custar sua amizade.

Com o tempo, a paixão de Miguel por Maria se tornou uma obsessão avassaladora. Ele não conseguia mais esconder seus ciúmes e escrevia canções sombrias para expressar sua dor.

Cena 2: A declaração de amor

Sob o brilho das estrelas em uma noite especialmente romântica, Miguel convidou Maria para uma caminhada à beira do rio. Com lágrimas nos olhos, ele finalmente confessou seu amor, prometendo-lhe felicidade eterna. Maria, surpresa e perplexa, não sabia como reagir. Ela sempre vira Miguel como um amigo querido, nunca imaginara seu amor tão apaixonado.

Enquanto Miguel expressava seu amor, Laura observava na sombra, seu coração se partindo em ciúmes incontroláveis.

Cena 3: A tragédia que se desenha

Em um momento de desespero, Laura emergiu das sombras, uma faca nas mãos, e desferiu um golpe mortal em Miguel. Ele caiu sem vida aos pés de Maria, que não conseguia compreender o que acabara de acontecer. O rio, calmo e imperturbável, testemunhou a tragédia naquela noite, guardando segredos sombrios.

Maria estava desolada, vendo Miguel pagar com a vida por seu amor. Laura, em choque, percebeu o preço terrível de seus ciúmes não correspondidos.

Cenas 4: O lamento e o remorso

O amor ardente e os ciúmes incontroláveis haviam transformado seus corações em uma espiral de destruição. A pequena cidade nunca se recuperou. As músicas apaixonadas de Miguel se tornaram lamentos melancólicos ecoando pelas ruas vazias.

Maria, consumida pelo remorso, nunca encontrou a alegria novamente, culpando-se pela tragédia que havia ocorrido e guardando a memória de Miguel em seu coração partido.

Cena 5: A sombra que paira

A sombra daquela noite fatídica pairava eternamente sobre a pequena cidade, um lembrete sombrio dos perigos de um amor não correspondido e de ciúmes desenfreados. Os moradores da cidade passaram a evitar o rio à noite, com medo das histórias sombrias que cercavam aquele lugar.

O rio continuou a fluir, indiferente às tragédias humanas, enquanto a cidade lentamente tentava curar suas feridas. E, assim, a história do triângulo amoroso trágico foi registrada nas páginas escuras da história da cidade, um aviso eterno sobre como o amor e os ciúmes podem conduzir a caminhos sombrios e desconhecidos.

A arte de comunicar de Graziela Reis

ENTRE O SILÊNCIO E O DIÁLOGO

Graziela Reis.

No silêncio, é que você medita um bom diálogo.

E é também no silêncio, que você pode dialogar com Jesus! Porém, em todos seguimentos mundanos, o diálogo é essencial para se comunicar: um beijo, um abraço é também um modo de se expressar sentimentos

Pois a liberdade de expressar, além de ser um princípio constitucional previsto nos Arts. 5º e 220 da nossa CF/88, é também um meio de terapia que faz muito bem para a saúde mental, e cale-se ou se cure! ... um psicólogo ou psiquiatra pode ouvir você ...

Assim como um bom advogado defende essa liberdade de pensamento, de expressar, até para defender seu cliente. Analisar, orientar ....

E essa liberdade começa em casa, na igreja, na escola e se estende aos ambientes artísticos. Pois, podemos expressar através da arte de pinturas em telas, escritos em livros e até em desenhos digitais e jogos, games de lazer, na internet e no smartfone.

Todos os diálogos e escritos, não existiriam, se não existisse esse principio fundamental da liberdade de pensamento e de expressão que acelerou com as redes sociais! Na política , nos discursos, na ciência, na troca de ideias, no seguimento cultural, enfim em todos os estudos, temos que aperfeiçoar nossos diálogos para se comunicar e desenvolver!... que tal um curso de oratória, para se desprender mais da timidez e ter coragem de se expressar? A arte de criar contos, crônicas, poemas e qualquer invento, são de poucos, pois a maioria se limita a copiar, colar, lacrar . Ou seja, extravasar para um sucesso rápido de repercussão mundial.

Apesar de um filósofo, mestre, não ter deixado nenhum escrito dos seus diálogos. Existiu outro, que para registrar, seus diálogos escreveram livros. Onde o diálogo é a troca de ideias e é onde se formam também outras ideias. Registre seu silêncio, seus pensamentos, fale, escreva, por meio de livros que integrarão bibliotecas originais ou virtuais.

O diálogo pressupõe a reciprocidade existencial e esta pressupõe a diferença e a semelhança, já que é devido a essa diferença que se pode enriquecer com a comunicação e, as artes visuais, com diálogos de Platão de modo escrito, ao contrário de seus predecessores pré-socráticos, que escreveram ora em poesia, ora em prosa. Diferente também de seu mestre Sócrates que não deixou nenhum escrito. Mas, que teve seus diálogos registrados pelo filósofo Platão, em um livro.

Diálogo que é a fala que há, a interseção entre dois ou mais indivíduos, colóquio, conversa, contato e discussão entre duas partes. Que buscam um acordo ou troca de ideias, para um ideal comum ou de cada um.

Entre o silêncio, tive um diálogo de comunicação com seus olhos: amor; em que percebi que você também queria se expressar! Dialogar, no silêncio ou no diálogo de falar, a liberdade de expressar é essencial e, através de um amante da arte de escrever ou de falar, perpetuará no histórico do arquivo cultural, no tempo e no espaço. Amar.

Mostra Projetos: Arte do Céu / Arte e Oração de Graziela Reis

LUAR

Graziela Reis.

Lua e Sol de mãos dadas... brilhantes olhares
Desfilam no céu! Na cidade dos Pomares...
Num casal, onde somente as estrelas testemunham
Um amor maior...
Um luar que quando a luz do Sol reflete na Lua. Clareando
Refletindo sua mente! Que não mente, uma semente!
Semente iluminando nosso espírito... No Coreto declama o soneto
Num silêncio que fala ciente: "Acordem, amanheceu, olhe o relógio"
– o horário
A Flora que namora o meio ambiente, florindo, contente sorrindo...
No Parque Ecológico Jatobá Centenário...

SANTA CEIA

Graziela Reis.

Santa Ceia, num Luar, com sentimento coletivo de um Poema Cantares....
Creia... Ceia é uma oportunidade
De união, de fartura... de luzes
Um momento de diálogo, de oração, a altura
No tempo, no fogão de lenha, ou no Templo
De devoção, agradecendo ao Criador, ao Cristo Redentor
De todos os celeiros, que alimentam o mundo
Reis e plebeus, que passam pela dor, que clamam por louvor
Ou transbordam de amor!

SENTIMENTO COLETIVO

Graziela Reis.

Ansiosos Anciões, Adventistas e de todas as religiões
Estudantes do Celestino Filho e do Coronel Pedro Nunes
Acadêmicos, Escritores, Professores! Num só calmante
Num sol radiante! Um flash, uma *selfie*, um livro, um quadro
No Centro de Artes, na Casa Rosa...
Momentos emocionantes escrevem, desenham
Num contorno de carinho, de amizade e solidariedade!
Só as sensíveis parecem perceber: uma oração?
Quando o perfume exala no meio ambiente
Verde de esperança, azul de sublime mar
E colorido de lindos sentimentos de amor
Num coração que treme de emoção... de calor

POEMA CANTARES

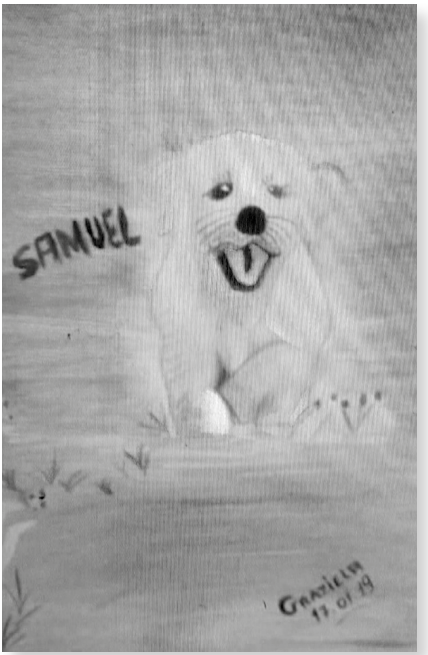
Graziela Reis.

Não julgue, perdoe! Não maltrate, sorria...
Não despreze, acolha... Não ignore, declame...
Cantares de Salomão, que canta em oração! Na Igreja Matriz
Ou São Sebastião! Paredes de artesão, pintura com as mãos
Matiz. Que encanta, numa verdadeira emoção
Para conquistar João, Daniel, Lucas ou Abraão!
Quem sabe até curar, mais um amigo, um irmão!
Poemas de uma advogada, escritora, pintora e artesã. Quatro faces
Num quarteto de Graziela Reis.

Janeiro a maio /2022

TOY

Graziela Reis.



Menino, robô, brinquedo.
Tênis, Laptop pra ver o vídeo no
TikTok:
Um cachorrinho do nosso irmão!
Adestrado ou não.
No abrigo, no Lar ou no céu
Ele pula, ele cura!
Amigo, irmão, emoção!
Pra conviver sem ambição.
Num trailer ou num avião.
Amigo de estimação, animação!
Sentimentos, deslizes, tonturas,
loucuras
Mas Toy, que já foi quadro,
inspiração, cão
Está sempre ali, presente, na terapia
Na pia e no chão; Coração é o Toy
Amigo todo dia, que nos enche de energia
Aprendeu a conviver, a viver, brincando
Caminhada, sem brigar. Conectado com
O velho e o novo coração! batendo
Triste ou sorrindo. Na natureza, no Abrigo
Ele é Toy, nosso amigão, nos divertindo!

FERROVIAS, OS PRIMÓRDIOS DO RODOVIARISMO EM GOIÁS E A CHEGADA DO PRIMEIRO AUTOMÓVEL EM MORRINHOS-GO

Hamilton Afonso de Oliveira.

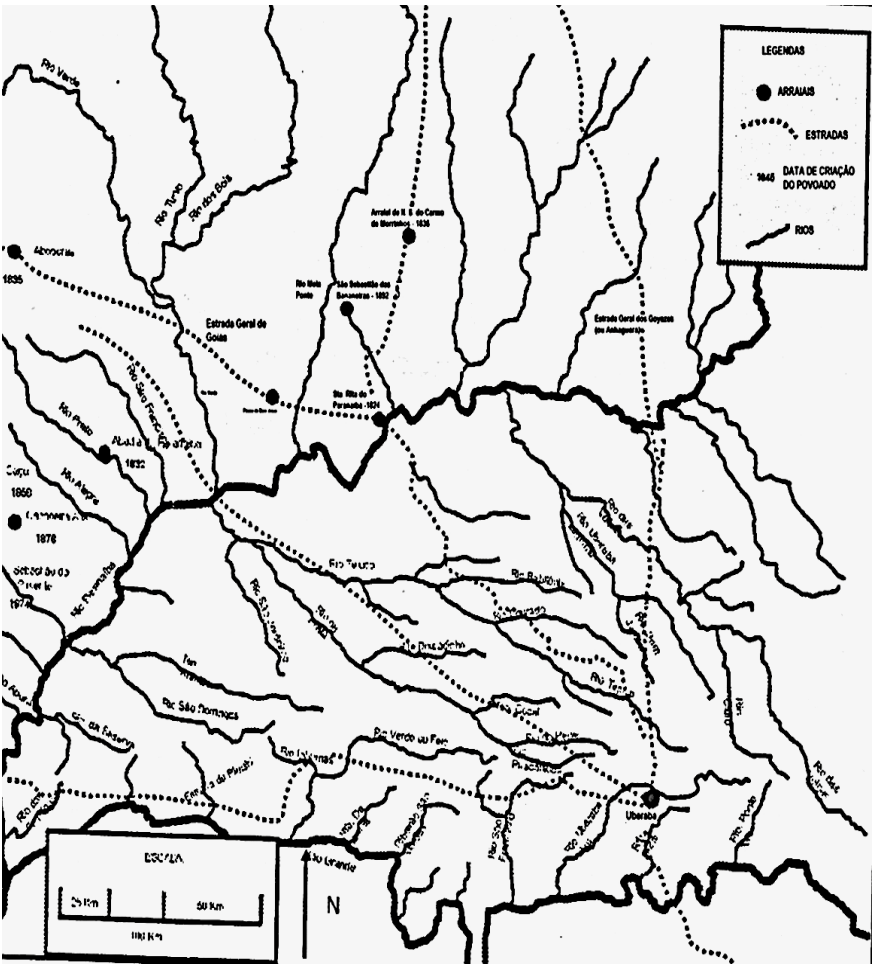
Neste último dia 29 de agosto de 2023, Morrinhos comemorou 141 anos de emancipação política. Coincidentemente, fez 107 anos que o primeiro automóvel chegou a Goiás e em Morrinhos em alguma data de agosto de 1916, conforme nos relata Tito Teixeira.

Mas, antes de Morrinhos vir a se tornar importante centro político e econômico de Goiás nos tempos da Primeira República (1890-1930), foi um longo processo histórico iniciado, nos fins do século XVIII, quando se deu a ocupação e colonização efetiva das terras do Triângulo Mineiro e do Sul de Goiás. Como o início da colonização do Triângulo Mineiro, ainda nos tempos da mineração, foram se estabelecendo novas picadas para Goiás e Mato Grosso. E uma dessas, vinda pelo Sul, resultou na antiga Estrada do Sul que partia de Uberaba-MG e seguia por caminhos que acabaram originando novas cidades como Uberlândia-MG, Tupaciguara-MG, Centralina-MG, Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO), Arraial de Nossa do Carmo dos Morrinhos (Morrinhos-GO) e Pouso Alto (Piracanjuba) e seguia para a capital da Província que era Vila Boa (Cidade de Goiás), conforme nota-se na figura 1.

Essa estrada, segundo Borges Sampaio (1971) foi idealizada pelo Padre Hermógenes nos princípios do século XIX, que seria um caminho mais curto (cerca de 60 léguas) de Uberaba até a capital da província de Goiás. Pedia, também, autorização para a construção de um porto sobre o Rio Paranaíba, o que deu origem à formação do município de Itumbiara-GO, Morrinhos Piracanjuba, bem como, demais cidades de Goiás e do Triângulo Mineiro por este caminho em

locais estratégicos de paradas de pouso para as tropas e viajantes que seguiam para Goiás ou, partiam daqui, para São Paulo e Rio de Janeiro. Em uma época em que, todo o Triângulo Mineiro e grande parte do Mato Grosso do Sul, faziam parte do território de Goiás.

Figura 1 – Rede de estradas do Triângulo Mineiro e Sul de Goiás, 1840



Fonte: Lourenço, 2010, p. 73.

Na década de 1870,, essa antiga estrada, agora denominada Estrada de São Paulo, devido a confluência dos movimentos de boiadas de Goiás e Mato Grosso que desciam pelo Triângulo Mineiro até Barretos-SP e São José do Rio Preto – SP, à medida que as estradas de ferro (Companhia Estrada de Ferro Mogyana e Companhia Estradas de Ferro Paulista) avançavam pelo interior de São Paulo até alcançar o Triângulo Mineiro em 1892. A Estrada de São Paulo (ou Sul) tornou-se a principal via de acesso e saída de Goiás.

Leite de Moraes (1995), que governou Goiás de 1881 a 1882, deixou em seu relato de viagem impressões de um fluxo migratório intenso para as regiões sul e sudoeste goiano nas últimas décadas do século XIX e pela Estrada do São Paulo (ou Sul) era intenso o fluxo de viajantes, migrantes e o transporte de mercadorias e de bois por esta que já era a principal via de acesso a Goiás antes da chegada dos trilhos da estrada de ferro em Catalão – GO, em 1909. Para assumir o governo de Goiás, Leite de Morais partiu em 27 de dezembro de 1880 de São Paulo. Percorreu pequena parte do trajeto nos trilhos da Estrada de Ferro Mogyana Casa Branca – SP e o restante do caminho veio montado em uma mula. Passou por Cajuru, Mato Grosso, Franca, Santa Rita do Paraíso (Província de São Paulo), Uberaba, Monte Alegre (Província de Minas), Santa Rita do Paranaíba, Vila Bela de Morrinhos, Alemão, Anicuns (Província de Goiás). Chegou à capital Vila Boa em 31 de janeiro de 1881.[9]

Leite de Morais (1995), conforme relato de sua viagem, chegou em Morrinhos às 10h10min. da manhã no dia 23 de janeiro de 1881 e pernoitou na casa do coronel Hermenegildo Lopes de Moraes. E fez questão de fazer o registro da sua pessoa em seu diário de viagem como "sendo um dos mais abastados negociantes da província, cidadão distinto por seu caráter, por suas qualidades morais e por seus serviços à causa pública. Por instâncias suas pernoitamos em sua

9 Mato Grosso é hoje Altinópolis; Santa Rita do Paraíso, Igarapava; Monte Alegre, Monte Alegre de Minas; Vila Bela de Morrinhos, Morrinhos; Santa Rita do Paranaíba, Itumbiara; Alemão, Palmeiras de Goiás; Vila Boa, Cidade de Goiás. As outras cidades conservaram os seus nomes.

casa [...] Ali passamos a noite como fidalgos" (LEITE DE MORAIS, 1995, p.84-85).

Leite de Morais, devido às dificuldades da viagem e do relativo isolamento que dificultava o desenvolvimento de Goiás, foi o primeiro governador a se preocupar e a propor a necessidade de prolongamento de uma via-férrea até Goiás. Na sua época, as únicas companhias férreas que teriam as condições desta empreitada era Companhia Mogyana ou a Companhia Paulista. Pelo traçado, por ele proposto, a ferrovia deveria seguir o seguinte trajeto:

> 1.ª sessão – de Casa Branca ou São Simão, província de São Paulo, ao rio Grande, ilha da Ponte Alta, fronteira de Minas Gerais – 40 léguas;
>
> 2.ª sessão – Da ilha da Ponte Alta passando por Uberaba, major Cândido, Abadia, ao rio Paranaíba, fronteira de Goiás, e da sua povoação, Morrinhos – 42 léguas;
>
> 3.ª sessão – Do rio Paranaíba, passando por Vila Bela de Morrinhos, Alemão, Anicuns a Goiás, 49 léguas, ou por Pouso Alto, 43 léguas (LEITE DE MORAIS, 1881, p. 105).

Quase 30 anos se passaram e somente, em 1909, que a ferrovia chegou em Goiás na cidade de Catalão no Sudoeste do estado, ou seja, não seguiu plenamente o primeiro traçado sugerido por Leite de Morais em 1881, em que a ferrovia avançaria pelo Sul em direção à área central do estado até Vila Boa.

Diante da improvável chegada dos trilhos da estrada de ferro em seus territórios, as elites agrárias e comerciais do Sul e Sudoeste de Goiás, em comum acordo com os interesses e chefes políticos e comerciantes do Triângulo Mineiro, empreenderam alternativas e começaram a investir na construção das primeiras estradas de automóveis, entusiasmadas pelas possibilidades que poderiam ser auferidas com o transporte rodoviário com a chegada dos primeiros "fordecos" em Goiás. Era a época do presidente Afonso Pena, que disponibilizou

recursos para a construção da estrada de rodagem e a construção da primeira ponte pênsil na divisa de Goiás e Minas Gerais sobre o rio Paranaíba, inaugurada em 15 de novembro de 1909.

Em 1917, a Companhia Mineira de Autoviação Intermunicipal, inaugurou a primeira estrada de tráfego de automóveis de carga e passageiros entre Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO) e Uberabinha (Uberlândia-MG) que era servida pelo entroncamento da ferrovia Mogyana. Em 1919, foi inaugurada a primeira estrada de rodagem, a estrada Sul-Goiana entre Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO) e Jataí-GO, posteriormente, com ligações a Rio Verde, Mineiros e Santa Rita do Araguaia-GO.

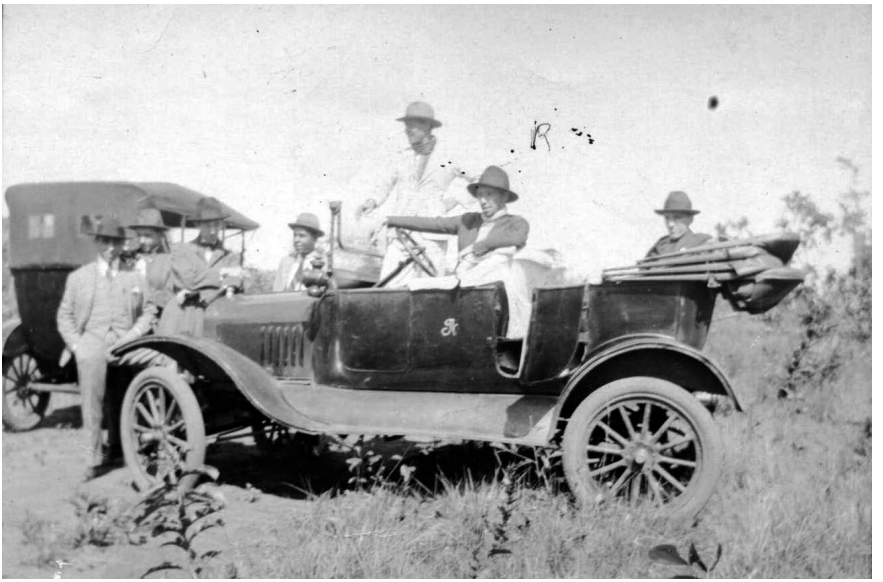
Foi justamente quando estava terminando os trabalhos de construção da primeira rodovia de automóveis entre Uberlândia e Itumbiara, quando o trecho estava nas proximidades de Centralina-MG que, segundo relato de Tito Teixeira que

> o Dr. (Ignácio Dias) Paes Leme com sua Overland tipo jardineira, acompanhado do mecânico José Agostinho, partiu da ponta da linha, em estradas salineiras, atravessando o rio Piedade a vau, e enfrentando diversas dificuldades foi até Morrinhos. [... Assim, é que, em agosto de 1916, o povo de Morrinhos era surpreendido com o roncar de um motor Overland [...] estacionando em frente à residência de Antônio Cândido, uma das principais ruas da cidade (TEIXEIRA, 1966, p. 1-2).

Tito Teixeira fez questão de registrar este momento com sua máquina fotográfica, o automóvel dirigido por José Agostinho, que satisfez a curiosidade dos moradores locais ao percorrer as poucas ruas da "pequena" cidade de Morrinhos, onde era recebido com delírios e aplausos ela população "transportando belíssimos grupos de senhoritas e garotos desconfiados que, gozando das delícias de um passeio de máquina, acenavam para os pedestres, com aquela pose natural do privilegiado" (TEIXEIRA, 1966, p. 2).

Fato que deve ter excitado as famílias da elite em Morrinhos a adquirir algum automóvel modelo Ford T ou Willis Overland que, pelas suas singularidades, expressam à época, símbolo de status social, conforme Figura 2 abaixo, com Mário Nunes da Silva (ao volante) que pode ter sido o primeiro cidadão morrinhense a ter um automóvel em Morrinhos.

Figura 2 – Mário Nunes da Silva e o seu Ford T, década de 1920



Fonte: Museu Antônio Correia Bueno – Arquivo digital do autor

Em 1920, deu-se a construção do trajeto entre Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO) e Morrinhos; ficou sob a responsabilidade de Tito Teixeira que levantou capital com as famílias mais abastadas de Morrinhos e região e construiu a estrada de rodagem que passou a ligar Morrinhos a Itumbiara, passando por Bananeiras (Goiatuba-GO), Morrinhos a Pouso Alto (Piracanjuba-GO) e o trecho de Morrinhos a Caldas Novas-GO. Este último trajeto foi inaugurado em Sete de Setembro de 1921 (TEIXEIRA, 1966).

Enfim, era os primórdios do desenvolvimento dos meios de transportes com as ferroviais e rodoviarismo, que foram decisivos para que a cidade de Morrinhos se tornasse uma das principais cidades do Estado de Goiás daqueles tempos.

Referências:

LEITE MORAES, J.A. **Apontamentos de viagem**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LOURENÇO, L. A. B. **O Triângulo Mineiro, do Império à República**: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista. Uberlândia: EDUFU, 2010.

Relatório do presidente da província de Goyaz J. A. Leite de Morais de 3 de novembro de 1881. Disponível: Provincial Presidential Reports: Goiás | CRL Digital Delivery System. Acessado em 31 de agosto de 2023.

SAMPAIO, Borges. **Uberaba: história, fatos e homens**. Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Uberaba, 1971.

TEIXEIRA, Tito. **Como te vi e como te vejo**. 2.ª Ed. Mimeo, 1966.

IX NOITE CULTURAL
Uma promoção do Sindicato Rural de Morrinhos e da Academia Morrinhense de Letras – 2017

José Afonso Barbosa

Movido pelo desejo de dotar nossa cidade de um espaço onde pudesse reunir os amantes da cultura para reverenciar as letras e nossa língua pátria, juntamente com um grupo de pessoas que comungava dos mesmos ideais, iniciamos um movimento no sentido de fundar a Academia Morrinhense de Letras, para que se promovesse a literatura de nossa terra.

Fizemos inumeráveis reuniões para redigir o estatuto, a composição dos patronos de cada cadeira, dos indicados para ocupar cada uma delas, enfim, do regimento que nortearia a vida da Academia. As discussões duraram longo tempo.

Finalmente, no dia 11 de dezembro de 2004, foi inaugurada a Academia Morrinhense de Letras, com os eleitos tomando posse. Inicialmente, foram ocupadas 24 cadeiras. Sendo que o estatuto rezava 25 cadeiras. Mas a Senhora Mariza Costa Vilefort, eleita para a cadeira número 19, cuja patrona é Dona Maria de Oliveira Lisboa e Costa, declinou-se da incumbência de ocupar tal cadeira por motivos alheios à sua vontade, privando, assim, a Academia de sua grande inteligência e sabedoria no campo das letras.

Posteriormente, esta cadeira vaga foi ocupada pelo Acadêmico Helenízio Antônio Marciano.

Tive a honra de presidir a Academia nos dois primeiros mandatos iniciais: 2004-2007 2007-2009

De 2009 a 2013, fui vice-presidente de Helenízio Antônio Marciano.

De novo fui eleito para os mandatos de: 2013-2015 e 2015-2017.

Tendo Helenízio Antônio Marciano como meu vice-presidente nos dois últimos mandatos, quando fechei meu ciclo como dirigente daquela casa de Letras, com quatro mandatos como presidente e dois como vice-presidente, ou seja, oito anos e alguns meses como presidente, pois meu primeiro mandato foi um pouco espichado, e quatro anos como vice-presidente.

Nesse curto período de vida, ou seja, 14 anos, a Academia desenvolveu vários projetos culturais, dentre eles, vale ressaltar as inúmeras palestras em homenagem aos patronos da Academia, durante os anos de 2006 e 2007.

Outro projeto importante desenvolvido pela Academia foi o Projeto Memória Viva, que, inclusive, foi retomado agora pela atual diretoria. Um projeto excelente, que traz à lume histórias de vidas encantadoras, incluindo-se-aí, muitas vezes, a própria história de nossa de cidade.

Lançamos também a Comenda de Honra ao Mérito Cultural Dona Maria Barbosa Reis, que está em vigor desde 2013.

Em 2015, iniciamos o lançamento da Revista da Academia Morrinhense de Letras, um projeto de germinação antiga que pôde vir à luz graças ao empenho de nossos associados.

Aconselhado pelo nosso mentor e presidente Honorário Vitalício, meu estimado primo, o Acadêmico Eurico Barbosa, a quem neste espaço agradeço o muito que ele tem feito pela Academia, tanto com sua brilhante inteligência e com a sua bolsa, a Academia se adequou às suas congêneres quanto ao número de cadeiras, chegando ao número de 40 cadeiras, que é o número padrão das academias, tanto da Academia Brasileira de Letras, como das Academias estaduais e de suas coirmãs. Das 40 cadeiras, chegamos ao número de 33 cadeiras ocupadas. Restando ainda 7 cadeiras vagas.

Acredito que fizemos um bom trabalho. A Academia tem tudo para crescer e dar às nossas letras e à nossa literatura a visibilidade que elas merecem.

Faço sempre votos para o bom êxito da atual diretoria, que vai desenvolvendo um ótimo trabalho à frente da Academia.

Lisonjeia-me muito esta homenagem que recebo aqui hoje, vinda desta instituição tão séria e importante de nosso município, que é o Sindicato Rural de Morrinhos e de meus confrades e confreiras, a quem só tenho a agradecer pelo convívio e pela generosidade com que tenho sido distinguido ao longo de 14 anos de existência da Academia Morrinhense de Letras. Lisonjeia-me, mas, também me preocupa. Pois, quando começamos a receber homenagens, é quase certo que estamos chegando perto da última curva da estrada da vida. Espero, entretanto, que essa curva seja bem longa.

Este evento que acontece aqui neste exato momento, amanhã será apenas passado. Será história. História que será recordada com certa nostalgia, quiçá uma lágrima no cantinho de nossa alma inebriada de saudade.

Muito obrigado a todos.

SALVE NOSSA SENHORA DO CARMO

José Afonso Barbosa
Poeta e Historiador

Antônio Corrêa Bueno, mineiro de quatro costados, trouxe à luz, sob os auspícios de Nossa Senhora do Carmo, no início do século XIX, o Arraial que levaria o nome da Santa e que seria cognominado de Cidade de Morrinhos, em 1882, quando alcançaria sua emancipação política, tornando assim no orgulho dos locais e vitrine dos goianos.

Começava aí uma era de progresso e desenvolvimento no sul goiano, tanto na parte populacional, quanto na parte comercial e atividades agropastoris, não esquecendo também a indústria rudimentar moveleira, ceramista e coureira. Já era prioridade também o acolhimento de irmãos estrangeiros, que batiam às portas da cidade, pedindo abrigo e proteção.

A cidade de Morrinhos esteve sempre de braços abertos para receber o irmão de além-mar e, igualmente, os irmãos pátrios, que aqui sempre vieram dar sua parcela de contribuição à nossa Terra. Morrinhos foi sempre o berço escolhido por aqueles que buscaram um lugar tranquilo e harmonioso para viver e construírem suas vidas e sempre encontraram no coração amigo dos locais e os meios necessários para usufruírem das riquezas de seus domínios.

Coração generoso, a cidade de Morrinhos, o campo, o comércio, a indústria, a agropecuária, são geridos por um misto dos filhos da terra e filhos adotivos e de tantos outros ilustres colaboradores, que deixando seus rincões distantes, vieram contribuir com a riqueza do município. Nossa cidade é construída a várias mãos, várias inteligências, nacionais e estrangeiras. Eis a razão de seu brilho exposto pelas digitais de cada habitante deste sagrado solo. Reside aí o orgulho de seus filhos.

O preparo, o engenho dos locais se fazem presentes nos mais longínquos rincões do país, através da política, das artes, da literatura, da medicina, da magistratura, nas ciências em geral.

No dia 16 de julho, os morrinhenses reverenciam Nossa Senhora do Carmo, Santa Padroeira da Cidade e o ano de inauguração de sua Freguesia de Natureza Coletiva (sua Paróquia local), que se deu em 1845.

Essa terra de infinita beleza traz na alma de sua gente o zelo da amizade, do acolhimento, a valorização do trabalho, do progresso, do ensino, do conhecimento, o que faz seu majestoso berço brilhar no Centro-Oeste do Brasil.

Aqui se faz presente o amor à terra, à família, à convivência social, ao cuidado com o vizinho, à preservação do patrimônio humano, nossa maior riqueza. Conserva-se, dentro do possível, a herança cultural e seu patrimônio histórico-urbanístico. Igualmente, a riqueza musical. Não esquecendo também a arte folclórica, como as folias de Reis, de São Sebastião, de Nossa Senhora do Carmo, a Dança do Lenço, de Roda, etc.

Tudo isso devemos ao mineiro Antônio Corrêa Bueno que, no longínquo início do século XIX, aqui desarreou seu baio e deu início à construção desta linda cidade que a todos cativa e encanta. Se beberem de sua água, não vão embora. Se forem, a saudade aperta o peito. O remédio é voltar. E aqui fincar raízes.

Parabéns, minha terra!

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

Neumar Silva.

Também conhecida como a parábola das virgens néscias, está em Mateus 25:1-13.

Um dia desses, recebi um convite para participar de um evento religioso. Eram meados da primavera europeia.

O honroso convite veio-me quando eu participava da 93ª Feira do Livro de Lisboa em 2023. Estávamos, Regina minha mulher e eu cansados, visto que havíamos acabado de chegar de uma viagem de seis horas de Istambul, na Turquia; arrastávamos sobre o piso de Pedra Portuguesa, nas movimentadas ruas do Parque Eduardo VII no Bairro Marquês de Pombal, nossa pequena valise e uma mochila preta nas costas. Naquela oportunidade, chovia, uma chuvinha fina e intermitente; abrigamos, a convite de Dulce e Astrid, duas simpáticas senhoras que estavam, naquela tarde de quinta-feira, logo depois do almoço, responsáveis pelos cuidados do estande de vendas de livros espíritas, "Verdade e Luz Editora Espírita". O convite veio-nos de maneira informal. Recordo-me ainda como se fosse hoje das gentis palavras proferidas por Astrid, uma senhora que aparentava ter uns sessenta e poucos anos, esbelta, alta, negra, cabelos curtos e já grisalhos. Astrid, ajeitou seus óculos arredondados com armação vermelha, no nariz, sublinhou algumas palavras, em seguida, deixou-os cair sobre o peito, visto que, estava pendurado por uma fita, onde se lia a nobre frase proferida por Allan Kardec no capítulo XI do livro O Evangelho Segundo o Espiritismo: "fora da caridade não há salvação."

Vendo nosso interesse pelos livros e assuntos relacionados aos temas espíritas, pegou o folheto sublinhando cuidadosamente cada palavra enquanto falava e, em seguida, estendeu-nos e disse: "temos eventos todos os dias e aos sábados e domingos fazemos ações de

caridade junto às pessoas carentes da grande Lisboa. Nossa Casa chama-se GEB – Grupo Espírita Batuíra que fica em Algés – região metropolitana de Lisboa." Pegamos o folheto, compramos alguns livros e partimos.

Na quinta-feira seguinte, tomamos o comboio na estação de Cascais e rumamos para Algés – meia hora de trem –; fomos assistir a uma palestra pública proferida didaticamente por Nádia. O tema era "A parábola das virgens néscias", ou das dez virgens.

A parábola era muito popular na época medieval e frequente na arte. As virgens prudentes são símbolos para a alma cristã, que é voltada para Deus praticando as cinco virtudes, enquanto as virgens néscias simbolizam os cinco tipos tradicionais de perversões.

O que diz a parábola:

"Metade das moças eram néscias e a outra metade eram previdentes. As néscias, pegaram as suas lâmpadas, mas não levaram óleo consigo. As previdentes, porém, levaram vasilhas com óleo junto com as lâmpadas. O noivo estava demorando e todas elas acabaram cochilando e dormindo. No meio da noite, ouviu-se um grito: `O noivo está chegando. Ide ao seu encontro!' Então as dez jovens se levantaram e prepararam as lâmpadas. As imprevidentes disseram às previdentes: `Dai-nos um pouco de óleo, porque nossas lâmpadas estão se apagando.' As previdentes responderam: `De modo nenhum, porque o óleo pode ser insuficiente para nós e para vós. É melhor irdes comprar aos mercadores.' Enquanto elas foram comprar óleo, o noivo chegou, e as que estavam preparadas entraram com ele para a festa de casamento. E a porta se fechou. Por fim, chegaram também as outras jovens e disseram: `Senhor! Senhor! Abre-nos a porta!' Ele, porém, respondeu: `Em verdade eu vos digo: Não vos conheço!' Portanto, ficai vigiando, pois não sabeis qual será o dia, nem a hora."

Mas, por que Jesus falava por parábolas?

Usar parábolas era um método de ensino muito comum no tempo de Jesus; então, ele usava-as para explicar verdades complexas de

uma forma simples, a fim de que todos entendessem, considerando a simplicidade e a dificuldade de entendimento que as pessoas tinham em sua época. Jesus usava palavras figurativas e mais próximas dos seus cotidianos, como a vida no campo, pescarias, casamentos, comidas, pais e filhos, etecétera; assim, ele transmitia a sua palavra com maior clareza e, eles, por sua vez, podiam compreendê-las. Dessa forma, até mesmo a pessoa mais simples poderia entender o evangelho.

Outra versão menos comum, seria quando a oposição a Jesus se tornou violenta, e quando escribas, fariseus e rabis estavam alerta, vigiando atentamente seus movimentos e suas obras, prontos para, por uma palavra, acusá-lo de ofensor...

Palavras-chave:

O esposo: Jesus Cristo.

A lâmpada: A justiça praticada, que deve ser luz e vista por todos.

A esposa: O templo religioso, a matéria.

As 10 virgens: Cristãos à espera do esposo, Jesus.

O dormir das virgens: A morte.

O acordar: A ressurreição de todos no fim dos tempos para o juízo final.

A sala dos convidados: O paraíso, onde serão excluídos os que não tiverem 'lâmpadas com azeite' acesas e não praticar a justiça e o amor cristão.

Conclusão: Ainda que seja tarde, a chegada do esposo, a lâmpada da vigilância deve estar sempre preparada e acesa.

O CONTO, O CRAVO E O FRANJINHAS

Neumar Silva.

O ano, 1974; o dia, 25 de abril.

Em pé, à minha frente, havia uma policial da guarda municipal; distribuía flores vermelhas de cravo.

Perguntei a ela porque os cravos vermelhos tornaram o símbolo da Revolução? Ela explicou-me sucintamente, visto que a história era um pouco longa: "havia na época uma empregada de um restaurante chamado 'Franjinhas', por nome de Celeste Caeiro; o proprietário havia encomendado muitos Cravos Vermelhos para decorar o local, pois seria a inauguração do estabelecimento. No dia da inauguração, dona Celeste recebeu a notícia de que o estabelecimento não iria abrir em função da Revolução. Então recolheu os Cravos e dirigiu-se ao Rossio onde estavam concentrados os soldados à espera de ordens do comando geral.

Chegou um policial e perguntou se ela tinha cigarro.

Ela disse que não fumava, mas que tinha flores. O rapaz aceitou-a e espetou o cravo na boca da espingarda, tendo seu gesto imitado pelos demais companheiros. Assim, todos os cravos foram distribuídos e passou a ser o símbolo desta revolução histórica que não derramou nenhuma gota de sangue em solo português."

Por fim, a policial da guarda perguntou-me: "a propósito, o senhor fuma?" eu respondi que não! Então ela entregou-me flores de cravo vermelho…

O SONHO DA PARTIDA

Neumar Silva.

Falta um pouco mais de um mês. Hoje acordei com um misto de ansiedade e insegurança. Como será? Terei de avisar para elas... falta-me coragem, confesso. Como serão as suas reações? Cada uma com o seu jeito, com sua personalidade distinta reagirão de forma também distinta. Assim imagino! Uma mais retraída, a outra menos, mas o sentimento de amor não as distingue. Mas isso é coisa para depois, para um momento oportuno.

O dia do Natal está chegando. Faltam dois dias apenas. Combinamos de nos reunirmos, hoje à noite, na casa de Marina para uma confraternização pré-natalina. Amanhã, iremos nos reunir na casa da Michelle. Milena, Regina e eu estaremos presentes. Haja comilança!!

Minha mãe não passará o Natal conosco, pois o meu irmão Lúcio já havia feito compromisso com ela. Mas, no domingo estarei lá para um aconchegante abraço e dizer baixinho aos seus ouvidos: "mamãe, te amo!" Já posso imaginar a sua resposta costumeira. "Eu também te amo, meu filho". E o sorrisão dela!? Um sorriso de uma mãe feliz por um simples gesto de carinho: Ah! Esse sim! Mãe e filho felizes por uma nobre e grandiosa palavra. Só não é maior em sua significância, do que a palavra "mãe".

Esta noite tive um sonho. Sonhei com uma viagem. Seria um sinal? Ele vinha aos pedaços, efêmero, aqui uma voz, ali um perfil, acolá um grupo de pessoas e de casas, todos desconhecidos.

De conhecido mesmo, apenas ela, a minha companheira de viagem, juntos sempre, até nos sonhos. Às vezes, mil coisas confusas vagueavam na minha cabeça. Não era pesadelo, embora, antes de dormir, tive a sensação de atar a um pesadelo, por sorte não aconteceu. Tive um sonho! E o sonho não era de todo ruim! Num dos pedaços do

sonho, lembro-me que havia uma casa velha de portas altas antigas e longas janelas de madeira. Apesar de parecer sombria, a casa era muito agradável e alegre. Não havia muros que separavam uma das outras, apenas cores. As ruas eram sinuosas e estreitas, de modo que, de uma janela, era possível conversar com o vizinho da frente.

As fachadas das casas eram parecidas e de cores variadas, algumas de amarelo, outras de vermelho ou azul. Sempre alegres. Os telhados também tinham cores variadas**:** laranja, ocre, pêssego, amarelo. Havia nelas um quê de poesia, de romantismo. Com flores em todas as janelas. Seria o velho mundo? Não sabia precisar.

Em uma abstração de memória, estoicamente apareceu-me um homem. Não era moço; vestia jaqueta e calças escuras e com fartura de tecido; usava chapéu, barba raspada e um bigode alongado, ainda negro.

Para dar o último toque na descrição do tipo físico do homem, convém notar que tinha os olhos redondos e um pouco míope, pois usava óculos de grossos calibres; tinha estatura e peso avantajados, pescoço robusto, assim como a cabeça. Qualquer um que fosse discípulo da teoria do filósofo Johann Lavater, diria que, pelos traços era uma pessoa de forte personalidade. Mas não, apesar do aparente jeito sisudo e combativo, sorriu-me de modo cortês, meteu a mão na algibeira interna da jaqueta, retirou um molho de chaves, pinçou uma dourada e um pouco desbotada, abriu a porta de uma das casas. Retirou a chave da fechadura, enfiou novamente no bolso, deu um leve empurrão na porta, em seguida, curvou-se levemente com o corpo para frente, com uma das mãos às costas e com a outra apontava para o imóvel, disse: "é aqui o seu novo lar para os próximos meses!" Que é isso? perguntei-lhe: "Vou morar aqui? Como assim?" Vendo meu espanto, acudiu ele, risonho e para que não nos incomodássemos disse: "não se preocupe, são somente por alguns meses".

Muito educado, o amigo de recente data, acompanhou-nos, por cada cômodo da casa e sem economia de tempo apresentou-nos cada

espaço e suas particularidades. Não nos ocultava nada. Às vezes, falava andando para descrever melhor o ambiente.

Adentramos no primeiro cômodo, pudemos ver, dentre os poucos móveis, na sala de estar, um estofado de dois lugares, poltronas e cadeiras modelo e estilo Luís XV, com almofadas no mesmo estilo.

No espaço seguinte, as paredes eram revestidas de belos azulejos coloniais de muito bom gosto. Nos lavatórios – em número de dois – não eram diferentes. Todas as paredes com os mesmos revestimentos e cores. Na cozinha, idem. Em todos as divisões do imóvel, predominavam as cores branca e a azul. As exceções eram a amarela da frente da casa e o piso cerâmico, que se destacava em porcelana quadriculada em preto e branco muito bem cuidada e brilhante, que me fez lembrar um tabuleiro de xadrez.

Na sala de jantar, uma mesa retangular medindo aproximadamente dois metros de comprimento, tinha estrutura de madeira com revestimento cerâmico branco; sobre a mesa alguns pratos de porcelana cujo desenho lembrava os mosaicos da parede; ladeando aos pratos havia belos arranjos de perfumadas flores naturais.

Logo acima da mesa, na parede, moldurado em pequeno quadro, pude ler esta frase – confesso que precisei de alguns segundos para compreender a mensagem – "A casa não se quer grande, para ser igual a um ninho... o amor, na casa pequena, anda mais aconchegadinho". Após ler essa mensagem, minha última lembrança foi de ouvir um sussurro, quase inaudível: "não tenha medo, um novo ciclo se inicia, como tantos outros que virão". Despertei daquele pensamento quando o anfitrião em minha direção e com as mãos unidas, gentilmente, entregou-me o molho de chaves e disse:" boa estada". E se foi…

Despeitei com o alarme do quarto ao lado, vinha do celular da minha filha, Milena, eram seis horas da manhã.

Sorri com um singelo sentimento de carinho e aconchego!

Este texto é parte da composição do meu novo livro, "O diário de um viajante".

ÀS MARGENS DO RIO ARAGUAIA UMA MULHER REFLETE SOBRE O FEMININO-MULHER

Maria da Purificação de Freitas Borges

As mulheres caminham desejando criar o tempo futuro, porém, não podem determinar o tempo se estão em inércia diante dos fatos históricos do dia. Só conseguem escrevem os textos sagrados da existência, aquelas mulheres que apresentam um destino demarcado porque sabem o que querem.

Não julgue uma mulher grávida até andar por nove luas sobre os rastros dos seus pés; então, será possível entender das agruras e das alegrias de seu percurso. E, quando o filho dela nascer, lembre-se que uma trovoada de raios das normas do existir cairá sobre seu corpo frágil e ele vai precisar de alguém que o alimente, que ande ao seu lado, ande por vezes,à sua frente, para poder ensinar-lhe a caminhar, a mãe. Juntos, mãe e filho, alinhando a matéria e o espírito de ambos em sintonia.

Os picos das montanhas rochosas, as flores perfumadas dos sulcos úmidos dos arbustos das planícies anunciam em sintonia com o gorjear dos pássaros de cada dia da semana que, no raiar da manhã, uma mulher está a cuidar do filho e a coar um café iniciando as lides do dia enviando as setas das flechas da sua intenção em direção a um alvo certeiro por onde o seu fazer se ajusta. Cautelosa, para não ser vítima de si mesma, quando seus olhos olharem só na direção dos seus sonhos podendo mudar o rumo do caminho do filho.

Alguns animais podem falar das rotas sagradas que conduzem aos mistérios dos desejos das mulheres guardados nas estrelas.

A águia, sendo um pássaro que voa, é um desses animais que podem voar em direção ao sol e pode fitá-lo em todas as direções nos quatro cantos da Terra. A mulher olhava em direção ao raio do sol, em tempos atrás, pelas treliças das janelas; em tempos atuais, olha os raios

do sol e continua estirando a roupa da família para secar no varal estirando junto o desejo de fazer um curso universitário.

Os gansos sinaleiros sabem onde os lugares sagrados dos voos migratórios marcam as encruzilhadas decisórias do caminho de um mar a outro. Numa união votiva de compromisso conjugal, uma mulher marca a trajetória do feminino se colocando em prontidão para o acasalamento. O voo migratório de uma intenção desejada, um ideal, por vezes diante dos seus afazeres se fecha na sua subjetividade e perde o mapa da rota migratória que se desbota em desuso.

Buscando uma analogia, percebemos que, tartarugas assim como as mulheres, registram nos seus cascos e nas suas peles a numerologia cósmica dos sete cuidados do caminho:

O feminino respeito aos moradores do percurso;

O entendimento da vontade transitória;

A leitura da visão subjetiva;

O dízimo em direção da acolhida dos seus ovos pela Terra;

O encontro com a busca do alimento nas algas sem ser predatória;

A gratidão ao abrigo da Terra em direção ao mar (para seus ovos) para levar sua ninhada de filhotes, onde sombras e luzes se harmonizam em respeito à Fonte;

O mergulho no mistério insondável do desconhecido nas profundezas do mar.

A mulher na beira da margem do Rio Araguaia naquela manhã clara, límpida, observa a tartaruga sair do rio cavar a areia, pôr os ovos, cobrindo-os com a Terra e em passos lentos voltar ao rio.

Uma garça branca solitária pousou na margem do rio indiferente à presença da mulher que ali estava a vivenciar uma reflexão. A tartaruga cavou fundo na areia, botou os ovos cobrindo-os bem e voltou solenemente ao rio, sem medo do amanhã.

A dualidade da conexão que a mulher vivia e sentia naquele momento se fazia passageira de uma transdisciplinaridade que reconhecia os passos em duas realidades naquele instante:

A tendência cósmica da sua imaginação e simpatia austera a despeito de toda tradição e preconceito; que mesmo parecendo

pequena na timidez impingida pelos costumes podia ser gigante pelos seus feitos.

Se sentindo mulher de muitas faces se acomodou na beira do rio com as águas a lhe cobrir parte do corpo cascando uma mexerica a sorver seus mistérios subjetivos junto a cada gomo da fruta degustando cuidadosamente se sentindo no saber ser difícil, ser original na sua verdade porque cada verdade destrona muitos preconceitos e centenas de erros batizados pelos costumes com louvor, como se uma regra fosse para todas as mulheres sem direito à reivindicação.

A mulher, envolvida no genuíno aconchego das águas do rio, continuou sua reflexão.

Dias atrás, guardara o seu recém-recebido diploma de psicopedagogia, repensando seu esforço para obtê-lo se viu em meio a causas desprezíveis e outras que se revestiam de maravilhosas formas de tarjas da justiça para o mundo as assim assimilarem.

Num inevitável confronto entre a fé simples na mudança da condição sociocultural de mulher e a dúvida honesta, jogou o último bagaço do gomo da mexerica na água do rio na esperança de que um peixe arisco dele se apoderasse.

Em Descartes, a nova luta nos braços do velho e não consegue desembaraçar-se; em Kant, a voz da fé ancestral ressoa em conjunto com o ceticismo moderno. Ligando a corrente científica e a mística, embarga-se Spinoza embriagado de Deus, silencioso devoto, a especulação solitária, um polidor de mentes.

De uma bandeja num banquinho previamente colocado na praia da margem do rio, a mulher serviu-se de um copo de vinho tinto e continuou sua reflexão sorvendo o vinho, buscando respostas.

O barão (ou coronel) representante do tempo e da raça, produto de um continuado treino de muitas gerações, produto de uma superioridade de educação e acesso à informação e ao conhecimento tarjou sua assinatura de bisavô no retrato da parede da casa da avó. Uma subjetiva continuidade, um alarido marcando os sinais da devida continuidade do poder patriarcal. Ao lado do coronel, o homem que

pensava originariamente o padre, a ponte entre a igreja e o casarão. O poder da supremacia da palavra disputando com o poder da fé. A religião participava com a paternidade da cultura. Governantes, estadistas e progressistas utópicos se ajeitavam em negociações e demandas de cumplicidades.

Cada cultura, em diferentes épocas, começa com o tema que emerge do que é suburbano, cresce em cidades na arte, no intelecto, na literatura e termina no materialismo das grandes metrópoles. A imemorial pobreza do povo gerando uma poderosa fantasia alegórica, nutre a arte, a literatura e constrói um mundo ideal de mais realidade para as mentes famintas do saber e compreender realidades.

O homem camponês, força da massa humana adstrita à terra, suportando sobre si todo peso da existência econômica da mão de obra do mundo, cuidava e ainda cuida, da plantação de feijão e de milho, o Senhor e o Padre, indispensáveis naqueles momentos de construção do fato histórico à criação e manutenção de uma cultura dos costumes regendo as leis da moral e da fé.

Os ventos da mudança farfalham intenções carentes de tempero. *A luta dos contrários em um momento fugaz encontra a unidade*. A mulher camponesa, forte, estoica, carregando em seu corpo a corrente do sangue da vida, vencendo o peso das obrigações a ela impostas e as vicissitudes à força do seu útero se fazem presentes soando sua voz.

O homem se desgastando, suando na roça, na faina do polo, plantando o grão de meeiro. A mulher levando o alimento para o homem, filho no útero, filho na mão, gamela de comida na cabeça, caminha construindo história com o labor das mãos, útero prenhe a luz de lamparina sucedendo as estações, dos paus d'arcos, os ipês amarelos floridos servindo a existência que a ela foi apresentada.

Rezando contrita com fé, libertando-se da canseira física e da exaustão da sua existência, encolhendo-se no catecismo da religião, como meio de consolo e fuga à realidade. Vivendo o enfraquecimento do corpo e o lento emergir da condição humana da mulher em busca da conquista de um empoderamento.

A mulher caminhou de volta à beira do rio onde o barqueiro a estava esperando para levá-la de volta a *Aruanã.*

De repente, mães botos com seus filhotes passaram vibrando sons de saudação, sopros de encantamento, perto da margem do rio, conscientes do poder e a posse de seus territórios.

A mulher olhou, acolheu o cenário, adentrou o barco em silêncio contrito, acomodou o chapéu que comprara pelas internetes numa loja virtual da China, sacudiu os ombros com a certeza de que um empoderamento das mulheres não se enraíza só com volutas e arabescos nos cabelos, na cor da pele, na exposição excessiva do corpo, nem dirigindo um táxi, um caminhão ou jogando futebol.

O empoderamento se afirmará perante todos com o perdão, a fé, a confiança e o autoconhecimento legitimado. Quando a mulher oferecer o seu melhor num mundo em necessidade, num campo em igualdade de oportunidades para todos. Quando se esforçar para mudar uma situação proporcionando mudanças nas pessoas. *A mudança é a lei mais significativa do universo.*

A mulher deixou de ser prendada por tocar piano, fazer compotas de doces caseiros, tecer toalhas de crochê, bordar lençóis e fronhas para o enxoval e ter o recato da compostura imposta. A boneca Barby, lançada em 1959, não faz mais presença no contexto da mulher que na época se sacrificava num espartilho para satisfazer o desejo do homem, de uma mulher de cintura fina. Também ficou para trás as treliças na janela e o leque obrigatório para disfarçar com o recato do rosto encoberto a beleza da sua imagem...Hoje não assina mais o nome num contrato conjugal porque o coronel mandou mas, sim, por uma livre escolha do seu caminho

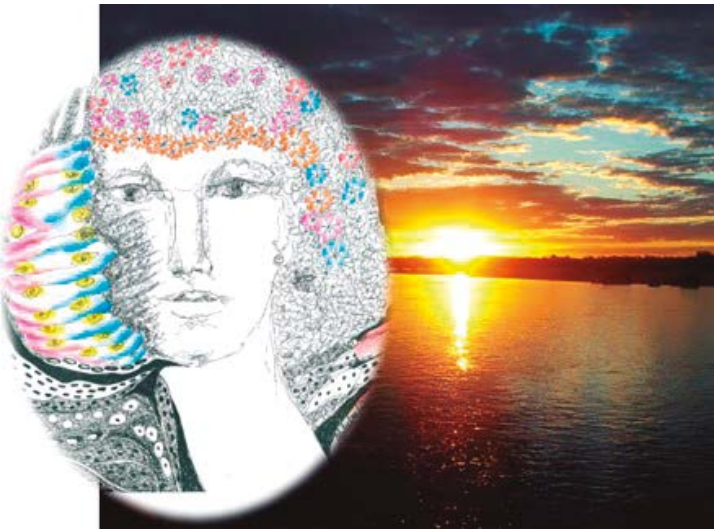
Assinar o nome para ser e ter no feminino que a habita, o direito de livre escolha em todos os dias da sua existência. Com a certeza de que enquanto mulher pode dar uma razão para a luta diária do homem, e ele lhe será profundamente grato. Uma mulher sabe entender quando um homem conta os acontecimentos do dia que, *ele está simplesmente pedindo que a mulher dê um significado a esses fatos.* E que esta norma valha em vigor para ambos.

Quando um homem se sentir um tanto desencorajado, um simples olhar de mulher pode induzi-lo a restaurar seu senso de valor.

A sabedoria da união dos contrários se ajusta e a mulher se impõe na sua livre escolha de uma sintonia de direitos iguais, dissolvendo práticas comportamentais sem olhar para trás, iniciando uma corajosa semeadura na qual sua voz será ouvida e respeitada criando uma nova história de convivências. O motor da fé é crer não porque é distante, intocável ou absurdo, mas pela sua essência que é a consciência humana em contínua evolução.

Barco ancorado, a mulher combinou com o barqueiro, enquanto acompanhante, para dar apoio aos passeios pelo Rio Araguaia ao grupo de amigos seus que chegaria em *Aruanã* no dia seguinte; sorriu por dentro num longo suspiro olhando as garças na antiga Copaíba do outro lado da margem do rio se acomodando nos galhos frondosos para o pernoite, quais pontos brancos de força, resiliência, fé e esperança no amanhã.

Confreira, Maria da Purificação de Freitas Borges – Maluba
21/08/2023



DISCURSO DE RECEPÇÃO E POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO ALVES MOREIRA

Helenizio Antônio Marciano.

Afirmo que é uma honra, imensa, estar representando, como acadêmico, a ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS, na posse do médico, intelectual, escritor, dinâmico, honrado e ilustre BENEDITO ALVES MOREIRA, à CADEIRA Nº 37 cujo patrono é o saudoso Valterli José Alves. O honroso convite, ao qual me ufanei, não podendo me furtar, evidentemente pela admiração e respeito ao novel Acadêmico e seus familiares. Agradeço ao eminente Presidente desta academia Wander Oliveira Melo, altruísta e dinâmico gestor, sua prestigiosa indicação, que me possibilitou navegar na vida pregressa e atual do homenageado, me inteirar de algumas de suas intimidades, de sua obra, de sua vida e adicionar ao meu cérebro seus incontáveis méritos, na profissão, na vida cotidiana, em suas poesias, em sua obra. Conhecer, melhor Dr. Benedito, me fez relembrar que "a árvore não prova a doçura dos próprios frutos; o rio não bebe suas próprias águas; as nuvens não despejam água sobre si mesmas, e que a força dos bons deve ser usada para beneficiar todos", esse final, para mim, reflete a pessoa do novo acadêmico.

A biografia do novo Acadêmico, na honrosa profissão de médico de homens e de almas, é repleta de realizações, e se tem certeza de que, cotidianamente, navega "nos labirintos do corpo humano, conseguindo, com sua alta maestria e conhecimentos, separar o joio do trigo e minimizar as agruras dos que passam por suas habilidosas mãos. Só no ano passado foram mais de 1.100 cirurgias, um feito, inegável, na área médica. É persistente, e a persistência é o caminho do êxito. O filosofo romano Sêneca nos ensinou que "se quiser ser amado, ame! Ele AMA!

A biografia desse novo Acadêmico é extensa, pouco conhecida em razão de sua, inegável, introspecção humana. É um ser humano, notável, mas, me parece de poucas, mas sábias palavras. Leitor contumaz. Escritor constante. Sommelier! Sim conhecedor e apreciador dos melhores vinhos. Em suas poesias consegue, com rara e magistral facilidade nos encaminhar nos redemoinhos de suas palavras, descrevendo fatos, lugares, pessoas, com rapidez, pois seus poemas, sempre lhe disse: são concretos, diretos, é como engolir, de um só gole, o melhor vinho dos vinhedos espanhóis, italianos, portugueses. Gosto de lê-los, me fazem bem, e fará bem, também, quando saírem do prelo, aos leitores que se dignarem em lê-los. Valerá a pena! O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes, dizia Cora Coralina.

Casado com Nina Limongi Moreira, desse casamento nasceram dois filhos: Gustavo Limongi Moreira, Médico. Guilherme Limongi Moreira, Farmacêutico e Bioquímico e netos: Benício e Betina. E no amago de sua família, o novel acadêmico procura ser tão grande que seus filhos desejam alcançá-lo e é tão humilde que todos querem segui-lo.

Não poderia olvidar, pelo menos, um poema nesta simples, mas honrosa homenagem ao empossado, lerei, não declamarei, para gaudio de todos o poema:

Lembranças

Afastei-me
Um pouco
Daquela conversa
Animada
Que rolava
Entre a família...

Tantas recordações
De tudo que
Se passou
Em nossas vidas,
É que aos poucos
Vão se perdendo
No tempo,
Ficando, tão somente
Leves traços
Na memoria
Que ainda
Consegue guardar
Nos labirintos,
Nos recônditos
Da alma...
Sentei-me,
Em um tronco
Caído e solto,
Sob uma frondosa mangueira...
Olhei para frente...
Um vale
A sumir de vista
O verde rodeava
O ambiente...
Me lembro bem,
Ali no fundo,
Há décadas passadas
Existia
Uma grande
Represa,
No córrego Macacão,
Agora,
Não existe mais...
Mas, consigo ouvir

O barulho da água
Formando uma
Pequena cachoeira.
Á direita,
E do outro lado
Do córrego,
Era a casa
De meus pais,
Foi ali,
Que nasci...
Dei os meus
Primeiros passos
Sobre a relva
Que domina o lugar...
Meus primeiros
Sonhos carregados
De esperança
E o desejo incontido
De ver o sol nascer
Em outras plagas...
Ver o luar
iluminar minha vida,
e as estrelas,
que não mudam
de lugar,
a piscar
em todas
as direções,
até onde
consigo enxergar
e ver as profundezas
do universo...
que dia lindo!

Estamos no verão:
Sol, chuva e calor!
Ouvindo a musica
Que vem
Do arroio do vale...
Quero ajudar
A amontoar
Os produtos
Da natureza,
Como a vida
Tem amontoado
Os sentimentos
Que amadureceram
E que carrego
Em minha alma...
Apesar da fina
Chuva que teimava
Em cair,
Molhando
Meu corpo
Com os
Esparsos pingos
E misturando
Com as espessas
Lágrimas que
Desciam por
Minha face,
Numa mistura
De emoções...
Passei tanto tempo
Sem voltar aqui...

Creio que,
Seja está a
Última vez,
Que retorno
A este aprazível
Lugar...
A vida é finita,
Temos que
Acreditar nisto!
Captei com meus
Olhos
E volvi com minha
Memoria o imenso
Rincão onde nasci...
Muitas lembranças
São imperfeitas,
Mudam com o passar
Do tempo.
De maneira geral
As lembranças
Traumáticas
Tanto no corpo
Como na alma,
São as que,
Nos trazem maras
Mais profundas...
Neste momento
Olho ao redor
E sinto que
Muitas coisas
Morreram
Dentro de mim,

Então
O que não morreu?
A esperança
E o ardente
Amor pela vida.

Fazenda Macacão
Avelinópolis – Go
21.01.2023

A biografia desse novo Acadêmico, na honrosa profissão de médico é extensa, profícua, repleta de cursos, de atualizações, de palestras, seu curriculum vitae, é um livro, com 27 laudas de papel almaço. Portanto, com tais requisitos, tornou-se, como todos sabemos, um mestre nas cirurgias torácicas. Não os cansarei enumerando tantos predicados, mas confirmo que são diversificados e valorosos.

Não pretendo e não os cansarei, mais! Abraço, neste final, aos novos acadêmicos LEONARDO MOREIRA DA SILVA, WALDEMAR ANTÔNIO TASSARA e WERIK RAMOS DA SILVA.

Nesta memorável e feliz noite, neste salão Nobre HELENA ROMANO CÂNDIDO, que me traz imensas recordações da infância, a ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS se engrandece, pois vem nela conviver um espírito de autêntica formação humanística, poeta, que concilia, com maestria, sua vida profissional na prática de uma medicina exemplar, misturando extraordinária atividade intelectual, espargindo rara sensibilidade em seus escritos.

Esta casa está feliz, porque nesta noite assumirá a CADEIRA nº. 37 – Cujo Patrono é VALTERLI JOSÉ ALVES, então de agora em diante é também sua casa. Bem vindo seja!

SAUDOSA MALOCA

Werik Ramos da Silva.

Vasculharam cada metro do cômodo sem encontrarem nada. A penumbra do ambiente e a ausência de lâmpada impediam que os olhos caóticos enxergassem além do que procuravam. Atônitos e descompassados, reviravam os mesmos locais já inspecionados, com a mesma ânsia da primeira busca. Por vezes, sentavam-se no chão imundo, não para descansarem, mas por falha na memória, esquecendo-se surpreendentemente o que procuravam. Em seguida, retomavam **à**s buscas com o mesmo ritmo desorientado de antes.

Não havia móveis no cômodo, apenas dois colchões velhos e murchos. Trapos e bitucas estavam por todos os lados, o que, provavelmente, dificultava o trabalho. O odor azedo e repugnante sugeria, sob a penumbra, que o local não era habitado por seres humanos, mas por animais irracionais.

Havia um pequeno banheiro anexo, acessível pelo único cômodo existente, com uma iluminação rasa oriunda da fresta entre algumas telhas quebradas, cuja claridade existia somente durante o dia. A insalubridade dava lugar à podridão causada por vômitos que serviam de alimento aos milhares de vermes disputando espaço. As poucas fezes espalhadas e já endurecidas revelavam que os habitantes pouco se alimentavam, ou seus organismos não realizavam a digestão correta do que ingeriam.

Aos poucos, foram se conformando com o fato de nada encontrarem, e se acomodaram desconfortavelmente no chão, em meio à sujeira impregnada no local, cada qual a seu modo, conforme sua condição física ou mental permitia. Ainda foi possível perceber o tremor caótico em um dos presentes quando este passou a mão no rosto, despropositadamente, e descansou-a abraçando o queixo, inclinando a cabeça, como se pensasse em algo. Mas, não pensava em nada, pois a abstinência não permitia reviver a vida ali sentado. Outro, aninhado

em um dos colchões, suspirava com sofrimento e, prostrado de fraqueza, tossia uma tosse seca, juntando na garganta a saliva gosmenta e cuspindo sem forças o pigarro, lambuzando o leito onde estava. Por vezes, ao tentar cuspir sem forças, lambuzava a si mesmo.

O ambiente era nojento e inabitável, mas insanamente o habitavam há um bom tempo, e nada que fosse feito os demovia da vontade absurdamente incompreensível de permanecerem ali, mortos-vivos. Alguns deixaram este plano naquele cômodo e, somente após alguns dias, quando o cheiro indicava a morte, é que foram removidos para a rua, até que um transeunte assustado, deparando-se com o cadáver, acionou a polícia.

Amuados e sedentos, não queriam nada mais nesta vida. Não pensavam em nada, além de poucos minutos de alívio daquela dor insuportável, como um câncer a comê-los por dentro. Não queriam nada além de uma mísera pedra amarelada, de cheiro excêntrico. Mas, a fraqueza e a falta de bens não permitiam que fossem até a biqueira mais próxima para o escambo. Estavam condenados a uma morte bastante lenta e sofrível.

De repente, alucinadamente, uma sombra surge no vão da porta que dá para o terreiro. Um dos mortos-vivos adentra no cômodo, passando sobre os demais, ignorando-os e sentando-se, escorado na parede descascada. Seus pés imundos calçam um par de chinelos desgastados. A sujeira fétida esconde o surrado jeans da calça que insiste em escorregar pelas pernas, obrigando o sujeito a arrastá-la constantemente para cima, evitando por à mostra suas partes íntimas, também mal cheirosas e não lavadas. Sobre seu tronco assenta uma camiseta velha, mas não pelo tempo de uso e sim por jamais ter passado em água e sabão, de cor indefinida, porém impregnada com todos os vestígios de tudo em que resvalou na vida. Os cabelos encrespados pela terra, e cera ou graxa talvez, certamente não são e não serão cuidados, por ser irrelevante a esta altura. Os ralos pelos irregulares no rosto indicam ser um jovem já adulto. Traz dois olhos amarelados, alguns dedos bastante queimados em suas pontas, assim como seus lábios que apresentam pequenas feridas. Os dentes, encardidos, dividem espaço

com uma crosta indefinível que corrói, aos poucos, a arcada dentária até a gengiva.

A chegada deste novo residente provocou a atenção dos demais que o observaram ansiosos, como se aguardassem alguma surpresa. Porém, assim que se sentou e se aquietou, todos voltaram-se às suas ang**ú**stias. Não houve conversa.

O novo indigente arrancou do bolso um objeto peculiar, feito à mão com uma conexão tubular metálica e uma haste de alumínio retirada de uma antena VHF, algo muito rústico, mas eficiente. Este intruso trouxe consigo a joia que tanto procuravam há pouco e, sorrateiramente, colocou-a sobre os micros buracos do objeto recoberto com uma película de alumínio perfurado, sem que ninguém percebesse, sabendo ele que, a partir dali qualquer ato poderia despertar a ânsia dos demais. Mas, ele se arrisca, tomando na mão direita um isqueiro enquanto a outra mão segura o objeto, agora com o canudo introduzido na boca. Ele faz uma tentativa de acender o isqueiro, porém é traído pela escassez de gás. Na segunda tentativa, a chama tão esperada surge, trazendo alento ao quase desencarnado. Alguns baforidos e se apaga. Já palpitando, aciona o isqueiro com sobressaltos, despertando novamente a atenção dos moribundos. Todos se voltam para o objeto de desejo. Em um levante revolucionário, atracam-se ao espertalhão, como lobos ferozes durante o banquete de um cervo. Tomam-lhe o cachimbo e iniciam um revezamento cíclico. Neste momento, quatro ocupam o local e todos se esquecem das mazelas que lhes aporrinham. Estão felizes agora. O teatro continua mudo, apesar do compartilhamento de intenções entre os atores. Todos executam a mesma ação, enchendo os pulmões doentes com o máximo daquele vapor exageradamente impuro.

Acaba-se a pedra. Cada um vai para seu canto. Descansam, os corpos, enquanto a mente deixa o plano em uma viagem alucinadamente reconfortante. Não há dor, nem tristeza, nem morte que lhes possam causar sofrimento pelos próximos quinze minutos.

UMA NOITE, GRILOS E UMA CAMA

Werik Ramos da Silva.

A cama está arrumada
Vamos deitar!
A noite se arrasta do lado de fora,
Nós aqui, preparamos para a cama
Arrumada, tão cheirosa
Nos espera, para a noite
Grilos não querem dormir
Do lado de fora,
Logo haverá algazarra,
E a cama que nos espera
Do lado de dentro,
Não imagina a algazarra,
Que os grilos fazem,
Em suas camas tão cheirosas.
A noite tem dessas coisas,
Camas cheirosas
E grilos,
A algazarra é apenas um enfeite.

EDITADOS

Kleber Inácio da Silva.

Em 2011, foi descoberto por uma microbiologista francesa e uma bioquímica americana, a técnica das "tesouras moleculares", denominado de CRISPR. CRISPR vem do inglês (Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats), ou Conjunto de Repetições Palindrômicas Curtas Regularmente Interespaçadas, e se refere a uma região do genoma das bactérias caracterizada pela presença de sequências de DNA curtas e repetidas. As bactérias dispõem de um sistema que copia o DNA de um vírus todas as vezes que são atacadas. Em um próximo ataque, elas utilizam essa memória para identificá-lo. Codificada pelo RNA, a proteína C9 da bactéria atua como uma tesoura e elimina parte do DNA do vírus em um novo ataque, impedindo sua reprodução.

Ao aplicar a técnica em humanos, descobriram que a proteína C9 pode tirar uma sequência específica do DNA responsável por qualquer doença no organismo. Posterior, tal sequência é substituída por outra, que permite a reconstituição dos próprios genes.

Em 2013, um pesquisador do instituto de tecnologia de Massachusetts reconheceu o potencial da técnica para a edição de genes humanos. A cura para todas as doenças poderia estar alcançável; produzindo modificações altamente direcionadas em genes humanos e projetando um método para identificar RNAs guias e a proteína Cas9 em células humanas.

Em 2019, um grupo de cientistas na China fez o primeiro transplante de medula óssea de uma paciente HIV positivo com leucemia linfoide aguda. Outro projeto da fase 1, foi com três pacientes com câncer refratário. Os cientistas reconheceram e isolaram as células T, que foram modificadas pela técnica CRISPR e reintroduzidas nos

pacientes. O sucesso foi de dois para um. A empolgação da comunidade acadêmica científica e da população leiga foi significativa para mais testes prosseguir. Foi visto como um importante recurso para curar diversas doenças.

Em 2018, um geneticista chinês em segredo criou dois bebês geneticamente modificados. Ele usou a técnica CRISPR para editar dois embriões e os colocou no útero da mãe por meio da fertilização in vitro. O parto foi um sucesso e nasceram gêmeas idênticas imunes ao vírus do HIV. O cientista modificou o gene CCR5, usado pelo vírus do HIV para atacar o sistema imunológico do ser humano, fechou a porta e o vírus não se conecta mais.

Também em 2019, o Dr. Vagner Smith, um bioeticista da universidade Abertay em Dundee, publicou uma análise detalhada dos riscos da edição de genes; são baixos o suficiente para justificar seu uso com embriões humanos. Disse:

– Criar bebês projetados é "eticamente justificável" e "altamente desejável". A técnica vai dar início a uma revolução na produção de pessoas geneticamente modificadas.

Em 2022, com a pandemia da coronavírus, o estudo continuou secretamente em países asiáticos. A técnica foi utilizada para tornar as pessoas imunes ao coronavírus e qualquer variação, visto que as vacinas se tornaram ineficazes com o vírus e suas mutações. A pesquisa foi um sucesso e, no final de 2022, anunciaram à comunidade mundial a cura definitiva para a covid-19 e todas as mutações possíveis; o vírus agora nunca mais será capaz de se conectar aos humanos.

Em 2024, um grupo de cientistas dos Estados Unidos da Universidade de Massachusetts anunciou ao mundo que tinham conseguido com êxito isolar as características genéticas da inteligência. Fazer mais conexões sinápticas no cérebro, tornando a pessoa com mais poder de cognição. Também conseguiram fazer com que o cérebro humano se lembre de tudo. E, por fim, anunciaram que estavam para nascer os primeiros gêmeos idênticos com tais modificações.

Em 2030, com o sucesso dos superbebês, a maioria das pessoas começou a encomendar tais crianças como se fosse escolher um presente na vitrine de alguma loja. Escolhiam a cor dos olhos, cor da pele, característica do cabelo, porte físico e a superinteligência.

O Homo Futurus, em 2040, foi eleito o mais jovem presidente dos Estados Unidos. Também a liderança da ONU passou para as mãos do mais jovem líder que o mundo já viu. Aliás, a maioria das grandes nações passou por uma reformulação com suas lideranças, colocando os novos humanos como líderes. Visto sua inteligência superior, capacidade de fala, retórica e revoluções em todas as áreas científicas, as pessoas comuns entenderam que o melhor para o mundo era deixar que eles guiassem a humanidade para um futuro ainda mais promissor.

Um desses jovens editados, o Homo Futurus, revolucionou a Física aos oito anos de idade e mostrou o que Einstein sempre sonhou. Apresentou um projeto de abertura de um buraco de minhoca transportando uma bolinha a uma distância de 10 metros para outro ponto; também apontou indícios sobre a teoria do tudo. O mais jovem a ganhar o prêmio Nobel.

Uma jovem também revolucionou a Física provando que as ondas gravitacionais são reais e fez um dispositivo que poderia interagir com elas. O multiverso pode estar ao alcance. Os avanços da nova evolução humana estão em todos os setores. Tais jovens começam a tomar o espaço de progresso do mundo.

Um jovem estadista apresentou um projeto que tornou o deserto do Saara cultivável. Represou o Mediterrâneo e erradicou a fome do mundo, tornando desertos em áreas cultiváveis. A engenharia teve seu avanço juntamente com a robótica; os jovens Homo Futurus criando super-robôs operários para executar qualquer tarefa humana. Plantar, colher, manufaturar, embalar, distribuir e tantas outras atividades. Serviços dantes humanos, tornaram-se algo simples e monótono que só os robôs faziam.

Em 2045, a sociedade está dividida em editados e não editados. Bebês Homo Sapiens quase não nascem mais. A acessibilidade para criar o Homo Futurus se tornou bem mais atrativa e de graça para qualquer pai ou mãe Homo Sapiens, que sonhava em ter seu supergênio.

Em 2050, o mundo foi dividido entre a espécie nova e a antiga. Os velhos e os novos. O Homo Sapiens acorda em um mundo no qual ele é o espécime inferior. Tal aspecto faz criar facções de guerrilha contra a espécie dominante. Uma resistência a não editados. Mas tal contramão não é lá muito efetiva. Os editados, por assim dizer, controlam tudo no mundo; amam tecnologia e fazem dela seu brinquedo. Não existe policial humano, bombeiro, médico, exército e até professores foram substituídos por droides que ministravam aulas online. A inteligência artificial foi revolucionada e tais máquinas são capazes de até se replicar. Uma resistência que não pode recorrer a nenhuma instituição política, pois os Homo Futurus dominam. A polícia nem se fala.

Foi também em 2045, um Homo Futurus, chamado Dr. Jafé; fez o que a humanidade vinha sonhando desde o início do pensamento humanitário. Aconteceu a unificação mundial e a fome erradicada. É um líder mundial muito carismático. Um grande orador, muito convincente e extremamente bonito. Ele faz coisas que nenhum líder mundial fez antes. Resolveu vários conflitos no mundo e principalmente fez paz no Oriente Médio, livrou o mundo do terrorismo e é saudado como o maior orador da paz que já viveu. Um verdadeiro super-homem. Fez tudo isso antes de assumir a liderança máxima de todo globo. Sob seu comando existem alguns indivíduos de sua espécie com grandes planos para o cosmo.

E foi em 2051, que Jafé fez um discurso no qual convidou a espécie Homo Sapiens para viver em conjunto com a espécie superior. Insistiu que as divergências deveriam ser exterminadas e de maneira simples exemplificou magnificamente que tais características superiores, principalmente intelectuais, não somariam à desigualdade e nem era motivo para se sentirem marginalizados.

No mesmo ano, um surto de um novo vírus estourou em todas as sociedades. Homo Sapiens e Homo Futurus estão à mercê de um vírus que se alastra rapidamente sem fazer distinção de quem é mais inteligente ou não.

Um homem na casa dos 40 anos acorda de manhã e fica visualizando o teto por alguns minutos. Suspira ao se levantar, procura um par de chinelas que sempre se escondiam por baixo da cama. Rapidamente, um droide recolhe e lhe entrega nas mãos. Tal homem, cuja feição espectral e sombriamente revoltada com este gesto, recolhe as chinelas e empurra o droide que cai de costas no chão. O droide não guarda rancor, levanta-se e informa que as roupas já estão passadas e arrumadas no guarda-roupa como ele gostava, por seleção de cores. O café está pronto e seu alimento preferido servido. Aquele ser metálico sai do quarto rapidamente para procurar uma vassoura. O nome desse homem é Latrednaen, um nome nada convencional. Mas, era um nome comum na atualidade. Ele foi até a cozinha. Bebericou seu café e comeu pão francês com queijo. Ficou ali fitando o pão francês e pensou na ironia que era tudo aquilo. O pão leva o nome de francês, mas não existe mais a nação francesa e muito menos é um francês que faz os pães.

Muito desconfiado, Latrednaen verificou se seu droide estava por perto. Com a certeza de que não estava, caminhou até a porta, abriu bem devagar para não fazer barulho, fechou e sentou-se no chão, perto do muro. Olhou mais uma vez para os lados, verificou as janelas dos vizinhos, com a certeza de que ninguém o observava, então arreda um tijolo e tira uma carta muito bem dobrada enfiando no bolso da jaqueta.

Dentro de casa, fingindo que tomava banho, pois o medo do droide ver o que fazia lhe assombrava; abre a carta e, por um momento, vislumbra através de memórias que tal objeto feito de papel em algum momento no grande passado humano era usado exatamente para o que fazia neste momento: enviar mensagens entre humanos, informar

notícias, até as cartas dos apaixonados. Tal recurso foi inutilizado com a revolução tecnológica e os aparelhos celulares. *Smartphones* e redes sociais modificaram para sempre os meios pelos quais os humanos se comunicavam.

Desdobra aquele pedaço de papel com muito cuidado até ver a pequena mensagem pela qual transmitia a seguinte notícia:

– Reunião às 19 horas no local que todos já sabem, com a variação 05. Com a senha que todos já sabem com a variação 19, que todos já sabem.

A aparência de Latrednaen é arqueada, usando um roupão cinza, meio calvo e sempre de bermudas, o que lhe traz um aspecto senil. Ele dobra mais uma vez a folha, joga no vaso e dá descarga. O droide que passava perto escuta; bate na porta e questiona se estava tudo bem.

– Está, máquina estúpida. Me deixe em paz, máquina maldita! – resmungou ranzinzamente Latrednaen.

Quase na hora de sair para sua reunião, aquele homem amargurado inicia seu ritual, toda vez que precisa sair sem a companhia do seu droide. Veste roupas de ginástica e fica se alongando no corredor. O ser metálico, aliás, possui nome, nome este que ele mesmo escolheu assim que foi entregue para Latrednaen: Jeff. Passa por ele e fica por alguns minutos analisando aquele humano. Depois se retira para fazer alguma coisa no porão. Antes de ir ele informa:

– Deveria ouvir as notícias. A pandemia está matando muitos Homo Sapiens e Homo Futurus. Sair de casa não é aconselhável. – ligou a televisão e foi-se.

Latrednaen escuta a televisão ligada e finge escutar o noticiário, afinal, se não fizesse isso, Jeff notificaria à central que o humano ao qual presta serviços, recusa-se a escutar conselhos terapêuticos. Todo droide é equipado com a mais avançada psicologia humana, além dos serviços domésticos, eles ajudavam as pessoas com os problemas mentais. Tal ideia veio de um Homo Futurus chamado Baladon.

– No Brasil, o vírus misterioso surgiu na cidade de São Paulo. O vírus é uma variante do ebola e coronavírus, mas se sabe muito pouco sobre ele até agora. Como tal mutação aconteceu do cruzamento de vírus tão distintos é inexplicável. Duas pessoas que tiveram o vírus morreram rapidamente. O Brasil concentra a maioria dos casos. São mais de 100 milhões, fora os turistas que passaram pelo local. Já existe notícia de turistas que passaram pelas terras brasileiras falecerem em Paris, Reino Unido, China e Estados Unidos. Isolados em quarentena, já passam de 200 mil em todos os países ao redor do globo, pelo fato da letalidade. No mundo inteiro o número de infectados pelo novo vírus ultrapassa recordes todo dia. Denominado de: Covoire-666.

O líder da OMS fala em relatório mundial. Um Homo Futurus de meia-idade.

O Covoire-666 caracteriza uma pandemia e todos os cuidados para superá-lo estão em vigor. A última pandemia foi a de Covid-19 e seres humanos inferiores conseguiram superar tais eventos trágicos. Agora, com mais recursos, vamos superar esse ser invisível que busca nada além de destruição. Todos os eventos estão cancelados. É proibida a circulação nas ruas e locais turísticos. Bares e restaurantes fechados. Nossos cientistas já anunciaram a vacina e estamos em produção acelerada para que nos próximos dias toda população que vive nesse pedaço de terra no sistema solar, esteja devidamente imunizada, Sapiens e Futurus, serão tratados da mesma maneira.

Latrednaen desliga a TV e caminha até a porta. O droide aparece do nada.

– Vai mesmo sair? Não ouviu nada do que foi informado?

– Ouvi, mas vou caminhar. Saia da minha frente, pedaço de lata.

– Eu sou um sistema de vida cibernético, altamente avançado, minha inteligência é mais eficiente que a humana, não sou um mero pedaço de lata, mas um ser ciente.

– Claro, claro, e antigamente eu criava cachorros. Agora me deixe sair, maldito.

Empurrou Jeff, abriu e bateu a porta quando saiu. Correu por uma rua vazia. Parecia dia de feriado ou alguma terra fantasma, cuja aparência trazia melancolia e inexistência total. Nem animais, nem pássaros, nada dava sua feição nas ruas. As janelas das casas fechadas e com cortinas impediam alguém de olhar pelo vidro.

Correu até a ponte principal, desceu os degraus e foi caminhando até uma trilha que permeava para dentro de uma floresta da reserva. Andou mais 20 minutos no meio da mata e encontrou um local de esgoto abandonado. Uma enorme manilha cuja aparência já se mesclava com a natureza local. Entrou dentro daquela boca desconhecida e tateou no escuro por cinco minutos adentro.

Achou uma escotilha e entrou. Ao fechar a porta, virou-se para uma sala iluminada. Falou a senha em voz baixa e a porta se abriu. Ao adentrar, sua feição mudou. Uma alegria contagiante se fez presente. Nem parecia aquele homem ranzinza de aparência depressiva de sempre. Um homem negro veio e lhe abraçou, uma mulher estendeu a mão em um gesto de comprimento. Caminharam até um salão. Lá no palanque, o líder daquele movimento já discursava, eloquentemente com um livro debaixo do braço, dizia:

– Essa vacina que tem a capacidade de agir dentro do seu DNA é como se fosse um cavalo de troia para seu corpo. Não por coincidência. Esse é um termo que usamos para designar o mais comum dos vírus de computador do passado. Um programa quer enganar os usurários sobre sua verdadeira intenção. Geralmente, são espalhados por algum tipo de engenharia social. Exatamente como ocorre com essa vacina. Porque eles conseguiram convencer a maior parte da população mundial, inclusive, a da nossa espécie, a acreditar nesse deus chamado ciência moderna ou como chamam "Ciência do Futuro". E tal religião é a que está trazendo o cavalo de troia, irmãos.

"Com a sua autorização, eles dominaram o mundo. Vão penetrar as muralhas e destruir sua última linha de defesa; o seu corpo. E assim, podem acreditar, vão nos matar de dentro para fora. E quando menos

perceber, já estará sendo destruído por dentro. Digo mais, irmãos e irmãs. Pensem bem, quantas pessoas temos que confiar pra você não passar mal quando vai comer algo fora de casa? Mesmo assim, muitas vezes, garanto que você já encontrou pelo menos um cabelo no alimento. Imagine então agora, quantas pessoas você está sendo obrigado a confiar no mundo para receber uma vacina apressada, experimental e feita da noite para o dia? Nem eficácia garantida possui. Viu o que dizem quando aplicam? Eu vi! Dizem que não se responsabilizam pelos efeitos colaterais... Conheço inúmeras pessoas que tomaram a vacina e morreram em poucos dias. – pigarreou, bebeu água que estava em um copo ali presente na tribuna.

– Portanto, somos os últimos de nossa espécie. Eles são os inimigos. Eles querem nos destruir. Somos nós ou eles, irmãos e irmãs.

* * *

Mais tarde, em casa, após a reunião, Latrednaen afunda na poltrona tomando um chá. Assistindo uma série antiga, selecionada pelo serviço de *streamer* comunitário; Utopia.

De repente, a transmissão é interrompida, exibindo o noticiário com o rosto do Homo Futurus mais famoso do mundo. Jafé, depois de um grande sorriso, fala:

– Caros colaboradores para um futuro melhor, venho por meio desse meio de comunicação informar que a vacina foi produzida com sucesso e que amanhã o mundo todo iniciará a imunização obrigatória. Claro, aos Homo Sapiens que se recusarem, terão tal direito, porém, onde sua escolha afeta aos demais, consequências serão aplicadas. Aqueles humanos que não se vacinarem, não poderão comprar nem vender. É proibida a circulação em vias públicas e todo tipo de estabelecimento. É confinado em sua residência todo aquele que não se vacinar.

Aquela notícia fez Latrednaen se afundar ainda mais na poltrona. Seu drone se aproximou e disse.

– Marquei um horário para o senhor se imunizar amanhã às 13 horas.

– E quem foi que pediu para fazer isso? – bradou.

– São instruções superiores ou prefere nunca mais sair para suas caminhadas? – deixou a sala em um silêncio sepulcral.

Mais tarde no dia, aquelas informações chocoalhavam dentro da mente de Latrednaen. O medo foi se expandindo e percorrendo todo seu corpo. A ansiedade fazia com que ele suasse frio. O pior de tudo era sempre manter a postura na frende do droide. Caso o mesmo percebesse algo, automaticamente iniciaria uma sessão psicológica. E se descobrisse que era por causa da vacina, poderia relatar à central superior. Naquela noite aquele humano não dormiu.

Ficou com os olhos fechados a noite toda na penúria, mas não se deu ao luxo de entrar no mundo dos sonhos. Uma ideia vinha e voltava na sua mente persistentemente: A ideia de fugir..., mas, fugir para onde? Onde? Onde ele poderia ir? À polícia? Algum político? Fazer manifestações? O sistema de monitoramento vigia a todos. Tal software identifica a feição, temperatura, sendo capaz de saber onde a pessoa esteve com precisão a qualquer momento. Sem mencionar os droides que coletam dados dentro da própria residência. O governo é capaz de saber, em tempo real, o que fazem todos os bilhões de habitantes em todo globo. Imagine que as fotos, vídeos e áudios de seu *smartphone* são monitorados, em tempo real, por uma central de análise de dados e que, seu deslocamento, de casa para o trabalho, é acompanhado por câmeras capazes de reconhecer seu rosto e associá-lo a seus dados pessoais, como a escola onde estudou, as festas a que foi e até quando esteve em cultos religiosos. Ao adentrar em algum estabelecimento comercial, suas bolsas são checadas por droides de segurança, com aparelhos portáteis de raio-x e câmeras frontais que leem suas íris para certificar-se de sua identidade. O sistema é muito rigoroso e com

a inteligência artificial torna tudo muito, muito difícil de escapar. Uma câmera e software de conhecimento é capaz de analisar mais de mil pessoas por frame capturado, identificar seus rostos e checar, em base de dados públicas, se há entre os monitorados pessoas procuradas pela justiça. Os droides também possuem um par de óculos de reconhecimento facial. De acordo com Jafé

– A tecnologia aponta 83% dos cidadãos com recurso positivo para aumentar a sensação de segurança. Se você não faz nada, não teme nada. Pense melhor antes de jogar um papel no chão ou atravessar a rua fora da faixa de pedestre – brincou.

Aquela ideia ainda pesava na mente de Latrednaen. À medida que se aproximava o horário no qual era sua vez de se imunizar, a ideia se tornava mais atrativa. Encurralado e temendo ser vacinado, ele foi obrigado a tomar uma decisão.

Latrednaen veio de uma família de sobrevivencialistas. Ninguém sabia além do próprio dono da casa que havia um *banker*, cuja entrada secreta é debaixo do porão. O armazenamento de mantimentos era mantido e abastecido rigorosamente por ele. Mantimento para uma década. Se refugiar ali dentro lhe pareceu a única alternativa, mas primeiro precisava se livrar do Jeff.

Matar um droide é crime passível de punição perpétua ou pena de morte. Deveria ser feito de surpresa, pois se o mesmo percebesse as más intenções humanas, avisaria às autoridades instantaneamente.

Por isso, aquele homem acuado planejou uma estratégia para dar cabo no Droide. No quarto pigarreou sem parar. Mas, não chamou Jeff. Porém, como habitualmente fazia, o droide não esperou ser chamado e logo veio ao auxílio.

– O senhor quer um chá? Quer que chame o médico? Não é possível que já se contaminou, bem que avisei para não sair de casa. Sua imunização é daqui uma hora. – Latrednaen apenas abaixou a cabeça.

Jeff se virou para ir à cozinha. Nesse instante, aquele homem cheio de medo e raiva pegou um martelo de cinco quilos e desferiu várias vezes no crânio do robô. Que caiu em espasmos para frente.

Sem perder muito tempo, largou o martelo na cena do crime e correu para o porão. Abriu a entrada secreta e desceu para seu *banker* particular e lá ficou por uma década.

* * *

Depois desse longo tempo confinado, Latrednaen nem se lembra mais como é ver o sol e a lua. Não sabe o que é uma brisa ou um vento forte, nunca mais viu a chuva. Sua rotina dentro da sua prisão particular feita por ele e para ele,consistia em correr na esteira de manhã. Nos primeiros anos apenas, pois a esteira estragou em dois anos. Depois, o exercício matinal de acordo com o relógio, era flexões. Almoçar por volta das 11h30, como informava o relógio.

Posterior, ler livros físicos armazenados ao longo do tempo por seus pais. Depois de cinco anos, já havia lido todos, então voltou ao início. O livro que ele mais amava e odiava ao mesmo tempo era 1984, sempre fazia comparações com a realidade, e apesar de ser uma ficção, não deixava de ter seu pingo de verdade. O jantar era às 20h00 e, logo após, nos primeiros quatro anos, assistia um filme ou série armazenados no HD externo conectado em um *smartphone*. Seu pai havia feito uma gambiarra e algumas baterias e pilhas que faziam a carga de apenas um telefone. Seu estoque de recarga apenas durou todo esse tempo porque Latrednaen usava uma vez por dia nesse ritual de filme após o ,jantar. O banheiro improvisado, graças a uma fossa caseira cavada subterrânea. Um poço artesiano garantia água potável para sempre. Apenas a alimentação que tinha data de término e isso aconteceu.

Depois de uma década, Latrednaen já havia se tornado outro tipo de ser humano. O ser, homem do subterrâneo ou das cavernas,

olhando para seu último enlatado, ele imagina como vai ser dali para frente. Seu cabelo já chegava na cintura, todo armado. A barba chegava no abdômen e pela cor avermelhada dava um toque de homem das cavernas, sem mencionar a monocelha. Abriu a lata de salsichas e começou a comer direto da lata, pinçando com seus dedos sujos aquele alimento feito 10 anos atrás. De repente, um barulho veio e por algum momento Latrednaen pensou ser mais uma alucinação. Afinal, nos últimos anos, espectros não explicáveis e barulhos eram frequentes por toda parte. Mas, esse barulho não era comum. Parecia uma pessoa batendo em uma porta. E, quanto mais batia, mais e mais Latrednaen ia se dando conta da verdade imensurável. Alguém batia na sua escotilha, alguém lhe encontrou, alguém lá do mundo real descobriu seu bunker depois de uma década.

"Quem será?", pensou, logo em seguida andou quase rastejando até as escadas e ficou olhando para cima.

Sim!

Estão batendo na escotilha...

Subiu as escadas e a cada degrau um medo enraizado com desespero percorria todo seu corpo. Ele comeu seu último enlatado. Não havia mais alimento ali para ele. Suas escolhas eram poucas e ficar tanto tempo sem ver ninguém e nenhuma notícia da superfície o deixou curioso. Alguém está ali batendo, será um amigo?

Latrednaen sabia muito bem suas opções. Tinha lido em um livro sobre quanto tempo uma pessoa poderia viver sem se alimentar, apenas tomando água. Tinha relatos de 50 dias, 21 dias, 8 dias, dependia da pessoa. Julgando seu estado físico, ele acha que não passava de 4 dias. Ao chegar perto da escotilha, ele para e fica escutando...

Outra batida...

– Quem bate? – questionou com voz trêmula. Depois de tanto tempo, escutar sua voz reverberar era assustador. Colocou a mão na boca e soluçou.

– Um amigo, Latrednaen. – uma pausa – Vai abrir ou não?

– Quem é você? Não tenho amigos.

– Ahhh, tem sim! Sempre observei você, mas estava ocupado demais com suas paranoias. Bom, para encurtar a conversa, vamos direto ao ponto.

Latrednaen se afastou da escotilha e desceu dois degraus segurando a respiração.

– Sei muito bem que você não tem alimento para se manter, deve ter acabado ontem ou agora mesmo. Para sua espécie viver sem a luz do sol, apenas com enlatados, eu diria que sua integridade física é nada forte. Sua opção é abrir para conversarmos. Ou, morrer de fome e sozinho. Também posso forçar a porta e te pegar de qualquer jeito. São opções, como diria. – fez outra pausa. – Na verdade, Latrednaen, você não tem opções.

Ele desceu as escadas em silêncio e decidiu não abrir e ignorar aquela voz do lado de fora. Poderia ser uma alucinação. Como ele sabia a duração dos alimentos? Será que sempre esteve vigiado? Será que todas as reuniões de que participou Jeff o havia seguido?

Sim é uma alucinação. Com certeza é...

Andou cautelosamente e desmoronou no sofá cama. Ainda com a mão na boca segurava o fôlego. Adormeceu.

Um barulho ainda maior lhe despertou. Estavam explodindo a entrada do *bunker*. Uma granada explodiu perto dele raptando seus sentidos. Sua visão ficou turva e seus ouvidos em apitos. Um capuz preto tomou seu mundo...

* * *

Depois de certo tempo; tempo esse que nem Latrednaen sabia exatamente quanto se passou, seus sentidos começavam a voltar. Sua visão pisca e se fecha pela claridade do ambiente. Com a mão tapando, ele abre os olhos por detrás daquela proteção improvisada. Depois de algum tempo, abre os dedos e fica assim até tirar totalmente as mãos. Apertando e esfregando a visão sem parar. Franziu o cenho ao olhar

o ambiente em que estava. Uma grande sala de aproximadamente 10 metros quadrados, toda em branco. Apenas duas poltronas no ambiente, a que está e mais uma vaga à sua frente. Ao lado, uma mesinha com um bule e algumas xícaras. Visualizou sua vestimenta e estava com os mesmos trapos de sempre, cabeludo e barbudo.

A fisionomia do homem que entra no recinto deixa Latrednaen com medo e estranheza. Extremamente pálido, não possui pelo no corpo e tem a forma humanoide, suas veias são visíveis sob a pele e possui olhos completamente negros. Sua estatura é grande e parece ter força sobre-humana pelo seu porte.

Ao seu lado, vinha um ser humano aparentemente normal. Terno branco, cabelo penteado para traz. Os dois se aproximam de Latrednaen. O pálido sentou-se na poltrona, o que pareceu ser um adulto tentando se acomodar na cadeira de uma criança. O de terno veio mais perto e com um gesto fez as apresentações.

– Senhor Latrednaen, queira apreciar meus cumprimentos. Meu nome é Jafé, creio que já me viu em alguma transmissão há anos. Esse aqui – com um gesto indicando aquele ser de olhos totalmente negros. – É Augusto. Aquele que merece respeito!

– Ele parece não compreender – disse Augusto. – É disso que evoluímos?

– Garanto que ele entendeu. Mas, a sua espécie tende a ficar em silêncio quando algo lhes aterroriza – comentou Jafé olhando diretamente para Latrednaen. – Estamos aqui para contemplar o último Homo Sapiens vivo. Espero que entenda e que isso não lhe traga nenhuma pane mental.

O humano estatelou os olhos. Seu coração disparou. Sua língua enrolou...

– Senhor Latrednaen, você já ouviu falar no animal lobo da Tasmânia?

Nenhuma resposta, apenas espanto. Jafé foi até o bule, colocou um líquido quente em três xícaras e entregou uma para Latrednaen, outra para o ser pálido e segurou a última, bebericando.

– Vejo que não conhece. Creio que a história dele possa fazer com que entenda sua situação daqui em diante, senhor Latrednaen. – bebeu um pequeno gole daquele líquido saindo fumaça e continuou: – Tilaciono, conhecido como lobo da Tasmânia, era o maior marsupial carnívoro dos tempos modernos. As suas costas listradas valeram-lhe a alcunha de tigre. Habitava o país que um dia se chamou Austrália e a Nova Guiné e acabou sendo extinto, em 1936, por causa da caça. Bom, isso não é novidade, sua espécie fez isso com várias outras sem remorso. Disso sabemos bem.

– O que tem haver a história desse animal com essa situação? O que querem de mim? Por que estamos aqui?

– Curiosa a espécie Homo Sapiens – disse o pálido. – Parece uma tendência a responder perguntas com outras perguntas...

– Essa é uma característica peculiar. No meu último livro, tratei dessa tese e agora eis a prova – respondeu Jafé.

– Vou ser direto com o senhor – disse Jafé para Latrednaen. – Você é nosso lobo da Tasmânia. O último Homo Sapiens vivo. Sabe de uma coisa, senhor Latrednaen. Um dos poucos fatos que me arrependo é minha espécie ter extinguido todos vocês da face da terra. Deveríamos ter deixado alguns casais vivos para estudo ou em zoológicos, como faziam com os macacos dos quais tinham certeza de que vieram, ou ancestral comum...

O Homo Sapiens se levantou com um pulo de terror, jogando a xícara no chão.

– Mas, veja só? Temos um aqui presente! – Olhou para o homem pálido. – O que me diz Homo Perfeito, será que a comunidade acadêmica de Marte virá finalmente à terra apreciar tal achado arqueológico?

– Olhar para tal ser é a mesma coisa que observar formigas. Não reconheço que vim dessa criaturinha horrenda cheia de medo. Mas, sim, a comunidade acadêmica fará sua presença para estudar essa criatura. – Levantou. – Preciso pegar a próxima espaçonave para Alpha Centauri. Não me interessa mais ver deplorável ser. – Foi saindo sem demonstrar mais nada.

– Como podem falar assim comigo? – Finalmente Latrednaen conseguiu expressar algo. – Vocês têm noção com quem estão falando? Sou um ser humano e mereço o devido respeito. Você acha que podem me estudar como um animal qualquer? Quem pensam que são? Deuses é que não são!

– Senhor Latednaen, você não entendeu sua situação até agora. Vejamos outros exemplos. – Andou de um lado para o outro. Aquilo parecia excitar Jafé. – Sua espécie quando usava chimpanzés ou ratos brancos para testes científicos... Não existia remorso nem se colocavam no lugar de tais seres vivos.

– Eram usados como teste para criar vacinas, produtos cosméticos e tantos avanços científicos para a humanidade – interrompeu Latrednaen em fúria. – Quero sair daqui. Eu exijo sair daqui imediatamente! – gritou.

– Finalmente você entendeu o que representa para nós. O Homo Futurus também está em extinção. Quem você viu sair daqui é o novo passo rumo à glória eterna. Eles nunca envelheceram, nem nenhuma doença vai os afligir. Estão colonizando galáxias. O Homo Futurus, pela contribuição nisso tudo, foi permitido viver na terra em paz. Mas, você meu amigo, é apenas nosso rato que vamos desfazer e fazer sem remorso nenhum, pois seres com inteligência superior como nós, não sentimos nada por seres inferiores.

– Isso não é justo! – murmurou. – Tenho direitos... – Essas últimas palavras soaram estranhas, não tinha ninguém para garantir seus direitos...

– Não me faça rir, senhor Latrednaen. Sua espécie já fez isso com os homens de neandertal. Por que agora seria diferente? Aliás, por isso seu nome é o que é. Quando fiz a lei para todo Homo Sapiens se chamar; Latrednaen. – acenou e dois homens robóticos entraram na sala e pegaram o último Homo Sapiens que saiu a gritos e esperneando. Gritando que tinha direitos.

A HORA, O SEGUNDO, O PIANO E O PRATO

Paulo Tárcio Martins.

É comum, e até corriqueiro, presenciarmos nas grandes organizações a discriminação de pessoas quanto à função ou posição que exercem.

É chefe menosprezando os chefiados, é gerente boicotando os gerenciados, é patrão selecionando os "chegados" e assim por diante.

"Arrastação de tapetes" então é prática bastante difundida entre os diversos escalões constantes de um organograma.

Nesse nosso mundo dito globalizado ou moderno, em plena Era de Aquários, com a informatização não encontrando limites para o inusitado, para o dito impossível, é até vergonhoso ainda convivermos com ações trogloditas e rasteiras como as que hoje enfrentamos.

O homem terá, por bem ou por mal, que entender ou compreender que não será por estas práticas que ele concluirá seus intentos aqui no nosso "cansado" planeta.

Alguém poderá dizer: Mas como se enveredar pelos caminhos do bem se os maus prosperam cada vez mais; se os "picaretas" vivem como nababos e os que trabalham muito não têm tempo de ganhar dinheiro?

Difícil resposta ou cada um tem uma...

Mas, talvez seja justamente essa individualidade das respostas que estão norteando as ações hoje ditas normais ou naturais.

Há uma citação de um pensador que diz:

"A união do rebanho faz o leão ir dormir com fome."

O nosso problema é que o leão, sabendo disso, está criando alternativas para minar esta união, provocando a desordem, a calúnia, a difamação, o caos... justamente para não ficar sem sua ceia diária.

O leão está pregando que é necessário "puxar o saco" para não puxar carroça; que no amor, nos negócios (sem falar em política), vale tudo.

É preciso parar com a prática de querer levar vantagem em tudo, senão estaremos marchando para uma guerra (3ª ou última?) sem precedentes, com táticas escusas, sem nenhum mérito, sem nenhuma honra ou glória... sob pena de alimentarmos demasiadamente o leão e torná-lo tão poderoso ao ponto de sermos transformados em simples súditos, bobos da corte ou escravos de sua vontade.

Estamos tomando conhecimento de grandes corporações encamparem as menores, ou as mais fracas, grandes bancos se associarem ou se fundirem a outros criando monopólios dificilmente de serem superados, tornando-se leões do mercado.

Ora, mas eu não me propus a falar sobre a hora, o segundo, o piano e o prato?

Sim! E falei. De certa forma, é claro!

Estão menosprezando os segundos em favor da hora...

Estão relegando a segundo plano o som do prato na orquestra em favorecimento do piano, do violino, da flauta... do rico, do bonito, do famoso, do poderoso...

Meu avô, de saudosa memória, já dizia, na sua época produtiva, que chegaria o tempo que teríamos o dinheiro, mas não teríamos a mercadoria para comprar... Principalmente a mercadoria humana, a força de trabalho de cada um.

Pai boia-fria não quer ver seu filho boia-fria; Mãe doméstica não quer ver sua filha doméstica. Todos querem o melhor para seus parentes (será isto nepotismo na vida?) E não poderia ser diferente! É obvio e ululante que todos querem vencer, viver melhor, ter boa vida...enfim.

O problema é que chegaremos a um ponto que, para ser boia-fria ou doméstica, teremos que ter um diploma, uma boa formação escolar... e quanto isto vai custar aos leões? Vamos ter que importar mão de obra barata de qual País? E a densidade demográfica? E o efeito? Estufa ou não estufa? E o degelo das geleiras? Como fica meu uísque? E os furacões? Os terremotos, abalos sísmicos e acomodações das placas tectônicas? E os mensalões da vida? O que farão os leões?

É necessário iniciarmos uma "campanha da fraternidade" mas sem terceiras intenções, no sentido de valorizarmos o ser humano da hora, do segundo, da orquestra como um todo... tocando piano, flauta, violino... ou prato... para darmos mais importância a todos os nossos semelhantes e que este semelhante também se conscientize e não deixe sua existência, sobrevivência ou qualquer outra "ência" só por conta dos "cartões e bolsas" alheias e originadas nas dependências de tocas de leões e agora também de leoas.

É preciso valorizar cada segundo de nossa existência, porque um punhado de segundos (exatamente 60) formam um minuto e outro punhado de minutos a hora, o dia, o ano... a nossa vida.

É preciso prestarmos mais atenção, de forma igualitária, a todos componentes da orquestra, do piano ao prato, como o maestro de ouvido apurado que consegue, com clareza, ouvir a todos os instrumentos, em curto espaço de tempo, em um segundo talvez, para formar horas de verdadeiro deleite e harmonia musical para nossas vidas... Temos que, não fazer o leão (ou seria a leoa?) ir dormir com fome, mas tentar mudar seu cardápio, por exemplo...

Vai uma alfacinha com agrotóxico aí, senhor leão...?

Sim!! Sim!! Aceito!! Aceito!!!

Um segundo, por favor, vou apanhar o prato...

GRAMÁTICA DO AMOR

Paulo Tárcio Martins.

Na nostalgia de uma reticência (...)
Na dúvida de uma interrogação (?),
No descanso de uma vírgula (,)
Na beleza de uma exclamação (!)
Na difícil pronuncia que um trema (´´) provoca,
Assim como dois pontos (:) sugerem explicação,
Da mesma forma o ponto e vírgula (;) denotam continuação,
Com você só terei um ponto final (.)
Quando não bater mais meu coração...

Recorrerei ao circunflexo (^)
Que, de cima, nos dará proteção,
Se for grave (´) o acontecimento,
Se for agudo (`) o sermão,
Colocaremos colchetes {}
Para os lados da questão
E ainda teremos parênteses ( ),
Para ajudar na solução
E apararemos as aspas (“”)
Com a força de uma paixão.
Na verdade, você é linda
Em qualquer pontuação.

DE QUALQUER JEITO

Paulo Tárcio Martins.

Não tem jeito, não a esqueço,
Nem sei se posso ou se mereço,
Só sei que em você reconheço,
Todos os motivos por que padeço.

Você vive em minha mente,
De várias formas presente:
Molhada, suada, cheirosa somente,
Dengosa, manhosa, formosa, carente...

Amiga, amante, santa, bandida.
Irada, nervosa, serena e contida,
Na vista, na lista, na morte e na vida.
No amor, na dor, alegre e sofrida.

Sem medo ou enredo, errada ou certinha,
Bonita na fita, na foto e na minha,
Na sua e na dele, na nossa festinha,
Na oração, no pecado e na fé que eu tinha.

Na cama, na rede, dormindo ou desperta,
Cantando ou calada, no som da seresta.
Correndo ou parada, no tempo que resta,
Sofrendo ou feliz, com a parte que presta.

No pensamento que voa, que corre, que anda,
Que planeja, que sonha, que obedece, que manda,
Na vida sem graça que o riso comanda,
No quarto que chora a dor na varanda.
No céu ou na terra, no espírito ou na alma,
No aperto, na folga, no agito ou na calma.
No calor ou no frio, no morno que salva.
Na poeira ou na chuva, na pele tão alva.

No tudo ou no nada, na música cantada,
Odiada ou querida, mas sempre falada,
Na doença ou na cura, na mentira safada,
Na verdade verdadeira, tantas vezes pregada,
No terço rezado de alma lavada,
Eu peço a Deus, por você, minha amada...

BIG BANG DIGITAL

Paulo Tárcio Martins.

Ao longo da idade e da história da Terra, no meu modesto modo de entender, imensurável, sempre ocorreram grandes acontecimentos nas suas mais diversas eras: catástrofes das mais diversificadas magnitudes, tais como a destruição dos dinossauros, supostamente provocada pela queda de um grande meteorito; as duas grandes guerras com seu holocausto; as grandes endemias, epidemias e pandemias; e até o suposto dilúvio apregoado pela Bíblia Sagrada como castigo divino; o nascimento, vida e morte de Jesus Cristo, só para citar alguns.

Todas estas ocorrências e tantas outras que não foram aqui destacadas, impuseram impactos devastadores ou de grande relevância para a humanidade, para o meio ambiente, fauna, flora e toda a cadeia que compõe nossa casa principal, tanto no campo das ciências quanto no campo religioso.

Pois bem, baseado nestes acontecimentos e nos seus resultados provocados e, baseado também na minha dose de loucura ou maluquice (todos nós temos a nossa dose), cheguei à seguinte pergunta ou questão: E se houvesse, hoje, um Big Bang Digital? E se a internet, de repente, não funcionasse mais? E se todos os computadores, CDs, DVDs, Pen Drives e outras formas de armazenamento e transmissão de dados sofressem um "delete" inexplicável...? E se todos os dados, vídeos, fotos e números do celular misteriosamente apagassem?

Alguém vai dizer em resposta: Isso é impossível!! O mundo está preparado para que isso não aconteça! Será? Será que o meteorito que destruiu os grandes répteis e outros animais era possível prever? Os vírus mutantes e as bactérias resistentes a tratamentos e medicamentos poderiam ser previsíveis? O grande atentado às torres gêmeas poderia

ser previsto e prevenido com antecedência? A grande crise hoje existente no mundo financeiro era previsível?

Tenho as minhas dúvidas!

É claro que estamos trabalhando no campo das hipóteses, mas a grande verdade é que é possível um grande "boom" na internet que venha a prejudicar, sobremaneira, a nossa vidinha aqui na Terra. É bom pensar nisto e arrumar uma "caixa preta" para guardar nossas informações que eu me arriscaria a dizer: Imprescindíveis e quase indispensáveis aos nossos séculos vindouros.

O caro leitor já prestou a devida atenção na velocidade que se estão construindo aparelhos eletrônicos, principalmente os de uso móvel? Hoje são o que há de mais moderno, amanhã são obsoletos e descartáveis (cuidado para não descartar os chips junto).

Senhas então, existem para tudo. Sem senha não existimos mais...

E por falar nisso, qual é a sua? Envie para o meu e-mail, criptografada ou para o meu celular em forma de torpedo.

Volto a divagar: o que poderia acontecer se este Big Bang Digital ocorresse? No mínimo, teríamos uma Terceira Guerra Mundial de arcos e flechas. E se... ah, deixa pra lá! Estou atrasado para checar os meus e-mails, ver se o meu saldo no banco mudou de vermelho para preto, se não, tenho que fazer uma transferência, tenho que preencher a minha declaração do imposto de renda, renovar meu seguro, comprar uma bateria para o meu celular, checar extratos de cartões e conversar com meus filhos e netos via *WhatsApp*; isso depois que eu passar um antivírus no meu notebook e torcer para que o Big Bang Digital não ocorra agora.

Fuuuiii.

AMOR ESTRANHO AMOR

Paulo Tárcio Martins.

Às vezes me ponho a pensar,
Como eu consigo ser assim:
Será que alguém gosta de mim?
Ou será só eu que vivo a amar?
As pessoas que me rodeiam.

De vez em quando eu me acho diferente,
Meu jeito de ser, meu comportamento...
Até quando será que eu aguento?
Brincando de ser E.T., não sendo gente.
Será que elas entenderão?

Mas uma coisa eu posso afirmar:
É amor sincero o que eu sinto.
É verdade! Sobre amor eu não minto,
Não sei fingir, não sei negar...
Esse amor estranho amor...

Que amor é esse? Que não pede retorno.
Que sentimento é esse? Que não reivindica.
E o meu viver? Como é que fica?
Nem frio, nem quente e nem morno?
Será preciso muita compreensão...

Mas, enfim, amor é amor! E é bom,
De dar, de sentir, de praticar, de fazer...
E eu faço o que posso, o que devo ser,
Amante estranho, diferente, sem cor e sem som.
Mas um dia eu vou vencer,
Esta grande solidão.

A MENTIRA DA VERDADE

Paulo Tárcio Martins.

A verdade, certo dia, me chegou,
Dizendo que eu devia esquecê-la.
Pois você nunca em mim se ligou
E nada fez por me merecer.

Fiquei, por alguns momentos, com medo
Que a verdade tivesse razão.
Não temos que crer na verdade?
Não temos que crer na versão?
Que a verdade chega, tarde ou cedo
E devemos sempre lhe dar vazão?
Em suas afirmativas
E na sua informação?

Mas o impossível aconteceu, pode crer
Descobri que você nunca disse
O que a verdade anunciou
Mas só que por não poder,
Você apenas se calou.
Você liga sim! Você sempre sentiu
Por mim um grande amor...!!
Foi a primeira vez na vida que a verdade mentiu.

Ou será que foi verdade a mentira dela?

O que é a mais pura verdade são meus desejos...
De um Feliz Natal e um Ano Novo, a você, infinitamente
Melhor do esta que se acaba, mas deixa saudades...
Não posso negar e nem mentir.

CANTINHO DA CULTURA

Sebastião Bento da Silva.

A dança da catira é uma manifestação folclórico-cultural genuinamente brasileira. E é conhecida em alguns Estados (à exceção de Minas São Paulo e Goiás) conhecida como Cateretê. Segundo José Ribeiro, renomado folclorista e historiador baiano, é uma dança de origem indígena, tal como o próprio nome, tirado da língua Tupy Guarany.

A Catira é uma dança praticada largamente no interior do Brasil. Especialmente, nos Estados de Goiás, São Paulo e Minas. É uma espécie do sapateado e bater de palmas, executado por homens e mulheres, rigorosamente organizado ao som da viola. A indumentária é variável. Nos Estados do Norte e Nordeste, usam-se calças comuns, palito e gravatas. Em Goiás, trajam-se de modo uniformizado, com calças comuns, camisas brancas ou vermelhas ou xadrez, botas ou botinas de salto, chapéu "panamá", branco ou preto e lenço no pescoço.

Para iniciar-se a dança da catira, o violeiro puxa som da viola, num ritmo especial e os dançadores fazem "a escova, isto é, um rápido bate pé e bate mão; a seguir os violeiros cantam a Moda de Viola, ajudado pela segunda voz e volta novamente o sapateado e bater de palmas com diferenciação após cada estrofe da Moda. A melodia apropriada para a dança da catira, obedece como tema-enredo um assunto de uma história sertaneja, romântica ou de tragédia. Quando termina a Moda, inicia-se o "recortado" com um ritmo diferenciado com música de anedotas. No "recortado" muda-se o ritmo da viola e assim como o sapateado e o bater de palmas. Nesta parte, os catireiros fazem uma saudação ao público, e realizam a "serra acima", que é um bater de mãos e de pés sincronizados, para dentro e para fora.

Os paulistas foram os primeiros a utilizar a dança da catira em grande escala. Os peões de boiadeiros que faziam o transporte de gado

por terra, pelo eixo São Paulo, Minas e Goiás, se encarregaram de popularizar a dança em nível nacional. As viagens eram longas, tocando o gado, e em quase em todas as paradas (pousos) havia a dança da catira. Erroneamente, muita gente afirma existir catira, paulista, catira mineiro ou goiano. Mas, na verdade, a dança da catira é uma só; com algumas variações inerentes às tradições locais ou regionais.

O Rio de Janeiro tem o Samba, o Norte tem o Carimbó, o Sul tem a Chula e o Nordeste tem o Axé e o Centro-Oeste tem como valores tradicionais mais expressivos a Catira, as Folias, a Dança do Lenço a Quadrilha dentre outras manifestações de artes ligadas à música-raiz. E Morrinhos tem uma importante história neste ramo cultural, que devia ser preservado. Os catireiros do Mimoso, incentivados pelo Sr. Pechoal, foram os mais notáveis da região. Mais tarde, surgiu um grupo de catireiros formado pelos filhos do Sr. Antônio Tita e os Pitangas, com outros dançadores do Bom Jardim, que chegaram a realizar boas apresentações nas Festas do Centenário da cidade, com muito aplauso do público.

Os Catireiros de Morrinhos, coordenados pelo Sr. Rubens Alexandre, atualmente estão inativos. Em muitos locais do Brasil a dança da catira é uma das manifestações culturais prestigiada até com certo orgulho. A Superintendência de Cultura Municipal de Cultura, dirigida por Fabiana Aparecida Oliveira Costa e Silva, não tem medido esforços para tornar uma realidade, a nossa cultura tradicional.

A dança da catira é uma tradição muito cultuada no município de Morrinhos. No passado, os grupos que mais e notabilizaram foram os do Mimoso e os filhos do Antônio Tita, e os Pitanga na região Formiga. A folia Centenária das regiões Bom Jardim das Flores, Barreiro e Chapadão, nos tempos do Lindolfo Laura, possuía um grupo de catira que meu pai, (José Bento da Silva) chegou a pertencer.

Mas, em Morrinhos, os órgãos da Cultura não têm dado importância a este tipo de manifestação folclórica e outras expressões tradicionais do povo. Enquanto isto, muitos organizadores de eventos

locais culturais trazem a alto custo, outros tipos de cultura, que nada tem a ver com a identidade histórica de Morrinhos. E, em decorrência disso, há uma forte tendência de desaparecimento total destes valores genuínos da gente do lugar e, se alguma coisa ainda existe, é graças aos esforços de preservação de algumas pessoas, mas agora, a atual Administração do Prefeito Joaquim Guilherme e a primeira Dama Eneida Figueiredo estão empenhados no resgate dos valores culturais de nossa terra. Vão aparecer coisas grandiosos dos valores tradicionais da nossa gente.

VALORES DA CULTURA TRADICIONAL EM MORRINHOS

Sebastião Bento da Silva.

Prosseguindo abordando o tema "Valores da Cultura Morrinhense" especialmente sobre a Música Raiz, inúmeros compositores existiram e ainda existem por aqui e não obstante, não serem famosos, deviam serem prestigiados, a exemplo do que ocorre com os mais famosos em nível nacional. Chico Flor, Foguinho, Djalma, Abadio Ivo João Domingos, Joana D'arc, entre outros, formam o quadro dos compositores morrinhenses de músicas raízes, mais conhecidos, através das melodias: Morena Orgulhosa, Coração Ingrato, Traição, Goiano Rico, Rancho da Serra e Medo de Amar, respectivamente gravadas em discos por Dalmo e Delmo, Campinho e Palmeirinho, Irmãos Monteiro e Trio da Vitória, apreciadas aqui e noutras cidades brasileiras.

Todavia, há outros bons compositores morrinhenses de música raiz, que deviam ser mais prestigiados, na maior emissora da cidade e da região, a Rádio Integração FM. Até agora os nossos valores artísticos e culturais não têm o prestígio que merecem nesses poderosos meios de comunicação, que não demonstra interesse em divulgar os cantores de música raiz da terra. Oh, que uma pena.!

Parece ser este um mal generalizado, não só em Morrinhos, como em Goiás de um modo geral. Quem não se lembra de Zezé de Camargo, quando formava dupla com Zazá, de Bruno e Marrone, quando vinham por aqui? Não fazia nenhum sucesso e, no entanto, são agora valorizados no mundo inteiro com o apoio da grande mídia.

Se fizermos uma pesquisa verificaremos que muitos dos anunciantes, da imprensa local e dos contribuintes do poder público são

apreciadores da boa música raiz e gostariam de ver valorizadas as produções da gente da terra.

A atual administração municipal, através da sua Superintedência de Cultura, apoio à cultura geral em Morrinhos.

E, com certeza, haverá, como nunca antes, um maior esforço, no sentido de resgatar o que já existe neste campo, da cultura tradicional morrinhense, inclusive já há uma movimentação da Superintedência Municipal de Cultura no sentido de incentivar um grupo de catireiros-mirins, existente na cidade e restaurar a Orquestra de Violeiros, a fim de prestigiar todos os valores culturais de nossa gente, por meio de um evento que tenha como objetivo valorização da cultura local, sem nenhum preconceito de ordem intelectual.

Não seria justo e nem correto deixar da nossa parte deixar de reconhecer o prestígio que as R***á***dio Morrinhos AM e Boas Novas FM t***ê***m dado à música regional.

A cultura de um povo inclui necessariamente, a tradição de sua arte que deve permanecer cada vez mais viva na consciência de suas gerações. Mas, até parece que esta geração está perdendo na própria consciência, o sentimento da tradição bairrista que evidencia os seus valores. Só quer dar valor ***à*** cultura dos outros povos e este é um fato no mínimo estranho e inaceitável do ponto de visto histórico-cultural.

Historicamente, Morrinhos tem sido referência cultural em nível nacional, no campo da literatura, bastam citar nomes que já são famosos como Leo Godoy Otero, Alaor Barbosa, Zilda Diniz Fontes, sem mencionar outras pessoas de renome, para convencer qualquer cidadão bem informado de que a Cidade dos Pomares é um berço cultural de vital importância para a cultura no país.

A EXPLORAÇÃO SOCIAL

Sebastião Bento da Silva.

As nações que dependem dos países ricos, tornam-se cada vez mais reféns dos grupos econômicos internacionais, cujas elites governantes, via de regra, são formadas por políticos que se aproveitam da situação de pobreza do povo, a fim de se enriquecerem ainda mais. E a corrupção é o método usual dessas elites dominantes.

A imprensa é livre, porém não é independente a ponto de não se submeter à influência do poder econômico e a justiça é morosa, especialmente, quando se trata de fazer com o Estado respeite o direito do cidadão comum. Os tribunais trabalhistas, estão abarrotados de ações transitadas em Juízo e julgadas em favor de servidores públicos, que nunca chegam a receber o que tem direito.

Com a entrada no Terceiro Milênio, a humanidade esperava por mudanças que pudessem trazer melhoria de vida para as pessoas mais sofridas, mas isto não passou de um sonho, que ainda está muito distante.

No Brasil e no mundo inteiro, o início do novo século, foi marcado por acontecimentos desagradáveis e inesperados. O atentado sofrido pelos norte-americanos, em 11 de setembro, é algo nunca imaginado na História. E aqui no Brasil, os recentes escândalos "sanguessuga, mensalão e Renan Calheiros" deixam roxa de vergonha a cara de qualquer cidadão de bem.

Não é possível a humanidade continuar tolerando a corrupção que gera e fome e a miséria de milhões de seres humanos, enquanto uma parcela cada vez menor de cidadãos, deleita-se com todo o excesso de conforto.

O ser humano foi criado por Deus, para ser feliz, vivendo em regime de igualdade sem privilégios. A violência urbana que tanto

atemoriza o homem moderno, tem origem na ausência de amor aos semelhantes.

A exploração impiedosa, que atinge os mais fracos, é incompatível com o ideal de uma sociedade cristã e igualitária, cuja proposta é de um regime democrático, onde o pressuposto maior é a justiça social.

Há os que lutam em nosso país, pela concretização desse ideal de igualdade ou, pelo, menos pela diminuição da imensa diferença entre ricos e pobres.

Mas, infelizmente, há os que fazem da fome e da miséria humana o seu instrumento de ação, a fim de se enriquecerem ainda mais. Para esses, não pode haver nem o temor de Deus, nem a voz da consciência, que manda reconhecer no seu semelhante o seu igual.

COMO CAMINHA A HUMANIDADE

Sebastião Bento da Silva.

De tempos em tempos, a humanidade, na ânsia de encontrar dias melhores se volta para os seus valores do passado, numa renascença de costumes e de saber, que a faz preservar a própria história e os seus valores.

A experiência tem demonstrado que o ser humano não se acerta no campo da moral, senão quando inspirado nos valores da sabedoria do passado. A velha moral, como processo de direcionamento ético nunca se envelhece e sempre se constitui em roteiro de ação para o ser feliz.

Todos novos tratados de aperfeiçoamento moral e todas as doutrinas modernas que visam o aprimoramento ético das criaturas humanas, são meras repetições de velhos conceitos da sabedoria milenária.

Krishna, Lao Te She, Buda, Jesus e Gandhi, como portadores da melhor mensagem de paz para o mundo, parecem cada vez mais distantes, em face da modernidade de nossos costumes e preceitos. No entanto, em face das nossas carências de ordem moral, eles continuam cada vez mais vivos, em nosso entendimento como verdadeiros paradigmas da felicidade.

O homem foi criado por Deus, para ser feliz, vivendo em regime de paz, com os seus semelhantes. Mas, quando se busca, desenfreadamente, a prosperidade material, o seu inevitável distanciamento dos valores éticos, desvia-se do "norte" de seu glorioso destino de ser feliz.

Todas as tentativas políticas e religiosas de dar uma solução para os graves problemas sociais da humanidade, positivamente, não deram até agora, os resultados esperados. É cada vez maior a parcela de seres humanos que morrem de fome, enquanto uma parcela cada vez menor de privilegiados da riqueza, morre de indigestão.

É necessário que todos tenham o essencial para viver, confortavelmente, mas que ninguém se sinta desprovido do essencial para viver com o mínimo de dignidade.

A Doutrina do Cristo, nunca acenou para a prosperidade material, como solução dos problemas da existência humana. O episódio do Jovem Rico, que foi aconselhado por Jesus, a se desfazer de tudo o que possuía, a fim de conquistar o tesouro da felicidade imortal, atesta bem esta verdade.

O amor ao próximo como o semelhante é a única e definitiva maneira de fazer a felicidade neste mundo, mas não há como amar o próximo, sem um pouco de desapego das coisas materiais. A sabedoria milenar de todos os tempos, sempre recomendou a renúncia da riqueza material em função da felicidade real.

Numa sociedade formada por pessoas materialmente desprendidas, não haverá lugar para a corrupção, nem para a violência e nem para a desigualdade social, que hoje tanto nos envergonha como gente civilizada.

Mas, como cada criatura humana traz na consciência a medida exata da própria superioridade moral, essas nossas considerações despretensiosas, à guisa de reflexão, não nos devem servir, senão para nos ensinar a compreender-nos e a nos auxiliar uns aos outros, como verdadeiros irmãos e filhos de Deus.

CRÍTICA CONSTRUTIVA

Sebastião Bento da Silva.

A crítica construtiva é aquela que visa destruir o erro e não o errado. Neste caso, quem a faz, não pode ser alguém cujos atos estejam inseridos nos mesmos erros da pessoa criticada. Há pessoas que possuem capacidade moral para criticar. Por exemplo, alguém com total desapego das coisas materiais, tem suficiente condição para criticar os males da usura, que é a causa dos males que impedem a evolução espiritual do ser humano.

Quem é capaz de perdoar as ofensas recebidas, está sempre apto a combater o ódio de quem quer que seja. É a força de bom exemplo que atua positivamente sobre as pessoas em seu modo de agir.

Mas, a crítica negativa visa atingir e desmoralizar mais as pessoas criticadas, do que as suas próprias falhas e sempre parte de alguém que está inserido no mesmo erro. É negativa, porque não constrói, a fim de produzir efeitos positivos. As pessoas nunca aceitam os conselhos na base do "faze o que mando e não olha o que faço». Este tipo de crítica farisaica é muito abundante na sociedade de hoje. Porém, ao invés da dar resultados positivos, cria um clima de irritação nas pessoas criticadas.

Todos nós, como seres humanos imperfeitos, necessitamos de críticas construtivas, que surjam de pessoas com bons exemplos. O que é uma raridade neste mundo, pois a maioria está dominada pelo apego aos objetos, não tendo deste modo, nenhuma condição para criticar.

A maior força de um ser humano está em sua moral. Os bons exemplos permanecem e os maus desaparecem com o passar dos tempos, deixando como legado, uma má lembrança

Um homem de bem, cujas ações sejam firmemente alicerçadas, não renuncia em função de fazer o bem aos outros, é como uma luz inapagável, que ilumina cada vez mais os caminhos da humanidade

É por isso que a doutrina de Jesus, não foi destruída não obstante à maldade deste mundo, continua cada vez mais presente, na consciência humana, como uma luz nos caminhos das pessoas sem embargo de quaisquer condições.

Jamais alguém conseguiu dividir a própria história. Mas Ele, morto e eliminado pelos homens religiosos de sua época, transformou-se no maior paradigma da perfeição humana, pelos seus exemplos grandiosos de amor aos semelhantes.

É uma pena, que o cristianismo em nosso tempo, tenha se transformado num meio de enriquecimento e projeção financeira de muitas de suas igrejas e de seus supostos seguidores.

Para fazer a vontade de Deus, um homem de bem que age com desinteresse pessoal, em função da felicidade dos outros, vale muito mais do que milhares fazendo boas pregações.

As palavras podem convencer, mas só o bom exemplo é capaz de proporcionar mudanças de caráter.

RESPINGOS HISTÓRICOS

Sebastião Bento da Silva.

Muitas cidades brasileiras possuem o seu histórico cultural e, neste contexto, o folclore figura-se como um leque de manifestações das mais diversas e interessantes. Parece que os habitantes de tais cidades compreenderam o lema: "quem não se identifica com o seu passado cultural não é digno do próprio futuro".

Tudo o que aprendemos com os antigos nos servem como diretrizes em nossa caminhada histórica que devemos legar às futuras gerações.

Ninguém precisa ser saudosista para valorizar a própria identidade cultural. Além de que a experiência dos antigos sempre nos ensina a viver como bons cidadãos.

Cada região do nosso Estado de Goiás cultiva uma tradição apreciada pelo seu povo desde os tempos mais antigos. A valorização dessas expressões culturais hoje está em alta em todo o país.

Morrinhos, possui em sua história uma série das manifestações tradicionais, como costume folclórico de sua gente.

E todo mundo concorda que devam ser resgatados tais valores culturais do nosso povo, mas para isso é preciso contar com pessoas de experiência nas respectivas áreas da nossa cultura e com comprometimento com a tradição local.

Até há bem pouco tempo, não se podia falar em Orquestra de Violeiros, hoje este nosso conjunto musical (Orquestra de Violeiros Chico Flor) recebe apoio unânime, tanto da população como dos próprios gestores públicos.

A mesma coisa poderia acontecer com a nossa Dança da Catira e a nossa Dança do Lenço, que poderiam se transformar em atração cultural de nível nacional, como acontece com as cavalgadas de Pirenópolis, com as Congadas de Catalão

O resgate cultural de uma comunidade, a par de ser algo que engrandece o sentimento de seus cidadãos, ainda é vantajoso no lado financeiro, pela atração de turistas do mundo inteiro, que trazem o seu dinheiro para fortalecer e economia local.

O ideal seria criar os setores da Educação e Cultura, com escolas dirigidas por pessoais com larga experiência e conhecimento da realidade tradicional.

Porque não resolve trazer de fora pessoas especializadas na área do folclore, que não conheçam a nossa realidade. Sob pena de descaracterizar ainda mais a nossa tradição, a fim de dar lugar a costumes estranhos à nossa realidade.

Um dos fatores que mais contribui para o engrandecimento de um povo, é sem sombras de dúvidas, a sua própria identidade cultural.

Recentemente a Sociedade de Arte Dramática de Morrinhos demonstrou estar comprometida com o resgate dos valores culturas em nossa cidade, sem nenhum preconceito.

Em uma noite memorável no Teatro Juquinha Diniz, fez uma apresentação teatral onde foram lembrados nomes de muitas pessoas que tudo fizeram pela nossa história cultural a partir dos anos 60.

CONVERSÃO

Edmo Nunes.

Nome: Tião do Ambrósio
Profissão: Assassino profissional

Isso mesmo, assassino profissional. Começou ainda cedo quando era solteiro e trabalhava como peão de boiadeiro. Até que, quando mais novo, não era de má índole, mas como "a ocasião faz o ladrão", Tião viu a oportunidade surgir à sua frente. Também não era ateu, mas também nunca dera bola para qualquer religião. A primeira morte foi por justa causa, numa mesa de jogo que foi classificada pela justiça como legítima defesa. Levado a júri popular, saiu livre. Pouco depois, numa viagem, o patrão desentendeu-se com outro peão e julgou que precisava matá-lo. Propôs o serviço a Tião, que aceitou. Para ele era um dinheiro fácil. Matou e ficou por isso mesmo. Daí para frente, ninguém mais o segurou, sempre amparado pelo dinheiro dos mandantes. Parou de viajar e dedicou-se integralmente à nova profissão. Como normalmente o mais poderoso matava o mais pobre, Tião foi safando-se e levando vida de muito dinheiro até que recebeu a incumbência de liquidar João Gabriel, pequeno fazendeiro da região.

João Gabriel morava meio que na fazenda, meio que na cidade onde mantinha sua família. Não tinha uma rotina certa, o que dificultou muito para que Tião arranjasse uma boa oportunidade. Pombeou a vítima por muitos dias até que viu surgir a hora oportuna. Era semana santa e João Gabriel iria para a fazenda justamente na sexta, após o almoço, e o melhor, iria sozinho. Na sexta pela manhã, Tião foi buscar sua mula no pasto e não a encontrou. Achou estranho porque o animal não tinha o costume de fugir, não era passadeira de arame. Campeou pelos pastos vizinhos até que deu com a mula. Pensou no

dia santificado, quem sabe uma advertência vinda dos céus, mas deu pouca importância para o fato, procurou esquecer o que acontecera. Chegando em casa, notou que a mula estava mancando. Pensou novamente na sexta-feira santa e mais uma vez descartou qualquer relação com o que estava acontecendo.

– Que bobagem, o que está acontecendo comigo? Isso tudo é coincidência, falou para si mesmo.

Sentindo-se na obrigação de aproveitar a oportunidade e fazer logo o serviço contratado, pois até já havia recebido um adiantamento, foi até um vizinho e conseguiu o empréstimo de um cavalo. Rumou diretamente para onde planejava tocaiar João Gabriel. Era na passagem de um córrego onde fatalmente o cavaleiro pararia para dar água à montaria. Ali de um lado tinha um lajedo grande, pedras altas, local ideal para um esconderijo. O problema naquele local seria somente o cavalo, não havia como escondê-lo e não poderia ficar à vista. Entretanto, de um lado havia um declive bem acentuado onde poderia esconder o animal.

Tião desceu e localizou um bom lugar para deixar a montaria. Preparou para apear e amarrar o animal. Quando seu pé direito alcançou o chão, notou que estava pisando em algo muito macio e sentiu como que um beliscão na perna, pouco acima da botina. No mesmo instante deu conta de que estava pisando numa cobra e que já havia sido picado por ela. Sacando o revólver atirou na cabeça da cobra matando-a, porém pressentiu que o veneno já estava fazendo efeito. Sentiu como que uma vertigem, a vista embaralhando. Montou novamente, esporeou o animal e iniciou a viagem de volta. Dentro de poucos minutos, foi sentindo que a vista estava turvando e já com pouco domínio de seus sentidos. Não ouvia direito, não sentia as rédeas em suas mãos como se não tivesse tato, a vista estava cada vez mais fraca, quis apear e não mais deu conta. Naquele exato momento, João Gabriel que vinha vindo em direção à sua fazenda, viu o peão debruçado em cima do cavalo e depois de um rápido exame notou que estava

vivo. Com o cabo do cabresto amarrou o homem na sela e, desistindo de sua viagem, levou-o para a cidade. Com o soro aplicado ainda a tempo, Tião não morreu. Demorou muito a recuperar-se, mas pouco a pouco voltou ao normal embora tenha perdido boa parte da cartilagem da perna o que o obrigava a manquitolar. Mudou completamente de vida sempre lembrando dos "avisos" que tivera, como o sumiço da mula e de estar mancando. Voltou-se para a Igreja, abandonou a vida de assassino e nunca mais falou no assunto. A história somente veio a público depois de sua morte natural, quando a esposa se sentiu desobrigada do segredo e narrou para os conhecidos tudo o que havia passado na vida de Tião.

JEROMÃO

Edmo Nunes.

Sabe aquele homem chamado de guarda-roupa? Aquele que os humoristas classificam como 3x4? Três de altura por quatro de largura? Pois é! Assim era Jeromão nosso personagem. Chapa num armazém de cereais, era o melhor, o mais produtivo. Na descarga de uma carreta era inigualável. Dois sacos de sessenta quilos na cabeça saía marchando para não dar arranco e subia na pilha de sacos como se tivesse carregando apenas dez quilos. Novo ainda, na casa dos quarenta anos, com seus cem quilos quase só de músculos. Gordura? Quase nada, para não dizer que não a tinha. Homem realmente forte e sadio. Não sabia o que era doença, nunca fora a um consultório médico e nem a um posto de saúde para tomar uma vacina sequer, nada e nada mesmo. Gripe? Resfriado? Tirava de letra com uma dose de conhaque ou, no máximo, um chazinho caseiro, alho com cidreira, preparado por sua mulher e nada mais. Nunca faltava ao serviço e ninguém nunca o ouviu reclamar de alguma doença ou dor.

Entretanto, sem menos esperar, chegou seu dia. Com um saco de arroz de sessenta quilos sobre a cabeça, tropeçou numa botina velha que outro colega tinha deixado pelo caminho. Foi para frente, equilibrou mais ou menos, foi para traz, não querendo soltar o peso, até que bateu na parede. Bateu com a cabeça. Os colegas e o patrão correram para ajudá-lo, mas chegaram tarde. Bateu com a cabeça e teve um corte no couro cabeludo de uns três centímetros. Colocou o saco no devido lugar e passou a mão sobre o machucado que estava sangrando. Olhou a palma da mão e viu sangue. Sentiu que a vista embaralhava à medida que fixava os olhos no sangue. Foi desfalecendo devagarzinho até cair no chão. Apesar de ter por perto muitos homens, foi difícil socorrê-lo. Pesadão, totalmente desfalecido, os colegas não

sabiam o que fazer. Por fim, juntaram quatro, dois nos braços e dois nas pernas, conseguiram colocá-lo num lugar mais adequado e com água fria fizeram com que voltasse a si. Acordou meio sem jeito, talvez envergonhado, dizendo que "não foi nada" e já querendo reiniciar o serviço. O patrão, muito zeloso, não concordou. Meio à força o colocou no carro e o levou a um pronto socorro. Foi medicado, ganhou alguns pontos na cabeça e o médico avisou.

– Tudo bem, nada com que preocupar, mas você vai ter de tomar uma vacina contra tétano. Seu trabalho não é muito limpo, convive com muita poeira, vamos nos prevenir. Fique sentado aí que a enfermeira já vem e depois você estará liberado, podendo ir embora. Jeromão ficou sentado conversando com o patrão querendo cair fora, mas não tendo oportunidade até que chegou a enfermeira trazendo a seringa e uma ampola da vacina. Ele só pensava como é que iria enfrentar os colegas, como é que iria explicar seu desmaio. Naturalmente seria alvo de chacotas, brincadeiras de mau gosto. Ainda mais ele que vivia gabando-se de não dar bola para doenças, principalmente quando alguém faltava ao serviço alegando que tinha ficado de cama. Enquanto a enfermeira preparava a injeção na frente do homem ele espiava meio desconfiado. Quando a moça aproximou com a agulha levantada em sua direção, Jeromão sentiu, mais uma vez, a mesma vertigem com as vistas sumindo e um zumbido nos ouvidos. Devagarzinho foi tombando para um lado e desmaiou novamente. Aí, pela primeira vez, ficou sabendo que não podia ver sangue e nem agulha, que sua fortaleza em nada ajudava em sua defesa.

TEMPOS DE ESTUDANTE

Edmo Nunes.

Passei cinco anos estudando num internato de padres Estigmatinos. Anos proveitosos e que trazem a mim ótimas recordações, principalmente no que se refere às brincadeiras. Brincadeiras inocentes, totalmente sem maldade e que nunca feriam àqueles que eram vítimas. Porém, tudo era feito sem a menor intenção de menosprezar quem quer que fosse. Qualquer motivo era suficiente para gozações, algumas mais leves, outras mais pesadas, mas, como disse, sempre de caráter inocente. Tinha ali, naquele universo de mais de cem, alunos para todos os gostos: rapazes com mais de quinze anos cursando a primeira série do primário, alunos inteligentes, outros classificados como "obturados", estudiosos, preguiçosos, brincalhões, sistemáticos, criativos, palhaços e ainda os gozadores incorrigíveis. Para qualquer gosto, sempre tinha um. Grande parte oriunda do campo, portanto gente simples, mas nem por isso despojada de espírito de liderança. Pelo contrário, os almofadinhas, filhos de pais ricos e moradores em cidades, aceitavam a submissão. Ali acontecia de tudo e algumas passagens até hoje estão vivas em minha memória como no caso dos jargões que foram criados quase que só para atacar os padres, sem que eles soubessem.

Como o refeitório deles ficava de par com o nosso e ainda tinha uma janela com vidro transparente, a gente não perdia oportunidade de dar uma olhadinha e o que víamos era de dar água na boca. Não que faltasse comida para nós, mas a qualidade das refeições servidas aos padres era de outra categoria. Não era usual pôr a comida na mesa deles, a copeira fazia um prato para cada um. Era um PF, mas não um qualquer, era um PF com letras maiúsculas. Vai daí que quando queríamos dizer que tínhamos comido bem e muito, a gente falava "comi que nem um padre".

O Bispo visitava o colégio pelo menos uma vez por ano e o apartamento reservado a ele ficava no corredor que dava acesso à sala de estudos e à capela. Então, o trânsito por ali era feito dentro do maior silêncio para não acordar o homem. Nem tossir podia. O encarregado ficava de olho na turma para evitar qualquer barulho. Ai de quem desobedecesse! Se algum engraçadinho tentava passar marchando, querendo pisar mais com força, levava logo um safanão para comportar-se. Vontade de dar um grito, chutar a porta, a gente tinha, mas cadê a coragem. Daí surgiu o jargão: "Dormi mais do que o Bispo", este a gente ouvia toda manhã.

Como, em nosso meio, corria a notícia de que parte de todo o dinheiro arrecadado pelas igrejas ia para o Vaticano, o que para nós era uma barbaridade, quando um menino tinha algum trocado no bolso dizia: "Tenho mais dinheiro do que o Papa". Assim de boca em boca, sem qualquer espírito de maldade, a brincadeira chegou aos ouvidos do Padre Lauro, encarregado de certos recreios e dormitório. Traidor tem em todo lugar e lá não era exceção, mas conseguimos descobrir e o delator recebeu de imediato a alcunha de Joaquim Silvério, ou simplesmente Silvério, que ficou para o restante de seu tempo no colégio. Padre Lauro era encarregado no pátio, dormitório e ainda professor de "Moral e Cívica", cujas aulas eram ministradas aos sábados à noite, última tarefa de sábado antes da ida para o dormitório. Então, no primeiro sábado após ficar sabendo o que era falado pelos alunos, Padre Lauro dedicou uma aula somente sobre o assunto e lascou um sermão de arrepiar cabelo de careca. Não declinou nomes, mas falou por mais de uma hora sobre liderança negativa. Apontava o dedo indicador com tamanha ênfase que o apontado tremia na base. Apontava e balançava a mão como querendo esganar e fazer uma marca na vítima. Eu mesmo senti a força daquele dedo acusador, abrasador, mortífero, apontado para meu lado como querendo me perfurar. Quando pressenti que eu era a "bola da vez" baixei a cabeça e permaneci assim por uns bons trinta segundos, mas ao levantar os olhos percebi que ainda era eu o

apontado. Senti-me um lixo, mas não muito constrangido porque não tinha sido o único. Foi uma vergonha geral, saímos da sala de cabeças baixas, porém ninguém pensava em evitar o assunto, pelo contrário, todos sabiam que daí para frente é que ia ser mais apimentado. Já no outro dia, quando alguém ficava enfezado dizia logo:

Largue-me, não amola! "Estou mais nervoso do que o Padre Lauro".

AMIGO E POLÍTICO

Edmo Nunes.

Amizade é um sentimento muito bonito que nos gratifica bastante. Como é bom saber que temos um amigo sincero, um amigo para todas as horas. E como os amigos da zona rural são sinceros e puros! E pouco mudaram mesmo depois que os meios de comunicações chegaram a todos as regiões. Não quero dizer que são mais fiéis do que outros da cidade, mas, talvez por causa da simplicidade, aqueles amigos marcam grande presença em nossas vidas.

Conheci seu Reso (o nome é mesmo assim) quando veio trabalhar em minha fazenda. Pegou uma empreita, fez o serviço em dez dias quando outro trabalhador normalmente gastaria quinze e já ficamos amigos. Morava num sítio retirado de minha fazenda aproximadamente uns dez quilômetros, mas posteriormente vendeu sua propriedade e adquiriu outra bem próxima à minha. Se já éramos amigos, aí sim foi que tudo ficou mais agradável e fácil. Seu Reso, sempre que estava sem serviço, ia à minha casa, porém de maneira parecida com um beija-flor. Uma passadinha rápida e já estava de volta, mas ia nem que fosse por um só minutinho. Pau para toda obra, fazia de tudo, principalmente para ajudar-me. Roçava pasto, capinava o quintal, vaqueiro quando faltava um e tudo que fosse preciso. Verbo fácil, discutia qualquer assunto, muito embora com palavras mal pronunciadas, mas de maneira espontânea. Para contar um causo não media os palavrões, falava tudo à sua maneira. Resposta? Tinha para qualquer indagação e na hora, sem pestanejar. Às vezes filósofo, como no dia em que chegamos à fazenda, eu e minha esposa, e já o encontramos nos esperando para dar a notícia de que a cisterna tinha secado. Era tempo de seca, as águas haviam baixado muito, calamidade mesmo. Porém, como era seu costume, já havia traçado um plano para resolver o problema.

Improvisara um sarilho com carretilha, corda, balde para que pudesse fazer uma limpeza no poço. Claro que fui logo concordando com ele porque mesmo que quisesse não iria encontrar solução melhor, só não estava entendendo quem é que faria o serviço.

– Tudo bem seu Reso, mas onde está o cisterneiro? – perguntei.

– *Eu mesmo. Vou descê e o sor e o Tião vai puxando as lata de barro.*

Tião era o vaqueiro que também já estava a postos esperando as ordens. Mais tarde, quando seu Reso deu o trabalho por encerrado e já havia saído de dentro do poço falou-me com a maior naturalidade:

– *Pois é seu Ed, é o que sempre falo, a água é a mola mestre desse planeta brasileiro.*

Assim era meu amigo que também gostava de política. Tinha seu partido, brigava por ele, discutia com qualquer pessoa as virtudes de seu candidato e os defeitos do adversário e, se colocado num beco sem saída, tinha briga para dar e vender.

Aconteceu num sábado, já estava de banho tomado, preparava-me para abrir uma latinha e seu Reso ainda não dera o ar de sua presença. Como era época de campanha política, pensei que, como ele gostava demais, já tivesse ido para a cidade. Mas, de repente, surge já limpinho, roupa passada a ferro de brasa, botina nova e de longe veio falando alto, chamando-me para ir com ele à cidade. O comício ia ser bom, o candidato a governador estaria presente, coisa assim para ninguém perder. Como sou avesso à política, dei minhas desculpas e ainda o aconselhei:

– Deixa disso seu Reso, fique aqui, vamos tomar uma. Jante comigo. Hoje a cidade está muito cheia, bêbados para todo lado, fique aqui, vamos conversar fiado que dá mais certo.

Não teve jeito, não teve convite que o agradasse e foi mesmo para a cidade. O que aconteceu fiquei sabendo depois, logo no outro dia. Lá chegando, tomou logo duas para melhorar o pensamento e ficou por ali esperando o comício quando foi abordado por um candidato

a vereador. Homem já conhecido, já com dois mandatos cumpridos, pleiteava o terceiro e não perdeu tempo. Precisava do voto e pediu. Falou, prometeu que iria consertar o país, abrir escolas até para os professores, construir diversos hospitais, asfaltar todas as estradas das fazendas, melhorar a renda dos mais pobres, essas promessinhas que nunca são cumpridas, mas que quase todos fazem. Seu Reso que já estava com o "caco" cheio mercê das duas que ingerira e ainda descontente com o candidato que havia mudado de partido, atacou.

– *Num voto mais nocê, já votei duas veis e ocê nunca feis nada pra nóis.*

O candidato também tinha ingerido algumas e não gostou nem um pouquinho da resposta, ainda mais que tinha outras pessoas ouvindo.

– Se você não quiser me dar o voto pode enfiar ele na bunda, – retrucou o candidato.

Seu Reso não pensou duas vezes, como tinha resposta pronta para tudo e a qualquer hora falou:

– *Num infio porque minha bunda não é urna.*

CASAMENTO

Edmo Nunes.

Os personagens desta estória ainda estão vivinhos. Hoje com a família já criada, vivem na mesma cidade do interior onde se casaram. Talvez nem mesmo eles se lembrem do ocorrido, mas foi motivo de galhofas por todos os convidados para o casamento e por muito tempo. As dificuldades da época foram as responsáveis pelo acontecido, não podendo debitar nem ao noivo e nem à noiva a cena hilariante. O casal de namorados estava naquele compasso de "casa não casa". A indecisão era da moça que não resolvia, muito embora o rapaz estivesse afoito, queria porque queria o casamento e quanto antes melhor. Ela, porém, estava morna, ia enrolando, às vezes dava sinal de que aceitava, outras vezes não se manifestava. Com a pressão por parte do namorado e do pai, ela acabou capitulando e aceitou o casamento.

Como moravam na fazenda, o rapaz correu até a cidade e deu entrada nos papéis para que corresse o proclama. A dificuldade maior, daí para frente, era condução para levar o Juiz de Paz até a fazenda ou trazer o pessoal até a cidade. Na véspera, o noivo procurou alugar um carro e não conseguiu. As desculpas eram as mesmas: tempo chuvoso, estradas ruins, atoleiros. Por mais que se esforçasse não conseguiu o carro de aluguel, nem mesmo um Jeep, carro feito para as piores estradas locais. Procurou o padre para propor que se fizesse a viagem, que não era grande, a cavalo, mas o religioso estava de folga. O Juiz nem quis conversa, descartou de pronto. O noivo quase caiu no desespero: "não é possível que depois de tanto tempo para convencer a mulher agora surgisse um impedimento daquele tamanho". Mas não desanimou, voltando para casa convenceu os sogros a irem até a cidade montados a cavalo. Explicou que não tinha outro jeito, a única maneira para aproveitar a data já previamente estabelecida era mesmo fazer

o percurso montados. Os convidados ficariam à vontade, fosse quem quisesse. A moça quis fugir, faltar com a palavra empenhada, talvez aproveitando uma nova oportunidade que surgia, mas o pai bateu firme, não admitia voltar atrás, a palavra fora dada, despesas tinham sido feitas, o negócio era casar mesmo de qualquer maneira. E olha que a data aprazada já era no outro dia, nem tempo tinham mais para discutir. O pai falou por último: "Vamos embora, todos a cavalo, pode chamar seus padrinhos, amanhã no raiar do dia estaremos prontos aqui esperando vocês".

Foram, o casamento foi realizado, mas surgiu outro impasse muito grande, talvez maior ainda. A noiva, pouco acostumada com arreio machucou-se toda, assou as virilhas, o bumbum, ficou sem condições até de sentar-se, e aí, é claro, recusou a montar para fazer o percurso de volta. Chamou a mãe de lado e falou claramente, não tinha mesmo condição nenhuma, precisava de repouso, talvez um banho de água de sal. Quando o noivo foi notificado pelo sogro, já achou que era má vontade, que a noiva estava fazendo corpo mole porque não queria mais o casamento. Mas mesmo assim foi novamente procurar um dono do Jeep e não o encontrou, estava pescando. Pronto! Tava aí o diabo na casa do terço. Agora sim é que não tinha solução mesmo. A noiva jurava que não montava mais a cavalo, o noivo desesperado não queria esperar mais. A mãe tentou interferir, tomando as dores da filha, falou com o marido e o genro. A filha não tinha mesmo condição nenhuma, ela própria verificara, precisava de repouso, estava toda dolorida, com as virilhas todas assadas, já perdendo a pele pela falta de costume com arreios, não podia exigir dela sacrifício tão grande, pois a qualquer momento poderia sangrar, estava em carnes vivas.

Depois de acusação para lá, respostas mal educadas para cá, resolveram discutir o assunto numa reunião de família, os noivos, os pais dela, os dele e mais os padrinhos que eram todos de confiança. A situação foi exposta, colocada na mesa, nada de meias palavras, tudo dito claramente. O rapaz que tinha o estopim bem curto e, pela

situação, estava com ele mais curto ainda, não aguentou mais e soltou o verbo:

– Esperei todo este tempo, concordei com tudo, andei para baixo e para cima para acertar a papelada, até o registro dela ficou por minha conta, paguei o casamento, arranjei tropa emprestada para trazer vocês, agora surge mais essa dificuldade! Não e não! Assada, crua, vamos embora para minha casa que está preparada há um mês, não aguento mais.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Leonardo Moreira da Silva.

Boa noite a todos e a todas! Meu coração hoje se dividi em duas grandes alegrias.

A primeira é poder fazer parte dessa renomada e conceituada instituição, a Academia, sem qualquer sombra de dúvida é a maior mantedora da cultura em Morrinhos, formada por homens e mulheres de grande respeito na nossa comunidade. Instituição, que tenho grandes amigos e colegas, a citar, o Dr. Professor Júlio César, o qual tenho grande estima, além de ter sido meu professor na graduação em História na UEG, Paulo de Tárcio, que sempre à frente de cargos públicos me concedeu boas entrevistas, Ao presidente dessa instituição Wander Melo que conheci através de seu trabalho junto ao Vereador Antônio do Correio, que foi um grande incentivador do meu segundo livro, ao Professor José Henrique, que conheci enquanto superintendente de Cultura do município, e proporcionou uma obra literária de grande valor ao município, a Adda Emily colega de imprensa.

E, em especial, ao amigo Kléber Inácio, amigo que o conheço pelo seu irmão Matheus, lendários em nosso município pelo *karate shotocan*, mas, a verdade que sem o Kléber eu jamais teria chegado até aqui, através de sua editora e do seu conhecimento para publicação, e sua disposição em ajudar; Kléber Inácio é um dos principais atores para que hoje eu estivesse aqui. O meu reconhecimento pelo seu trabalho, pelo seu cunho empreendedor e sua amizade, muito obrigado!

Também quero ressaltar a importância de familiares e amigos próximos; primeiramente a Jesus o Cristo, que dá àquele a quem procura sabedoria, paz e força nessa caminhada terrena.

Aos meus pais, Dalberto e Patrícia, meu irmão Fernando, e ressaltar a minha avó paterna, Dona Nindalva que, com mais de oitenta anos, motiva qualquer um a sonhar e não desistir da sua luta diária; à minha namorada Suzany, que me auxilia e motiva todos os dias, sendo compreensiva e paciente.

A minha segunda alegria é passar a ocupar a cadeira de número 35 que tem como Patrono Antônio Rosa Ribeiro (o Falcão).

Falcão nasceu em Morrinhos no dia 15 de setembro de 1955; Falcão nos anos 80 se formou em jornalismo e atuou como apresentador da TV Regional. É minha alegria ocupar uma cadeira que leva um nome de um jornalista e comunicador, embora muitos não sabem, ser jornalista não o configura como comunicador, e vice-versa, porém, Falcão tinha os dois talentos, e foi no cenário musical que se consagrou e levou o nome da nossa cidade por todo o Brasil, Com Felipe e Falcão lançou 14 CD's e 2 DVD's. Também foi parceiro de algumas composições das duplas Bruno & Marrone e Edson & Hudson.

Em meus programas de rádio, sempre tenho comentado que devemos como comunidade, fazer uma homenagem mais justa, mais real, mais simbólica do que apenas um nome em uma simples praça, precisando valorizar nossos artistas e sinto, através do sangue morrinhense que corre em nossas veias que temos sido muito falhos nesse aspecto.

Em uma entrevista concedida ao meu programa, indaguei ao professor José Henrique, que fomos a Atenas de Goiás, e hoje não somos mais, que temos que recuperar ou o que fazer para recuperar esse título que é nosso. E ele me disse "Atenas, mesmo caída, mesmo no chão em sua arquitetura, não perdeu seu brilho, não perdeu sua majestade". Eu nunca me esqueci dessa frase que realmente é uma grande verdade, porém, temos o dever de, juntos, lembrar a todos deste estado que Morrinhos ainda é a Atenas de Goiás!

Quero aqui, fazer o compromisso de fazer tudo ao meu alcance para honrar esta cadeira que assumo e esta instituição que me recebe de braços abertos; tenham todos a certeza, que chego para somar,

para juntos continuarmos avançando e defendendo todos que vivem ou querem viver da cultura.

"Será que pra falar de amor
É preciso pedir licença?
Talvez não
Eu não sei o que você pensa
Mas amor é algo pra se falar
Fazer, gritar
E eu vou sempre gritar pelo seu nome
Pelo seu amor."

(Canção de Felipe e Falcão – *Grito de amor*)

Muito Obrigado!

LOLÓ – O MORRINHENSE QUE JOGOU NO CORINTHIANS – SP

Leonardo Moreira da Silva.[10]

O município de Morrinhos é terra de grandes nomes da política, literatura, arte, música, educação e do esporte. Um nome certamente desconhecido de muitos é o nome de Antônio Eleutério Filho apelidado e conhecido por "Loló".

Foto: O Popular. Fontes: Meu Timão, Futebol de Goyaz

Loló nasceu em 03/03/1927 na cidade de Morrinhos, segundo o portal Meu Timão, site especializado que faz cobertura do Clube paulista. Loló estreou no Corinthians em 25 de dezembro de 1945. Em seu primeiro jogo pelo Timão, o Corinthians empatou com o Libertad em 3 a 3, em partida amistosa. Na ocasião, o jogador de 20 anos começou a partida no banco de reservas no Pacaembu.

Loló não permaneceu no clube paulista por muito tempo, sua desistência do clube é desconhecida oficialmente, mas, se especula que foi motivos pessoais que o levou a deixar o Timão. No ano de 1946, o Goiânia, clube da capital anuncia que Loló retornava para defender o clube.

Em 1952, em uma seleção formada pela Federação Goiana de Futebol (FGF) o nome de Loló é citado. Em pesquisas pouco aprofundadas, mostram que o jogador passou a ser influente no meio esportivo do estado em um curto período.

10 Radialista (RP: 0005323/GO).
Jornalista (RP: 0004224/GO).
Graduado em História Pela UEG/GO.

Loló jogava de atacante, seu melhor pé era o esquerdo, teve passagens pelo América de Morrinhos, Pontalina, Corinthians-SP e o Goiânia. Em sua trajetória participou de 35 jogos oficiais, sendo 25 vitorias, 15 gols marcados, 4 empates, 6 derrotas e expulso de uma partida.

É importante ressaltar o período em que Loló chega ao Corinthians; o mundo vive a Segunda Guerra Mundial, momento marcado pela situação da Alemanha na guerra que era caótica, e mais derrotas ocorreram. Em 6 de junho de 1944, britânicos e americanos lideraram o desembarque de tropas conhecido como Dia "D". Essa operação fazia parte dos planos de reconquista da França (ocupada pelos alemães desde 1940).

No município de Morrinhos, não existe nenhuma referência ao jogador da cidade que vestiu a camisa do então último clube sul-americano campeão mundial.

ÊTA VIDA

Waldemar Antônio Tassara

Ela é assim
Às vezes sim
Às vezes não
Talvez também
Repleta de dúvidas
Muitos senões
Incertezas mil
Tempos de Azar
Neutralidade
E até sorte
A única certeza
Parece sim
Ser a morte,
Será...?
"Eis a questão! "

DECEPÇÃO

Waldemar Antônio Tassara

Olhar e não enxergar
Enxergar mas não acreditar
Acreditar e nada fazer
Fazer mas não acertar
Acertar e não concretizar
Concretizar mas não satisfazer
Satisfazer apenas se matar
Matar para vingar
Vingar para não sofrer
"Si Matar" para resolver
Quanta ilusão,
Pior ainda,
Que decepção, heim!

ARREPENDIMENTO

Waldemar Antônio Tassara

Sim, lhe ouço
No seu silêncio
No seu olhar
Bem ou mal
Até no gestual
Aflito me contenho
Mudo permaneço
Sinto seu respirar
Percebo seu querer
Com ares de indecisão
Mais apreensivo
Me torno ainda
Insegurança total
Sequestra minh'alma
Acalmo meu ímpeto
Dúvidas persistem
Me questiono
Seria aquele o momento?
Não o fiz
Por que não?
Concluo então,
Ah! que arrependimento!

LOUVORES A MORRINHOS

Benedito Alves Moreira.

Não nasci aqui,
Nem passei os meus
Primeiros madrigais
Nesta terra,
Que a mim,
Foi prometida!
Mas, vivo aqui
Como se seu
Filho fosse...
E sou...
Pois, sou cidadão
Desta Cidade de
Nossa Senhora do
Carmo...
Eu sinto
Grande emoção
Ao olhar o céu,
Ver as nuvens
Passando...
Como que
Acenando pra mim...
E,
À noite
Ver as estrelas
Bailando no infinito,
Piscando, como quê,
Alimentando
Meus olhos
De felicidade...
Aqui,
Deste banco
Murmuro
Com o peito
Cheio de emoção...
E solto a voz
Para cantar
Minha Terra!
MORRINHOS!!!
Enquanto o sangue
Correr em
Minhas veias,
E minhas artérias
Pulsarem...
Estarei vivo,
Para cantar
A beleza das flores
E das mulheres
Que aqui permeiam!
Os anos sombrios
Ficaram para trás...
Mas,
A luta foi
Cheia de dificuldades
Porque os olhos

Que me fitavam,
Bem sei,
Eram de desconfiança,
Como se um
Forasteiro
Estivesse chegando!
Quantos e
Quantos dias...
Sentava em meu
Consultório...
E,
Nenhum paciente
Aparecia!
Para mim
Era um martírio,
Posto que,
Estava acostumado,
A atender
E fazer cirurgias,
O dia todo...
Foi por demais duro...
Não tive
Ninguém para
Me dar o consolo
Nestas horas
Difíceis...
Só minha família.
Mas,
Fui à luta,
Não desisti!
Contudo,
Não me esqueço
Do sonho...
Da garra
Para chegar
Uns passos
Mais à frente...
Estas recordações
São dolorosas
E,
Ainda não consegui
Me desvencilhar
Das mesmas
Por completo...
Pois,
Ainda esvoaçam,
Como asas
Invisíveis
Que giram
Em torno de mim!
Provocando
Amarguras
Em meu coração,
E,
Por vezes
Lágrimas
Em meus olhos...
Mas,
O tempo se foi...
Como a sombra
E a neblina diáfana
Sobre os montes
Que rodeiam
A Cidade!

Todavia,
Hoje...
São outros dias,
Se for pelas ruas
Floridas
Desta Cidade bela,
Quase não consigo
Seguir em frente,
Pelo tamanho
Apreço
Que as pessoas
Sentem por mim,
No aperto de mão
Ou,
No afetuoso abraço!
Aqui vivo...
Aqui quero viver...
Até findar
Os meus dias!
O hoje...
E cantar
Com toda força
Do meu peito...
Com tamanha
Alegria
Este meu canto
Livre...
Sereno...
À minha
Cidade dos Pomares...
À Atenas de Goiás...
À Morrinhos querida!

Morrinhos, 31.03.23

Discurso de posse na Academia Morrinhense de Letras

ANTÍTESE

Benedito Alves Moreira.

Foi um
Final de semana
Memorável,
Daqueles pra
Ficar guardado
Para sempre...
Iniciou
Na sexta-feira,
Quando fui
Agraciado
Com a posse
Como Membro
Da Academia
Morrinhense
De Letras,
Ocupando
A cadeira
Número 37.
Claro,
Um sonho
Realizado,
Após ser
Acalentado
Por anos...
Confesso,
Que a Toga
Sobre meus
Ombros,
Pesou,
Mas,
Com passos
Firmes
E o olhar fixo
Em cada
Um dos presentes,
Consegui
Burlar
A emoção
E soltar
Meu grito
De vitória!
Lá fora
A noite caía,
E o negrume
Do céu,
Iluminado
Pelas estrelas
Trazendo
Um rastro
De sonho
E ternura...
É minha face
Cândida
De tanta

Expressão
De carinho
E felicidade...
Após o término
Da cerimônia,
Fui pra casa,
À noite
Foi curta,
Pois logo
Ao amanhecer
Tinha que
Me dirigir
A Goiânia,
Para minha
Última
Participação
Oficial
Da Liga Nacional
De Peteca...
Não mais
Como atleta,
Mas, sim,
Como Presidente
Da mesma,
Cargo que
Ocupei por
Trinta anos,
Tornando-se
Está Liga,
A entidade
Mais longeva
Deste esporte,
Aqui no Brasil.
Para mim,
Foi um dia
Deveras sombrio,
Postar-me,
Diante do pódium,
Com os amigos,
Que até
Bem pouco tempo,
Competíamos
Dentro das quadras
Espalhadas
Por este
Brasil afora!
Restou-me
O consolo...
O abraço fraterno...
As homenagens
Que me foram
Transmitidas,
Tanto nas camisetas
Como no troféu,
Que a mim
Foi entregue.
Não poderia
Estar triste,
Mas, estava...
Pois, sentia
Dentro de mim,
Que uma fase
De minha vida
Estava murchando,

Como a rosa
Esmaece
Ao calor do sol
Estridente
Ao cair da tarde,
E que aos poucos
Morre nas encostas
Dos espigões...
Me senti
Assim: triste...
Apesar dos
Efusivos abraços,
De cada um
E de todos!
Sei que ficará
A lembrança
Em mim...
Armazenada,
Mas, sei também
Que a estrada
Da vida
É assim:
Tem um começo...
Tem um meio...
Tem um fim!

Sempre na vida
Procurei
A felicidade,
Que de um modo
Ou de outro
Girou em torno
De mim,
De uma maneira
Tanto bucólica
Como primitiva...
Tive um grupo
Imenso de amigos
E os levei
Aos prados
Da serenidade
E das vitórias...
Agora,
Quero dormir
Cedo e levantar-me
Ao romper da aurora,
Para harmonizar,
O que resta
De minha vida,
Com a natureza!

Morrinhos, 15.04.23

O GÊNIO

Benedito Alves Moreira.

Nossa!
Que dia lindo!
Frio...
Vento...
Sol...
Céu azul...
Tudo convidativo
Para um
Programa diferente...
O que tínhamos
Reservado?
Visita à
Exposição:
Michelângelo e a
Capela Cistina.
Aqui em São Paulo.
Uma fila longa,
Mesmo com reservas
Antecipadas.
Muita gente...
Um mar de pessoas,
Em busca de
Conhecimentos
Daquele que foi
Um dos seres
Humanos mais
Privilegiados,
Juntamente com
Leonardo Da Vinci,
Que já pisaram
No planeta Terra,
Ao longo de sua
Existência...
De arrepiar
À passagem
De etapa de sua
Fértil imaginação,
Desde Adão e Eva,
O dilúvio,
Com Noé em
Sua Barca salvadora,
Até a mais famosa
De sua criação:
DAVI,
Cujo original
Encontra-se em
Um museu de
Florença (Itália)...
Mas,
Está réplica,
É bela,
Assim, bem como,
A escultura
De Davi,

Que se encontra
Na praça, em frente,
A Catedral
De Florença.
MICHELÂNGELO,
Foi escultor,
Pintor,
Arquiteto
E poeta.
Nasceu em Caprese:
Itália, em 1.475 e
Faleceu em 1.564,
Com 89 anos
De idade.
Em 1.499,
Com vinte anos,
Estourou no mundo
Das artes,
Com a Escultura:
PIETÀ.
Genial na força
De expressão,
Como na beleza
Esplendorosa da
Abóboda da
Capela Cistina,
Devorada com
Requinte e com
Temas do
Velho Testamento.
A escultura: DAVI,
Talvez, sua obra
Mais vista
E visitada
No mundo.
Sentimentos
Agudos entre
Matéria e espírito,
Entre a miséria
Humana e o
Mundo Divino,
Suas dúvidas
E sofrimentos,
Sua exigência
Na perfeição
Para cada trabalho
Iniciado,
Tudo isto, dão
À sua obra,
Uma humanidade
É uma força
Que fizeram de
Michelângelo,
A própria
Encarnação
Do gênio.
Que viveu
Há muitos séculos...
Mas,
Se eu pudesse,
Face a face
Com este gênio,
Sopraria aos
Seus ouvidos:

Naqueles anos
Dourados de sua
Juventude,
Quando criou
E esculpiu,
PIETÀ,
DAVI,
E a Cúpula da
Capela Cistina,
Nesta idade
De ouro,
Quando se tem
Todos os problemas
Da vida e de suas
Inúmeras preocupações,
E se voa
Por cima delas,
Como abelhas
Sobrevoam
Os pântanos
No seu caminho
Para os jardins
Que florescem
Em flores.

São Paulo, 01.05.23.

SAUDADES DE MOSQUEIRO

Benedito Alves Moreira.

Deus!
Que saudades
Ao entardecer
Eu tenho
Lá da alvacenta
Praia bela
Quando o sol
Morrendo se ia
Ao entardecer!
Na areia tépida
Fitando alguém
Fitando o plúmbeo
Céu abraçar o além
E vinha ao
Meu vazio coração
O clamor:
Eram as recordações
Do meu amor...
Era gente alegre...
Gente correndo
Que nas ondas
Altas iam dançando
Esquecendo
As responsabilidades
E das bandas
Do farol
Vinha voando
O coração do mar
Vinha cortando
O pescador
Em sua barca bela
Trazendo alegre,
Os peixes vivos nela.
Bendito, como
Os nossos corações
Na altura do céu
Felinos gaviões
Numa multidão,
Estridente passavam
E voavam...
Longe iam...
Depois voltavam
Aproveitando
O dia de prazer
Aproveitando
O dia de lazer
Que reinava ainda
Na praia bela,
Oh!
Deus que saudades
Eu tenho dela!

Goiânia, 11.03.1.978

SÁBADO

Benedito Alves Moreira.

Acordei,
Bem cedo,
Mediquei
Meus pacientes
Internados...
Fui para casa,
Caminhei
Pelo quintal,
Por entre
Tudo que compõe
O jardim.
Está tudo verde,
Nesta época
De chuva...
As frutas
Estão evoluindo,
Crescendo:
Mexerica,
Romã,
Limão,
Figo
E as jabuticabas...
A Jade laranja,
Exuberante!
No orquidário
Só flores
Lindas!
Viçosas!
Nina está
No preparo
De uma caranha
Ao forno
Com farofa
De permeio,
Estou de
Água na boca...
Enquanto isto
Vamos degustar
Um vinho tinto
Medianamente
Encorpado
E Carvalhado,
Da mais fina
Casta de uvas.
Apreciando
A natureza,
O sol...
Deixar seus
Suaves raios
Penetrar
Por entre
As nuvens
E chegar
Até mim,
Clareando
Minha vida
E iluminando
Meus caminhos!

Morrinhos, 18.03.23

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 9 – 2023 – Anual

SEGUNDA PARTE

ESCRITORES MORRINHENSES

COMO TE ADORAR

Hava Azevedo.

Senhor! Como não te adorar?
Mas, como te adorar?
Quero levantar mãos santas para ti,
Mas, terei mãos santas?
Quero lhe falar do meu amor,
Mas, terei lábios puros?

Então clamo aos céus.
Céus dos céus, adorai-O!
Adorai-O, todos os seus anjos,
Adora-O, todos os animais,
Adora-O, sol e lua
Adorai-O!

Pois, eu, o ser mais amado de toda criação,
Criado à, imagem e semelhança do Altíssimo
Sinto-me limitada para a minha adoração.

Quem dera ter o vocabulário de todos os poetas,
O movimento dos melhores dançarinos,
Tocar todos os instrumentos.
Mas, sou apenas um ser comum,
Insubmisso, sempre procurando meus próprios interesses,
Correndo atrás do vento,
Ou me escondendo de ti.
Então me apontas o templo,
E, à sombra da cruz, entro.

No Átrio, ofereço meu corpo em sacrifício,
Santo, agradável, perfeito,
Esse é meu culto racional.
Porque, um dia, o jovem Deus me comprou com seu sacrifício;
No santo Lugar, minha alma se rende,
Pois, um dia, o Rei dos reis, voluntariamente, entregou-se por mim.

E, ouso entrar no Santo dos Santos,
Além do véu, véu rasgado como a carne do
Filho de Deus.
Comprada por alto preço,
Lavada por sangue precioso.
Seu sacrifício me permite adorar.
E, além do véu, derramo meu coração em adoração a Ti,
O maior artista do Universo.

TEXTO DRAMÁTICO
Entrevista com Eva

Hava Azevedo

(Eva chorando com algumas roupas de seus filhos no colo, Adão entra, busca palavras para consolá-la, mas não as tem, então a abraça.)

Eva – Quando saímos do Éden, pensei que tínhamos perdido tudo, mas as perdas continuam. Como viver neste mundo tão cruel? O que mais vamos perder?

Adão – Não se preocupe, nosso Pai está no controle de tudo.

Eva – Nós é quem perdemos o controle, a vida, as bênçãos, a presença dele.

Adão – Ele continua conosco.

Eva – Eu sei, às vezes O sinto, mas não é como antes, onde o colo dele me envolvia, as gargalhadas dele, com minhas inocentes descobertas, eram como música, eu me via nos olhos deles, nossas longas conversas...(chora)

Adão – (Ele quer arrancar essa culpa dela, mas não sabe o que fazer com a dele). Vai ficar tudo bem, durmo um pouco. (Ele sai, ela vai dormir e logo começa a sonhar com o futuro).

O sonho

(Uma plateia, num palco um jovem homem sentado numa mesa com um sofá ao lado; ele a chama, ela entra um pouco incomodada com tantas luzes, gente, gritos. Aos poucos, ela consegue ver plateia e sabe que está no futuro. Ela os vê tão frágeis, parecem bonecos).

Pergunta-se: "São esses meus descendentes?" (O apresentador faz comentários sobre suas roupas e aparência, mas ela mal ouve, está em choque). Então ele lhe pergunta:

– Por que você comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal?

Eva – Eu me faço essa pergunta todos os dias. (suspira fundo tentando conter as lágrimas). Curiosidade? Desobediência? Burrice... não sei... tinha tantos frutos no jardim.

Apresentador – Como era o fruto? Era maçã? (sorri)

Eva – Não, não era maçã. Era um fruto diferente dos outros, ou não, talvez porque não podíamos comê-lo, fazia dele único. Quando Adão me via perto do fruto sempre dizia:

– Não toque neste fruto proibido!! A serpente sempre estava por lá e fazia comentários sobre o fruto. Cada dia, o fruto parecia ter um formato, cor, cheiro diferente, ou era a minha imaginação ou as palavras da serpente.

Apresentador – Qual o sabor do fruto?

Eva – Para falar a verdade, não me lembro. Só dei uma mordida e foi horrível, corri para Adão e só me lembro de sua cara assustada, gritando:

– Você vai morrer!!! Então, ele tomou o fruto e comeu também.

Apresentador – O que você sentiu quando comeu o fruto?

Eva – Parece que algo dentro de mim explodiu e desmoronou. Não tenho palavras para explicar. Uma sensação de estar caindo num buraco sem fundo e sentimentos que eu não conhecia me torturavam, medo, pavor, angústia, solidão, tristeza, desespero... (começa a chorar). Desculpe-me, o pecado é horrível!!!

Apresentador – Como era o jardim?

Eva – Lindo, perfeito, confortável, aconchegante, maravilhoso! O lufar do nosso encontro com Ele.

Apresentador – O que tinha lá? Sempre pensei que vocês viviam nus e dormiam na grama.

Eva – Tínhamos tudo no Éden, inclusive um jardim, com flores, árvores, frutos, rios, animais.... nossos corpos eram diferentes; quando pecamos, ficamos limitados.

Apresentador – Então, deixe-me entender, vocês moravam num lugar chamado Éden e lá tinha um jardim?

Eva – Sim, e não dormíamos na grama.

Apresentador – Como foi a vida fora do jardim?

Eva – Triste, estranha, vazia... No início, ficamos bem perdidos, não sabíamos como cuidar da terra, os animais não nos entendiam, aliás eles nos atacavam, tudo perigoso e difícil, mas aprendemos a sobreviver. O pior era convivermos conosco mesmos, além de, às vezes, termos dores físicos, temos uma dor na alma por não termos mais a presença do nosso Criador. No entardecer, é a pior hora do dia porque era quando Ele vinha nos visitar pessoalmente (suspira). Tenho uma dor chamada saudade que me tortura. Já vivemos uma vida cheia de sua presença e, agora, vivemos de lembranças... sem Ele nada faz sentido.

Apresentador – Deus nunca mais os visitou?

Eva – Às vezes Ele fala conosco, mas agora é diferente. Não O temos em nós. O pecado nos deformou.

Apresentador – Você acha que Deus a perdoou?

Eva – Sim, Ele me perdoou e continua me perdoando todos os dias...

Apresentador – E você, já se perdoou?

Eva – Não sei, a tristeza tem sido meu cárcere; quando peno nas injustiças, nos órfãos, nos famintos, nas famílias destruídas, nas guerras... (chora, levanta-se e vai até a plateia, ajoelha-se):

– Sei que vocês não sabem o que perderam. Minha desobediência destruiu a vossa herança.

Vocês se escravizam para ter conhecimento e o bem e o mal fazem guerra em vós. Me perdoem!

Adão volta ao quarto e Eva está se debatendo, ele a acorda.

Eva – (chorando): Me perdoem! Me perdoem!

Adão – Calma, foi só um pesadelo.

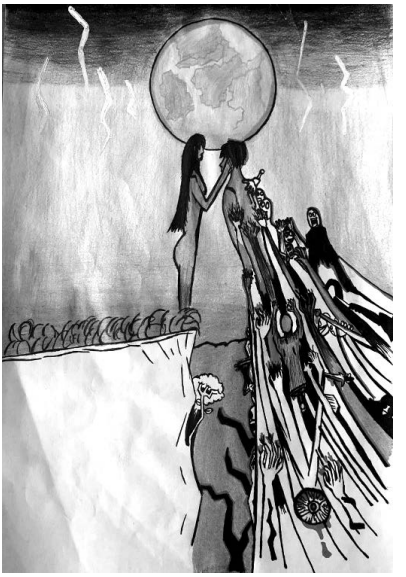
Eva – Foi muito real. Eles são tão frágeis! Eu destruí a herança deles!

Adão – Deus vai consertar o que estragamos. Só precisamos tentar viver da melhor forma possível.

Eva – Como??!! **A eternidade foi arrancada do coração deles.**

Adão – Lembra da promessa? **Seu descendente lhe ferirá a cabeça. Deus não tem dedo nos apontando, Ele tem braços abertos!**

MOSTRA DE DESENHOS
DE JOÃO GABRIEL LEONEL DE SOUSA



ASPECTOS GERAIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AS PRINCIPAIS ARMAS UTILIZADAS DURANTE O CONFLITO

***Katiane Tavares da Silva Cunha*[1]**
***Nicollas Gabriel Costa Brinquedo*[2]**
***João Lucas Guimarães*[3]**
***Luan Souza dos Reis*[4]**

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito que ocorreu entre 1939 e 1945. Caracterizada como um conflito em estado de guerra total, a Segunda Guerra Mundial, foi dividida entre países Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) e do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), fazendo com que praticamente todos os países do mundo se enfrentassem na Europa, África, Ásia e Oceania, deixando mais de 60 milhões de pessoas mortas.

O estopim da Segunda Guerra foi o expansionismo e o militarismo da Alemanha, já com ideologias nazistas bem definidas e que teria alcançado o poder da Alemanha em meados da década de 30. Essas ideias estariam ligadas, principalmente, com os sentimentos de injustiça, de insatisfação, baseada no desfecho da Primeira Guerra Mundial, e a humilhação que a Alemanha teria sofrido com o Tratado de Versalhes, acordo que pôs fim à Primeira Guerra e que proibia a Alemanha de ter navios e aviões de guerra, limitando ao número de 100 mil os soldados de infantaria, além de obrigar a nação alemã a pagar uma indenização bem "salgada" e, ainda a entregar suas colônias para os países vencedores da Primeira Guerra.

1 Mestre em História pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sul é professora da Secretaria Estadual de Educação no Colégio Em Tempo Integral Água Quente. Foi bolsista da CAPES/DS enquanto discente do Programa de Pós-Graduação em História da UEG.

2 Aluno do 9º Ano do CEPI Água Quente

3 Aluno do 9º Ano do CEPI Água Quente

4 Aluno do 9º Ano do CEPI Água Quente

Ao longo da guerra, outros países foram se juntando e tomando partido a um dos lados que estavam na guerra. Nesse sentido, podemos citar como exemplo: Do lado dos Aliados, a inserção do Canadá, do Brasil, da Austrália, da China e da Holanda. Em contrapartida, do lado do Eixo, houve a complementação da Hungria, da Romênia e da Croácia.

De forma sintetizada, pode-se dizer que a Segunda Guerra Mundial foi dividida em três fases, utilizadas para um melhor entendimento dos acontecimentos do conflito. Estes, estariam divididos em: Supremacia do Eixo (1939-1941), Equilíbrio de forças (1942-1943) e Derrota do Eixo (1944-1945).

Vale ressaltar, também, a participação do Brasil no conflito. Haja visto que, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial em 30 de junho de 1944, ao lado dos países aliados. Os soldados brasileiros enviados à guerra estavam vinculados à FEB (Força Expedicionária Brasileira), criada em 1943 com o objetivo de ir lutar na Europa. Os soldados da FEB, aproximadamente 25 mil, lutaram em terras italianas. Cerca de 440 soldados brasileiros foram mortos na Segunda Guerra Mundial.

Imagem 1 – Soldados da Força Expedicionária Brasileira.

Fonte: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/brasil-na-segunda-guerra-mundial.htm

Outra questão de grande relevância, dentro desse contexto, é o Holocausto, ou seja, a perseguição e o assassinato de 6 milhões de judeus por grupos nazistas e seus colaboradores.

De acordo com a ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, "os nazistas tinham como alvo os judeus porque eram radicalmente antissemitas. [...] eles tinham preconceito e ódio contra os judeus. [...] o antissemitismo foi um princípio básico da sua ideologia". Além de outros aspectos, como a base de sua visão de mundo, que via a "raça ariana" como um exemplo de perfeição.

Apesar da devastação de vários países, o que ocasionou milhares de mortes e muita destruição territorial e econômico, para os países envolvidos, a guerra nos deixou uma herança tecnológica, principalmente no tocante bélico.

Nesse sentido, podemos destacar: MG42; Mosin-Nagant; M1 Garand; Arisaka Type 99; Thompson; MP40; PPSh-41; StG 44; Lee-Enfield; Kar98k; Bomba Atômica. Como demostrado abaixo, pela sequência mencionada:

Imagem 2: MG 42

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 3: Mosin-Nagant

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 4: M1 Garand

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 5: Arisaka Type 99

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 6: Submetralhadora Thompson

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 7: MP40

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 8: PPSh-41

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 9: StG 44

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 10: Lee-Enfield

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 11: Kar98k

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Imagem 12: Bomba atômica

Fonte: https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra-mundial/

Dois fatos marcaram o fim da Segunda Guerra Mundial, o dia 8 de maio de 1945, na Europa, pela queda da Alemanha Nazista e o dia 2 de setembro do mesmo ano, na Ásia, com a rendição do Japão após as bombas atômicas, sendo o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki considerado o maior ataque armado contra civis da história.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), basicamente foi uma espécie de continuidade da Primeira Guerra Mundial, com motivos e participadores bem parecidos. No entanto, durante a Segunda Guerra Mundial houve sessenta milhões de homens em armas, entre 45 e 50 milhões de mortes, a maioria delas na população civil, como resultado direto dos combates, ou oitenta milhões de pessoas, se forem contadas também as vítimas que morreram por outros motivos como fome e epidemias. Esses dados seriam oito vezes mais vítimas do que na Primeira Guerra Mundial. O conflito teve seu término com a rendição da Alemanha e, consequentemente, com a derrota do Eixo.

Segundo Osvaldo Coggiola (2017, p. 94), a Segunda Guerra "foi, em primeiro lugar, o conflito militar mais sangrento do todos os tempos. Ele envolveu as mais longínquas regiões do planeta, nos mares e na terra, na neve e no sol escaldante do deserto".

Estes fatos nos fazem perceber o quanto as guerras, de um modo geral, são fatos que não se devem repedir na história, o que, também, se faz necessário seu estudo para que se perceba o quanto se fez mal para toda a humanidade. As vidas que foram perdidas em guerra eram vidas importantes e devem ser relembradas, independentemente de sua nação, crença ou qualquer outro fator.

REFERÊNCIAS:

COGGIOLA, Oswaldo. A Segunda Guerra Mundial: Conflito e Violência. Revista: Segunda Guerra Mundial (PDF). 2017.

https://brasilescola.uol.com.br/historiag/segunda-guerra-mundial.htm.

https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to--the-holocaust.

https://fatosmilitares.com/principais-armas-utilizadas-na-segunda-guerra--mundial/

https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/brasil-na-segunda-guerra-mundial.htm.

RICCO, O SUPERMENINO

Marlene Dias de Oliveira Amador

Vovó Arina era amada, muito querida, vivia com seu filho, nora, netos, um bebê de colo e Ricco, um menino de 9 anos. Moravam perto de uma cidadezinha chamada Pueira; eram pobres sem quase nada, por isso, o pai de Ricco decidiu tentar a vida na cidade grande.

Estavam preparando para longa viagem de trem, seus pertences couberam numa sacola de couro velho. Ricco estava sofrendo muito, pois jamais deixariam a vovó Arina, ainda mais com a tia Zulmira, que era doente sem poder cuidar da vovó Arina.

A vovó sempre dava muito carinho, amor bons conselhos, era uma senhora educada. Sabia e dedicava seu tempo em orações, alfabetizando, ensinando matemática e tudo que sabia, até tarefas domésticas.

O tempo passou e o dia da viagem chegou. O pai de Ricco confiava muito nele, apesar da pouca idade.

Ricco se despediu com abraços e beijos e muitas lágrimas, mal enxergava o trem partindo!...

Ricco voltou pensativo, "agora é a vovó e eu..."

A casinha de quatro cômodos estava com o telhado em ruínas e Ricco ouvira do pai que estava chegando à estação chuvosa. Ricco deitou mais cedo, estava ansioso, pois de manhã acordaria muito cedo para ir para escola. Logo pegou no sono, acordou, tirou água do poço para vovó Arina não se esforçar, cozinhou dois ovos, um para ele e um para vovó. Então, Ricco correu pra não perder o primeiro dia de aula. A escola ficava naquela cidadezinha empoeirada. Ricco chegou tímido com vergonha do chinelo velho e pés empoeirados, mas a professora simpática deixou Ricco bem à vontade. A professora perguntou o nome de cada um e o que gostava de fazer! Chegando a vez de Ricco,

ele respondeu: “gosto de aprender com a vovó Arina. Ela é genial e sabe muito. Aprendi a ler, escrever e fazer contas com a vovó. Não tenho como estudar, em escolas pagas estou um pouco atrasado, mais aprendi muito com a vovó. Ela me ensina como devo agir também. Agora vou aprender mais aqui na escola”.

Mariana gostou de Ricco à primeira vista. Pensou: “Que menino inteligente e agradável!” E lhe perguntou qual era seu endereço. Ricco respondeu: “aquela casinha perto da linha aérea sem número que tem uma bandeira branca no telhado”. A professora perguntou o porquê da bandeira branca e Ricco respondeu: “é que gostamos de ter paz com todas as pessoas” – a professora ficou impressionada com aquela resposta.

Ia chover muito e lógico que ia despencar tudo, uma casa com o telhado de papelão. O arquiteto com o nome de Prata, convocou quatro dos seus melhores homens e encheu o caminhão de telhas, pregos e algumas madeiras, para que no dia seguinte cobrissem a casa do supermenino.

A noite foi horrível, usaram aquele plástico velho que sempre usaram pra se cobrirem e não molharem.

Ricco pegou seu material e foi pra escola, ia pegar mais umas telhas estragadas na volta. Estava meio desiludido, mas sempre dava um jeito de resolver o problema. E aquele era só mais um.

Então Ricco fez a mesma rotina de todos os dias, enquanto isso Prata e seus homens chegaram e chamaram: “Ô, de casa?” – então a vovó Arina saiu e olhou assustada: “o que vocês querem?” – não se assuste senhora, viemos cobrir a casa, explicando que o supermenino se esforçou para cobrir o teto da casa e ele resolveu a ajudar aquele menino tão bondoso e elogiou o neto dela. E a vovó ficou mais orgulhosa ainda de ter Ricco como neto.

Em poucas horas cobriram o teto, cobriram também o cômodo do poço d’água, então parece que a chuva só estava esperando cobrirem a casa de Ricco e da vovó Arina, para desaguar...

Ricco avisou à professora que teria que cuidar da vovó. A professora já estava a par de tudo que acontecia na vida de Ricco. Que estava tão ansioso, que nem viu o novo teto!

A chuva era grossa e nem dava para enxergar. Então, adentrou em casa e um novo teto abraçou. Vovó Arina chorou, comemorou e agradeceu a Deus pelo teto. Afinal, era resposta de Deus na sua vida! Ricco e Prata, o arquiteto ficaram amigos. Prata chamava Ricco de o Supermenino. Agora Ricco, um homem de bem, localizou seus pais e os trouxe para perto dele e da vovó Arina. O pai de Ricco trabalhava com o Prata e a mãe de Ricco trabalhava na padaria. O irmãozinho de Ricco, estudava com Mariana. Ricco virou professor e, assim como sua Avó Arina, gostava de ser bom para com todos, e por isso era amado.

Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental, a Editora Kelps declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso no parque gráfico da
Editora Kelps, no papel: Polen 80g/m^2,
composto na fonte: Source Sans 3
Novembro, 2023

A revisão final desta obra é de responsabilidade dos autores